

JOANA VIEIRA BORGES

PARA ALÉM DO “TORNAR-SE”:
RESSONÂNCIAS DAS LEITURAS FEMINISTAS DE
O SEGUNDO SEXO NO BRASIL

FLORIANÓPOLIS
2007

JOANA VIEIRA BORGES

***PARA ALÉM DO “TORNAR-SE”:
RESSONÂNCIAS DAS LEITURAS FEMINISTAS DE
O SEGUNDO SEXO NO BRASIL***

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em História junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Prof^ª.dr^ª. Joana Maria Pedro.

FLORIANÓPOLIS
2007

Para Elisabeth, Francisco, Júlia e Gabriel.

AGRADECIMENTOS

Quero aproveitar algumas linhas deste trabalho para agradecer carinhosamente ao apoio que recebi, e que foram imprescindíveis para que eu pudesse concluir minha dissertação de mestrado.

À Joana Maria Pedro, minha orientadora, agradeço por acreditar no meu trabalho e por ter me orientado e incentivado, durante todos esses anos em que trabalhamos juntas, com tanta dedicação e disponibilidade. Agradeço também pela amizade e atenção.

Um abraço carinhoso a todas (os) colegas de mestrado e, principalmente, as (os) amigas (os) de pesquisa no Laboratório de Estudos de Gênero e História que cruzaram seus caminhos com os meus neste período: Maria Cristina, Soraia, Veridiana, Gabriel, Juliano, Cláudia, Justina, Marilane, Luciana, Cristiane, Ilanil e Carol.

Às professoras Cláudia de Lima Costa, Maria de Fátima Fontes Piazza e Maria Teresa Santos Cunha, pelas críticas, sugestões e leituras que propuseram ao trabalho.

Às professoras e professores do curso de Pós-Graduação em História, e à Nazaré pelo carinho e atenção com que sempre me recebeu na secretaria da pós.

Às professoras Maria Lygia Quartim de Moraes, Cristina Scheibe Wolff, Cristiani Bereta da Silva, e ao professor Rogério Luiz de Souza, agradeço por terem aceitado o convite para participar da banca examinadora.

Às amigas Juliana e Simone, que sempre estiveram ao meu lado nos momentos de angústia e alegria, e com as quais eu aprendi muito. Do mesmo modo Ana Rita, agradeço pela amizade, pelas conversas sempre carinhosas nos momentos de maior ansiedade, e pela leitura atenta que fez do meu trabalho.

A uma das minhas maiores incentivadoras, minha amiga Maise. Obrigada por nunca ter me deixado só. Cada parte deste trabalho é fruto também da sua motivação, da sua atenção e sugestões. Com certeza, eu não teria conseguido sem você amiga.

Ao meu companheiro “Azul”, meu muito obrigada. Sou imensamente grata pelo seu amor, paciência e confiança. Agradeço por estar lado a lado comigo nesta caminhada, em cada desafio, e fazendo de meus dias sempre momentos felizes. Amo-te!

Gostaria de agradecer de maneira muito especial a minha mãe, meu pai, a minha irmã Júlia e meu irmão Gabriel, por toda a ajuda, amor e apoio indispensáveis para minha formação profissional e pessoal. Não existem distâncias entre nós, pois vocês vivem em mim, todo o tempo e para sempre. Amo-os, e admiro ainda mais a força em cada um de vocês.

Agradeço ainda à minha família, e nesta incluo com muito carinho Cláudia e Nildo, e a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para que eu chegasse até aqui.

A Capes pela bolsa de estudos que viabilizou esta pesquisa.

Sem vocês todas (os), nada disto seria possível!

RESUMO

Publicado em 1949 na França, O Segundo Sexo passou a ser uma das obras pioneiras dos estudos sobre as mulheres e das relações de gênero, sendo referência para os feminismos principalmente a partir dos anos 60 e 70. Nesta obra, ao analisar minuciosamente a “condição da mulher” na sociedade, Beauvoir compreendeu que a “figura feminina” e as posturas que lhes são atribuídas nada mais são do que construções do social produzidas ao longo da história. Partindo de uma história da leitura de O Segundo Sexo, informada pelas narrativas e pelas obras de divulgação das feministas brasileiras, este trabalho busca refletir sobre as possíveis ressonâncias que o texto de Simone de Beauvoir teria produzido no feminismo nacional.

Palavras-chave: história da leitura – O Segundo Sexo – história do feminismo

ABSTRACT

Published in 1949 in France, The Second Sex became one of the pioneer works of the studies on the women and of the gender relations, being mainly reference for the feminisms starting from the sixties and seventies. In this work, when analyzing the “woman's condition” minutely in the society, Beauvoir understood that the “feminine figure” and the postures that are attributed to them are nothing more than constructions of the social produced along the history. Leaving of a history of the reading of The Second Sex, informed by the narratives and for the works of the Brazilian feminists, this work intends to reflect about the possible resonances that the text of Simone de Beauvoir would have produced in the national feminism.

Key words: history of the reading - The Second Sex – feminism's history

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO 1 - CONSTRUINDO SIMONE DE BEAUVOIR E	17
<u>O SEGUNDO SEXO: CIRCULAÇÕES</u>.....	
1.1 “Escrevemos a partir do que nos fizemos ser”	19
1.2 <u>O Segundo Sexo</u> : Ressonâncias.....	24
1.3 O texto enquanto livro no Brasil: repercussão e publicações.....	25
1.3.1 <i>Editoras</i>	40
1.3.2 <i>Tradução</i>	44
CAPÍTULO 2 – LEITURAS E PRIMEIRAS IMPRESSÕES.....	49
CAPÍTULO 3 – LEITURAS, REFLEXÕES E APROPRIAÇÕES.....	79
2.1 As apropriações nas obras de divulgação feminista: 1960-1980.....	81
2.2 O Cinquentenário de <u>O Segundo Sexo</u> no Brasil: edições comemorativas.....	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	119
FONTES.....	124
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	130

INTRODUÇÃO

Agora, o que me parece importante é a repercussão desse livro fora da sociedade francesa, em outros países como o Brasil. Você vê a minha geração (...), todas passamos por esse livro, então ele foi um marco, sem dúvida nenhuma, abriu muitas cabeças de quem o leu, ele foi muito importante. É um marco histórico, continua sendo e esse reconhecimento, as reverências foram feitas ainda que se fizessem críticas – sempre se faziam reverências porque ela continua sendo uma referência e também há que se atentar para sua precocidade. Naquele momento, o livro foi fundamental e continuou sendo por muito tempo¹

Segundo a colocação de Heleieth Saffioti, houve uma geração de leitoras de O Segundo Sexo² no Brasil que o considera um marco; uma referência, no que diz respeito à história do feminismo. Partindo da perspectiva de que toda leitura tem uma história, que não é sempre a mesma em todos os lugares e para todas as pessoas³, faz-se necessário nos indagarmos quanto a algumas questões que nos parecem pertinentes, como: Quem foi essa geração de leitoras de O Segundo Sexo? Qual teria sido esse momento de leitura que nos fala Heleieth Saffioti? Como e por que teriam se dado essas leituras?

Ao escolher O Segundo Sexo, no intuito de refletir sobre o impacto do texto para as feministas brasileiras no período que compreende as décadas de 1960 a 1990, pretendemos trazer ao conhecimento geral as ressonâncias que essa leitura teve na formação intelectual e na história do movimento feminista brasileiro.

Este trabalho fundamenta-se no pressuposto de que nas reflexões feitas pelas feministas brasileiras sobre o texto de Simone de Beauvoir é possível observar a

¹ SAFFIOTI, Heleieth. Conferência – *O Segundo Sexo* à luz das Teorias Feministas Contemporâneas. In: MOTTA, Alda Britto da; SARDENBERG, Cecília; GOMES, Márcia (Org). Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas. Salvador: NEIM/UFBA, 2000. Coleção Bahianas 5. P. 35.

² BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo [doravante OSS]. Vol. 1. Fatos e Mitos. 4ª edição. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970; e BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo. Vol. 2 A Experiência Vivida. 3ª edição. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1975.

³ DARNTON, Robert. História da Leitura. In: Burke, Peter (org). A Escrita da História: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. P. 233.

construção do pensamento feminista coerente com a expectativa de determinadas épocas e contextos. Segundo Joan DeJean, “a nova história literária agora sendo escrita é a história do livro no sentido mais amplo do termo”⁴, ou seja, elaborar uma história da leitura de O Segundo Sexo no Brasil é, neste sentido, um dos caminhos possíveis para compreender uma das maneiras pela qual esta obra foi lida, em que circunstâncias, e quais os impactos que produziu na constituição do movimento feminista.

Promover uma análise das teses apresentadas no texto de Beauvoir foge aos objetivos desta proposta, que busca trabalhar as narrativas memorialísticas sobre a leitura de O Segundo Sexo - através de entrevistas com feministas atuantes no cenário nacional, em sua maioria nos centros acadêmicos -, e reflexões sobre o livro - partindo de algumas obras de divulgação feminista⁵ publicadas por brasileiras, objetivando refletir sobre quem foram essas leitoras; que momento viviam na época de suas leituras; como e por quais motivos tiveram acesso ao texto; e quais os sentidos que empregaram ao que foi lido.

Pensando teoricamente a leitura e suas apropriações para a reflexão historiográfica, não poderíamos deixar de recorrer principalmente aos estudos de Roger Chartier, que propõem reflexões a respeito do contato “leitor-texto”. Discutindo sobre o encontro entre o “mundo do texto” e o “mundo do leitor”, Chartier ressalta que a operação de construção de sentido efetuada na leitura é um processo historicamente determinado, variando de acordo com o lugar, o tempo, e os grupos sociais⁶. Segundo o autor, as leituras diferem de pessoa a pessoa, que dão aos textos significações plurais e móveis⁷. Desta forma, a leitura é uma criação, sendo que seu sentido é dado pelo (a) leitor (a) de acordo

⁴ DEJEAN, Joan. Antigos contra Modernos: as guerras culturais e a construção de um *fin de siècle*. Tradução de Zaida Maldonado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. P. 72.

⁵ Entendemos pelo termo “obras de divulgação feminista”, empregado neste trabalho, por aquelas obras que se apresentam como leituras recorrentes e importantes para os estudos sobre os movimentos feministas, ou seja, que divulgam as idéias e a história do movimento, mesmo que o objetivo destas não tenha sido este no momento em que foram produzidas.

⁶ Ver, a este respeito, CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação. Estudos Avançados 11(5), 1991.

⁷ CHARTIER, Roger (Org). Práticas da Leitura. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. P. 78.

com o contexto em que este (a) está inserido (a).

Um conceito importante para a história da leitura é a “noção de apropriação”, segundo a qual, ressalta Chartier “é possível avaliar as diferenças na partilha cultural, na invenção criativa que se encontra no âmago do processo de recepção”⁸. Ou seja, através desta noção é possível percebermos os contrastes e as semelhanças entre as diferentes formas de apropriação da leitura de O Segundo Sexo pelas feministas brasileiras.

Investigar como se deu esse processo de significação é escrever uma história da leitura de O Segundo Sexo para o movimento feminista nacional, retomando com uma nova problemática o sentido que as feministas deram a estas leituras, entendendo que as práticas desta para a “comunidade de leitoras” em questão estão fortemente regidas pelos contextos das décadas de 60 a 90⁹, assim como pelas formas discursivas e materiais do texto lido.

Quanto à questão geracional, mostrou-se pertinente à nossa intenção de reunir as leitoras feministas brasileiras de O Segundo Sexo através de suas experiências e trajetórias de vida, caracterizadas por momentos históricos vividos em comum, como, por exemplo, a ditadura militar para a geração das feministas entrevistadas, que leram o texto de Simone de Beauvoir em sua maioria entre os anos 60 e 80.

Nesse sentido, tomamos este grupo de leitoras “ao mesmo tempo objeto da história e como instrumento de análise” através da noção de geração enquanto categoria analítica¹⁰. Para Jean-François Sirinelli, “o uso de geração como padrão exige vigilância e precauções”, uma vez que além de ser um fator “biológico”, e por isso natural, é

⁸ CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, Lynn. A Nova História Cultural. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 2ª edição. São Paulo: Martins fontes, 2001. – (O homem e a história). P. 233.

⁹ Este recorte temporal se justifica na medida em que estaremos analisando as leituras de O Segundo Sexo realizadas entre os anos de 60 e 80 pelas feministas entrevistadas, e pela problematização das questões contidas no texto de Simone de Beauvoir entre os anos 70 e 90 pelas autoras feministas em suas obras de divulgação.

¹⁰ Ver, a esse respeito, SIRINELLI, Jean-François. A geração. In: (Org) FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. Usos e Abusos da História Oral. 5ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002. P. 132.

igualmente um “fator cultural” moldado pelos acontecimentos e pelo sentimento de pertencimento a uma “faixa etária com forte identidade diferencial” ¹¹.

A (o) historiadora (o) é quem deve ainda classificar as gerações com que irá trabalhar, estabelecendo-lhes limites elásticos e móveis da categoria em relação ao tempo¹², que no caso deste trabalho, por exemplo, agrupa a geração de feministas selecionadas para a análise da seguinte forma: mulheres na faixa etária de 50 a 69 anos que entre os anos de 1964-1985 identificaram-se com os feminismos, seja através das universidades, partidos políticos ou ainda outros setores de militância; que tiveram participação na divulgação das idéias do movimento; e que possuem alguma leitura de O Segundo Sexo.

Em relação às recordações a respeito das leituras de O Segundo Sexo contidas nas narrativas das feministas entrevistadas e das autoras dos livros e artigos nas obras de divulgação analisadas, problematizamo-las a partir de reflexões sobre a memória como categoria possível de análise histórica.

Para Marina Maluf, a recordação é fornecida pelo (a) narrador (a) através de um sentimento de realidade que este (a) tem de estar percorrendo sobre seu passado¹³. Segundo a autora, “nada é esquecido ou lembrado no trabalho de recriação do passado que não diga respeito a uma necessidade presente daquele que registra” ¹⁴. Ou seja, o “ato de relembrar” é reconstituição seletiva de um passado através de um lugar social, e, portanto coletivo, que aquele (a) que lembra ocupa no presente. Desta forma, as feministas entrevistadas, no momento de suas falas, estão “contaminadas” pelas lembranças, “olhando” para um passado através de uma indagação atual, e desta forma, construindo-se na narrativa. Alguns pontos manifestos em suas narrativas podem parecer improváveis e até mesmo incertos, e,

¹¹ Ibid, P. 133.

¹² Ibid, P. 134.

¹³ MALUF, Marina. Ruídos da Memória. São Paulo: Siciliano, 1995. P. 30-31

¹⁴ Ibid, P. 31.

nesse sentido, Marina Maluf indica:

É importante observar que os registros memorialísticos devem ser lidos e analisados como facho de luz sobre realidades que se pretende conhecer mais profundamente, como pistas e como modos de despistar. Cabe ao historiador tentar ir além do que foi lembrado (...) ¹⁵.

Assim, com base nos princípios teóricos acima referidos, analisaremos as leituras feitas de O Segundo Sexo no Brasil a partir da década de 60, tendo as narrativas das feministas brasileiras e seus escritos como principais fontes.

Em entrevistas realizadas pela professora Joana Maria Pedro, para a pesquisa “Revolução do Gênero: Apropriações e Identificações com o feminismo (1964-1985)” ¹⁶, e por Janine Petersen, para a elaboração de sua dissertação de mestrado “Formação de Grupos Feministas em Santa Catarina – Década de 1980” ¹⁷, encontramos registros das primeiras leituras de O Segundo Sexo no Brasil. Estas trazem as narrativas de algumas das feministas brasileiras que têm por característica comum uma história de atuação em instituições e organizações feministas entre as diversas regiões do País, e, desta forma, um reconhecimento no cenário nacional em relação ao movimento ¹⁸. Embora não tenham sido indagadas especificamente sobre as leituras que realizaram de O Segundo Sexo, ao serem

¹⁵ Ibid, P. 45.

¹⁶ Entrevistas realizadas entre os anos de 2003 e 2005 para o projeto “Revolução de gênero: Apropriações e identificações com o feminismo (1964-1985)”, coordenado pela Prof^a. Dr^a. Joana Maria Pedro (Universidade Federal de Santa Catarina).

¹⁷ PETERSEN, Janine. Formação de Grupos Feministas em Santa Catarina – Década de 1980. Florianópolis. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2006.

¹⁸ A Prof^a. Dr^a. Joana Maria Pedro contou para a realização destas entrevistas com uma rede de relações acadêmicas no intuito de entrar em contato com as entrevistadas, seja através de e-mails, telefonemas e, principalmente, quando algum membro da equipe de sua pesquisa, e inclusive a própria professora, participava de eventos acadêmicos fora de Florianópolis/SC. O roteiro das entrevistas abordaria, entre outras, as seguintes questões: 1) No período de 1964 a 1985 identificou-se com o feminismo? 2) em que circunstâncias? 3) como viveu o período da ditadura (o que fazia, e onde)? 4) que coisas aconteceram para que passasse a identificar-se com o feminismo? 5) Quais leituras e/ou pessoas tiveram influência? 6) Divulgou estas idéias? Por que meios? As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas por membros da equipe de pesquisa, sendo algumas delas disponibilizadas pelo site PORTAL FEMINISTA. Disponível em: <www.portalfeminista.org.br>. Acesso em: 14 jan. 2007.

interrogadas sobre os livros que consideraram importantes em seus momentos de identificação como feministas, citam o ensaio de Simone de Beauvoir. Importantes atentarmos ao fato de que o grupo de feministas apresentadas nesta pesquisa representa uma amostra, e que em sua maioria atuam ou atuaram nos meios acadêmicos.

Essas falas, que trazem importantes informações sobre as circunstâncias em que se deram as leituras e as primeiras impressões das feministas em relação a O Segundo Sexo, foram analisadas segundo as preocupações metodológicas não somente da história da leitura, memória e geração como categorias analíticas, mas também pelas reflexões propostas pela história oral, no ato em que foram realizadas. Contudo, e segundo Verena Alberti, “é na realização de entrevistas que se situa efetivamente o *fazer* a história oral: é para lá que convergem os investimentos iniciais de implantação do projeto de pesquisa, e é de lá que partem os esforços de tratamento do acervo”¹⁹. Ou seja, a análise das narrativas empregada neste trabalho está consciente do tratamento dado às entrevistas, no momento em que estas foram realizadas, em relação à história oral²⁰, entretanto, o que utilizamos foram as falas já transcritas; como documentos, e deste modo, abordá-las-emos sob a perspectiva da memória.

Alguns livros e artigos publicados por feministas brasileiras desde o final dos anos 60 permitiram-nos investigar processos de apropriação de O Segundo Sexo, ou seja, como suas leitoras/autoras utilizaram-no em suas produções textuais. Para tanto, é importante salientarmos que consideramos aqui apenas algumas das obras nacionais que utilizam O

19 ALBERTI, Verena. História Oral: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1990. P. 45.

²⁰ Entenda-se por esses investimentos a elaboração do roteiro das entrevistas; os mecanismos de controle e de acompanhamento das mesmas; as transcrições; o cuidado com as cartas de concessão dos depoimentos; e principalmente, das especificidades que se estabeleceram na relação com as entrevistadas.

Segundo Sexo fazendo citações diretas a este, ou seja, quando as discussões com o texto de Beauvoir estão devidamente referenciadas seja no corpo do texto e/ou na bibliografia²¹.

Com efeito, elaborar uma discussão sobre o texto de Beauvoir não é, para a maioria destas publicações, a questão central desenvolvida pelas autoras. Esta pesquisa não permite, evidentemente, analisar pormenorizadamente o conteúdo das obras das feministas nacionais, ou ainda observar se as reflexões levantadas pela autora francesa em O Segundo Sexo foram devidamente empregadas nestas publicações, pois partimos de pressupostos da história da leitura - já anteriormente exposto - de que seria um equívoco tentarmos qualificá-las entre leitura “certa” e “errada”. Entretanto, estas publicações nos possibilitam observar algumas questões como: de que forma as autoras feministas manifestaram suas leituras do ensaio de Simone de Beauvoir, e que tipo de diálogo mantiveram com as reflexões propostas pela autora francesa em seus textos.

No Brasil se desconhece, até o presente momento, um estudo que trate especificamente da repercussão de O Segundo Sexo, apenas publicações comemorando a primeira edição do livro na França, em 1949. *Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas*²², organizado pelo Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher da Universidade Federal da Bahia, e *Simone de Beauvoir os feminismos do século XX*²³, do Cadernos Pagu, são exemplos dessas edições que homenagearam Beauvoir e sua obra, e serão utilizados em nossas análises. Através da coletânea de artigos apresentados nestes exemplares podemos perceber, em certa medida, como foi a recepção e a repercussão do texto no Brasil.

²¹ As obras disponibilizadas para esta análise fazem parte do acervo pessoal da Prof^a.dr^a. Joana Maria Pedro e do acervo da Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina.

²² MOTTA, Alda Britto da; SARDENBERG, C.; GOMES, M. (Orgs.). Op. cit.

²³ CADERNOS PAGU. Simone de Beauvoir & os feminismos do século XX. Campinas, SP: Publicação do PAGU – Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, n.12. 1999.

Alguns artigos indicam, ainda que de maneira indireta, o período em que o livro estava sendo publicado no país, que pessoas estavam fazendo essas leituras, atendendo a quais preocupações, e em que contexto. A leitura de dois artigos em especial nos auxiliou a levantar questões importantes para este trabalho: o artigo de Sylvie Chaperon, *Auê sobre O Segundo Sexo*, contido no volume do Cadernos Pagu²⁴, anteriormente citado, e *No se nasce feminista, se llega a serlo. Lecturas y recuerdos de Simone de Beauvoir em Argentina, 1950 y 1990*, de Marcela María Alejandra Nari, publicado na revista MORA²⁵. Enquanto o primeiro trabalho fala da polêmica que o livro causou quando foi publicado na França, o segundo apresenta seu impacto na Argentina da década de 50 e 90. Esses artigos foram relevantes por apresentarem as questões norteadoras das autoras em suas pesquisas, guiando-nos na análise das informações que obtivemos sobre o tema no Brasil.

Em relação à estrutura do trabalho, será composta de três partes. No primeiro capítulo, *Construindo Simone de Beauvoir e O Segundo Sexo: circulações*, a discussão recai sobre uma história do livro no Brasil. Este capítulo está dividido em cinco partes que destacam respectivamente reflexões sobre Simone de Beauvoir; o texto; o contexto de entrada de O Segundo Sexo no Brasil; as editoras e o tradutor. Esta divisão possibilitará observarmos a importância dos personagens na história do livro, assim como percebermos as circunstâncias de sua publicação em território nacional. Abordaremos a materialidade de O Segundo Sexo enquanto livro no objetivo de percebermos a questão de sua circulação. É importante ressaltarmos que não estamos trabalhando com uma edição específica, ou seja, com uma mesma edição lida por todas as feministas entrevistadas e autoras de obras de divulgação; com uma materialidade partilhada por todas as leitoras.

²⁴ CHAPERON, Sylvie. Auê sobre *O Segundo Sexo*. CADERNOS PAGU. *Op. cit.*

²⁵ NARI, Marcela María Alejandra. No se nasce feminista, se llega a serlo. *Lecturas y recuerdos de Simone de Beauvoir em Argentina, 1950 y 1990*. MORA – Revista del Instituto Interdisciplinario de Estudios de Género. Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Buenos Aires. Nº 8. Diciembre 2002. (Tradução livre – Joana Vieira Borges)

Em *Leituras e Primeiras Impressões*, o segundo capítulo, partimos de uma história da leitura de O Segundo Sexo informada pelas narrativas das feministas brasileiras, no intuito de refletirmos sobre quem eram essas leitoras; o que viviam no momento de suas leituras; e quais foram os sentidos que deram ao texto de Simone de Beauvoir. Para tanto, utilizamos dezoito entrevistas realizadas entre os anos de 2003 e 2005 em Salvador, Florianópolis, São Paulo, Rio de Janeiro, entre outras cidades, e nas quais as feministas nascidas entre os anos de 1940 e 1950, relatam suas trajetórias e experiências pessoais de identificação com o feminismo²⁶.

No último capítulo, *Leituras, Reflexões e Apropriações*, observamos tanto as formas pelas quais as leituras de O Segundo Sexo foram realizadas no Brasil, como também as maneiras pelas quais as feministas brasileiras responderam a essas leituras através de suas publicações. Ou seja, de que forma as feministas nacionais manifestaram suas leituras de O Segundo Sexo em seus escritos? Que tipo de diálogo mantiveram com as reflexões propostas por Simone de Beauvoir nos textos que publicaram? Nesse sentido, a análise foi realizada com base em textos publicados por feministas brasileiras da década de 70 ao final da década de 90, na qual foram escolhidos seis livros e duas publicações comemorativas do cinquentenário de O Segundo Sexo como critério de trazerem referências diretas ao texto de Simone de Beauvoir²⁷.

²⁶ Ver lista de fontes na página 125

²⁷ Ibid.

CAPÍTULO 1

CONSTRUINDO SIMONE DE BEAUVOIR E O SEGUNDO SEXO: CIRCULAÇÕES

Nasci às quatro horas da manhã, a 9 de janeiro de 1908, num quarto de móveis laqueados de branco e que dava para o Bulevar [sic] Raspail. Nas fotografias de família, tiradas no verão seguinte, vêem-se jovens senhoras de vestidos compridos e chapéus empenados de plumas de avestruz, senhores de palhetas e panamás sorrindo para o bebê: são meus pais, meu avô, meus tios, minhas tias, e sou eu ²⁸.

Na citação acima, observamos um exemplo da maneira de “reconstruir-se” adotada por Simone de Beauvoir em suas memórias. Ao relatar o seu nascimento como se lembrasse exatamente do momento em que a fotografia em questão havia sido tirada - algo praticamente inviável de ser disponibilizado pela memória humana-, a autora acaba buscando um fato que possa dar uma conotação mítica ao seu começo enquanto personalidade. Em seus livros de memórias²⁹, a autora realiza uma releitura de sua vida amparada pela filosofia existencialista – para a qual cada indivíduo é unicamente responsável pela sua existência - no intuito de construir a história de sua personalidade como um projeto realizado por si mesma e em escala de ascensão, embora seja importante lembrar que a certeza de seu sucesso nesses escritos deriva da já reconhecida repercussão de *O Segundo Sexo*, publicado em 1949³⁰.

Segundo Philippe Lejeune, a autobiografia é a narrativa realizada por qualquer pessoa sobre a sua própria existência, enfatizando sua vivência individual. Elaborada em

²⁸ BEAUVOIR, Simone de. *Memórias de uma moça bem-comportada* [doravante MMBC]. Tradução de Sérgio Milliet. 3ª ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964. P. 07.

²⁹ Seus livros de memória são *Memórias de uma moça bem comportada* (1958), *A Força da Idade* (1960), *A Força das Coisas* (1963) *Uma morte muito suave* (1964), *Balanço Final* (1972), e *A Cerimônia do Adeus* (1982).

³⁰ Simone de Beauvoir começou a escrever suas memórias/autobiografias posteriormente à publicação de *O Segundo Sexo* (1949), cerca de dez anos depois.

prosa retrospectiva, a autora ou o autor se faz ao mesmo tempo narrador (a) e personagem de sua própria história³¹. Nesse sentido, podemos dizer que Simone de Beauvoir se enquadra nas condições da definição de Lejeune, uma vez que a autora ao escrever suas memórias não trabalha com a hipótese dos desvãos da mesma, assumindo estar reescrevendo sua história pessoal tal como foi vivida.

Essa forma de Simone relatar sua trajetória como a reconstrução fiel de sua experiência de vida em transformação – de uma menina prodígio em uma intelectual singular – é característica de seus escritos memorialísticos/autobiográficos, e mais importante que isso, fornece a suas leitoras e leitores indícios suficientes para uma reflexão sobre “quem foi Simone de Beauvoir?”. Desta forma, escolhemos partir da maneira como Simone, com base em suas memórias sobre sua trajetória individual, construiu a si mesma, no intuito de procurarmos responder a esta pergunta e observamos a autora por seu viés leitora/escritora. Ou seja, acompanharmos o olhar reflexivo de Simone de Beauvoir já reconhecida pela publicação de O Segundo Sexo em relação à trajetória da menina Beauvoir que amava os livros e sonhava em ser escritora.

Quanto ao Segundo Sexo, destacamos também depoimentos da própria autora ao falar do texto, como forma de apresentarmos os pontos mais relevantes na história do livro: a questão da produção, publicação e repercussão. Sobre o livro no Brasil, apesar da escassez das fontes em relação a sua circulação, abordaremos a questão contextual da entrada do livro no País, bem como as editoras e o tradutor, responsáveis pela difusão do texto.

³¹ Ver, a esse respeito o artigo MACIEL, Sheila Dias. *Termos de Literatura Confessional Em Discussão*. Disponível em: <http://www.ceul.ufms.br/guavira/numero1/maciel_sheila_e.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2007.

1.1 “Escrevemos a partir do que nos fizemos ser”³²

Simone Lucie Ernestine Marie Bertrand de Beauvoir nasceu numa família burguesa em Paris no início do século XX, e embora tenha estudado dos cinco aos dezessete anos em um colégio de ensino religioso, o *Cours Désir*, abandonou a crença na religião ainda na juventude, herdando do pai agnóstico, Georges de Beauvoir, o gosto pelas letras. A descoberta da leitura e o amor pelos livros marcam suas lembranças dos tempos da infância e adolescência narrados em Memórias de uma moça bem comportada, o primeiro de seus livros de memórias escrito entre 1956 e 1958. Neste livro de narrativa bastante romanesca, Simone escreve que sua aspiração em tornar-se uma escritora começou desde muito cedo, quando criticava o conteúdo das histórias infantis contadas por sua babá Louise. Por ter consciência crítica das atitudes superiores dos adultos em relação a ela enquanto criança prometeu-se aos cinco anos não esquecer quando crescesse que nesta idade “já se é um indivíduo completo”³³. Beauvoir apresenta neste livro de memórias sua trajetória do nascimento aos vinte e um anos, em busca de tornar-se uma intelectual, sempre ponderando em sua narrativa seu lado de “moça bem comportada”, estudiosa, obediente e, inicialmente religiosa, a seu lado rebelde, determinada a alcançar seu projeto de autonomia como mulher, desvinculando-se dos padrões da época.

Françoise Brasseur, sua mãe, era quem escolhia inicialmente suas leituras, prendendo com alfinetes as páginas tidas como impróprias para sua idade, que a princípio, Simone não se atrevia a retirar. Já no começo de sua adolescência, Beauvoir buscava clandestinamente durante as madrugadas e nos momentos em que se encontrava sozinha em casa, as obras proibidas na biblioteca de seus pais. Segundo Simone:

³² BEAUVOIR, Simone de. apud FRANCIS, Claude; GONTIER, Fernande. Simone de Beauvoir. Tradução de Oswaldo Barreto e Silva. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

³³ BEAUVOIR, Simone de. MMBC., P. 14.

Passava horas maravilhosas, no fundo da poltrona de couro, devorando a coleção de romances de 90 centavos que haviam deliciado meu pai em sua mocidade: Bourget, Alphonse Daudet, Marcel Prévost, Maupassant, os Goncourt. (...). De um modo geral, não estabelecia, por assim dizer, uma relação entre essas narrativas e a minha experiência; compreendia que evocavam uma sociedade em grande parte obsoleta. (...) Nenhuma dessas obras oferecia-me uma imagem do amor que pudesse satisfazer-me, nem uma idéia de meu destino. Mas dava-me o que lhes pedia: desterravam-me. Graças a ela, eu me libertava da infância, entrava num mundo complicado, aventureiro, imprevisto³⁴.

Mais tarde, decretaria autonomia no processo de escolha de suas leituras, o que lhe renderia seus primeiros desentendimentos e discussões com a mãe. No final da década de 1910, Simone ingressa, por pressão familiar e de seus professores, nos estudos de Letras e Matemática, uma vez que preferia Filosofia. De qualquer forma, aceita pela oportunidade de ter mais liberdade em suas leituras e pela aproximação com duas de suas ambições: escrever e dar aulas. Sua rebeldia passou então a ser alimentada pelas obras que conseguia em suas voltas pela cidade, ou ainda emprestadas e indicadas por amigas e amigos, e entre esses Zazá e o primo Jacques, por quem se apaixonou no início da juventude.

Simone escreve em suas memórias que cada vez mais passava a acreditar que para desenvolver seu espírito crítico e diferenciar-se era necessário “devorar” mais e mais livros. Sua compulsão pela leitura e pelos estudos acabou fazendo com que seus pais percebessem que ela começava a se afastar do que era preconizado para as moças da sua época e condição social: casamento e filhos.

Afundi na leitura como outrora nas orações. A literatura me tomou, na minha vida, o lugar que ocupara a religião: invadiu-a por inteiro e transfigurou-a. Os livros de que gostava tornaram-se uma Bíblia da qual eu hauria conselhos e ajudas. (...) Durante meses, alimentei-me de literatura: mas era então a única realidade a que me era possível ter acesso. Meus pais franziam o cenho. (...) Não tinham mais a possibilidade de censurar minhas leituras, mas amiúde indignavam-se

³⁴ Ibid, P. 100.

violentamente. Irritei-me com esses ataques. O conflito que amadurecia entre nós exasperou-se³⁵

Sobre seus autores preferidos, Simone se coloca como cúmplice deles em matéria de externar os sentimentos do momento; da época e lugar em que refletiam. Sentia-se, assim como eles, desconfortável em sua condição de burguesa; desajustada em sua classe social.

Barres, Gide, Valéry, Claudel: eu partilhava as devoções dos escritores da nova geração; e lia febrilmente todos os romances, todos os ensaios de meus jovens mestres. É normal que me houvesse reconhecido neles: éramos do mesmo meio. Burgueses como eu, sentiam-se, como eu, pouco à vontade em suas peles.

Afastou-se da religião, até então influencia direta da mãe, e passou a invejar a vida dos rapazes, que tinham uma vida mais livre e intelectualmente mais rica do que as garotas da mesma idade. Foi então que decidiu dedicar sua vida ao trabalho intelectual e resolveu, de acordo com suas próprias palavras, “emergir”³⁶. Passou a se interessar por filosofia, a ler Bérghson, Platão, Schopenhauer, Leibniz, Hamelin, e Nietzsche, e a refletir sobre temas como a vida, a matéria, o tempo e as artes. “Não tinha doutrina certa; sabia pelo menos que rejeitava Aristóteles, Santo Tomás, Maritains e igualmente todos os empirismos e o materialismo. Em suma, filiava-me ao idealismo crítico (...)”³⁷.

Logo após bacharelar-se em Letras-Latim e Matemática Elementar, ingressa em 1926 na Sorbonne, passando a se dedicar obstinadamente ao estudo de Filosofia. Na Sorbonne aproximou-se da juventude de esquerda, e embora lhes apreciasse as razões e o inconformismo, não concordava que as pessoas fossem alistadas em grupos fechados, mas

³⁵ Ibid, P. 169.

³⁶ Ibid, P. 128.

³⁷ Ibid, P. 211.

sim que tivessem livre-arbítrio para refletir sobre seus problemas e possíveis soluções³⁸. É nesta época que Beauvoir descobre os bares e o gosto pela liberdade, que, segundo ela mesma conta em suas memórias, pareciam-lhe aproximar do mundo dos homens que ela tanto admirava. Nesta mesma época, fez novas e importantes amizades, como Maurice Merleau-Ponty, René Maheu, Paul Nizam e Jean-Paul Sartre. Em 1929, prepararam-se juntos para a *agrégation* em Filosofia - exame nacional para a licenciatura - e em 17 de julho do mesmo ano os resultados foram afixados: Sartre tirou o primeiro lugar e Simone, por uma diferença de dois pontos, ficou com o segundo³⁹.

Muito vem sendo discutido ao longo dos anos a respeito do par “Sartre-Beauvoir”, e recentemente foi lançada uma “dupla biografia” bastante completa, onde a escritora inglesa Hazel Rowley narra com o auxílio de relatos, diários e correspondências, a vida dos personagens enquanto um dos casais mais instigantes da história: se amaram, porém não foram oficialmente casados, não tiveram filhos, não moraram juntos e tinham casos abertos e até mesmo paixões por outras pessoas. Simone de Beauvoir e Sartre estabeleceram desde o início de sua relação uma condição de “casamento aberto” que suscitou, e ainda suscita intenso debate e críticas. Polêmicas sobre esse relacionamento à parte, e que demandariam um outro trabalho, o certo é que sua celebridade vem acima de tudo desta relação com o grande intelectual existencialista, sendo muitas vezes reduzida a sua “fiel discípula”⁴⁰.

Entre as perguntas sempre postas em questão, e que aqui nos interessam, estão: Simone era dependente intelectualmente de Sartre? Foi ele quem transformou Simone de Beauvoir na célebre escritora reconhecida mundialmente? Independente das múltiplas respostas que possam existir, o certo é que Simone, desde muito antes de conhecer Sartre, e

³⁸ Simone de Beauvoir realiza esta afirmação, quanto a sua percepção sobre a formação dos grupos políticos em *Memórias de uma moça bem comportada* (1958), na intenção de mostrar que antes mesmo de conhecer e estudar o existencialismo a questão do livre-arbítrio já era recorrente em suas reflexões em 1926.

³⁹ ROWLEY, Hazel. *Tête-à-Tête*. Tradução de Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006. P. 35-36.

⁴⁰ CHAPERON, Sylvie. Auê sobre *O Segundo Sexo*. CADERNOS PAGU. *Op. cit.* n.12, p. 38, 1999.

até mesmo depois de encontrá-lo, já estava bastante disposta a seguir o rumo que tomara⁴¹. Sartre, com certeza a encorajou, estimulou-a a escrever, e teve influência crucial em seus escritos, uma vez que liam um os textos do outro e discutiam sobre os pontos mais relevantes nestes. Nos primeiros meses junto a Sartre, Simone sentia-se empolgada com o sentimento que através do companheiro havia se aguçado nela mesma: tornar-se uma intelectual. Em 1929, escreveu em seu diário: “Jamais gostei tanto de ler e pensar. Jamais estive tão feliz, ou previ um futuro tão rico. Ah, Jean-Paul, querido, Jean-Paul, obrigada”⁴².

Em Memórias de uma moça bem comportada, que Simone escreve em 1956, portanto depois de estar anos ao lado de Sartre, a autora narra que em sua época de adolescente o que esperava de um homem era o companheirismo; que ambos fossem companheiros um do outro de forma igualitária. Desta forma, Simone atenta ao presente que vivia com Sartre na época em que escrevia suas memórias, e deste modo fez com que a jovem Beauvoir em seus escritos tivesse desejado exatamente o companheiro que veio a ter mais tarde. Ou seja, partia de uma percepção do presente para a reconstrução de suas lembranças do passado.

Sartre correspondia exatamente aos meus sonhos de quinze anos: era o duplo, em quem eu encontrava, elevadas ao extremo, todas as minhas manias. Com ele, poderia sempre tudo partilhar⁴³.

Em suas narrativas memorialísticas o tempo transcorre assim, do início ao fim com rigor e em trajetória de ascensão. Simone vai descrevendo sua existência e resgatando sua história pessoal como se esta estivesse sempre rumando a um fim já esperado, por

⁴¹ Essa constatação pode ser verificada nos diários de sua amiga Zazá e até mesmo da própria Beauvoir, anos antes de conhecer Sartre, que a revelam disposta a escrever e a expor seus pensamentos em livros. Ver, a esse respeito, ROWLEY, Hazel. Op. cit. 1964. P. 32-33.

⁴² Diário de Simone de Beauvoir, setembro de 1929 apud ROWLEY, Hazel. Op. cit., P. 42.

⁴³ BEAUVOIR, Simone de. MMBC, P. 313.

exemplo, como se desde sua juventude desejasse o relacionamento que um dia viria a ter com Sartre, ou ainda, como se desde criança fosse alimentada pelo desejo de tornar-se um dia escritora e tivesse a certeza desse êxito.

Se outrora desejava fazer-me professora é porque sonhava com ser minha própria causa e meu próprio fim; pensava agora que a literatura me permitiria realizar essa ambição. Ela assegurava-me uma imortalidade que compensaria a eternidade perdida; não havia mais Deus para me amar, mas eu abrasaria milhões de corações. Escrevendo uma obra tirada de minha história, eu me criaria a mim mesma de novo e justificaria minha existência. Ao mesmo tempo serviria a humanidade; que melhor presente lhe podia dar do que os livros? Interessava-me por mim e pelos outros; aceitava minha ‘encarnação’, mas não queria renunciar ao universal: o projeto conciliava tudo⁴⁴.

Tomando essa citação em análise, no intuito de refletirmos sobre a forma com que Simone de Beauvoir vai narrando sua história pessoal, observamos sua certeza quanto à “imortalidade” através dos escritos, que ao mesmo tempo em que estivessem ligados a sua trajetória de vida estariam cumprindo o seu projeto tão almejado: ser uma grande escritora. Importante ressaltarmos que quando a autora relatou esse sentimento em Memórias de uma moça bem comportada, referindo-se a seus projetos de juventude, já era romancista e ensaísta conhecida pelo sucesso de publicações como A convidada (1943), O Sangue dos Outros (1945), Todos os homens são mortais (1946), Os Mandarins (1954), e aquele pelo qual se tornou mundialmente reconhecida e polemizada, O Segundo Sexo (1949).

1.2 O Segundo Sexo: ressonâncias

Ao ser questionada pela revista argentina El Grillo de Papel –, no final dos anos 50, sobre as razões que a teriam levado a escrever O Segundo Sexo respondeu:

⁴⁴ Ibid, P. 129.

Em 1947 – respondia – quis escrever um livro sobre minhas experiências pessoais. Nos meios intelectuais que freqüentava, jamais encontrei discriminação com respeito ao meu sexo. Mas ao olhar ao meu redor me dei conta de que o problema feminino estava longe de ser resolvido⁴⁵.

Percebemos, através do depoimento acima que Simone de Beauvoir não entendia o preconceito em relação às mulheres como algo que lhe atingisse, nem mesmo implicitamente em seu cotidiano. Em algumas narrativas das feministas entrevistadas, como veremos no próximo capítulo, encontramos essa mesma forma de identificar a discriminação sexual como um problema para outras mulheres (donas de casa, esposas e/ou mães) que seriam as verdadeiras oprimidas e alienadas. Para Simone de Beauvoir, sua situação intelectual, seu modo de viver a profissão e a vida, e seus relacionamentos com as outras pessoas, não fazia dela uma mulher discriminada por conta da opressão masculina, ao menos não se sentia assim. Em entrevista a John Gerassi em 1976, falando sobre os 25 anos após a publicação de O Segundo Sexo, Simone explica:

Ao pesquisar e escrever *O Segundo Sexo* foi que percebi que meus privilégios resultavam de eu ter abdicado, em alguns aspectos cruciais pelo menos, à minha condição feminina. Se colocarmos o que estou dizendo em termos de classe econômica, você entenderá facilmente. Eu tinha me tornado uma colaboracionista de classe. Bem, eu era mais ou menos o equivalente em termos da luta de sexos. Através de *O Segundo Sexo* tomei consciência da necessidade da luta. Compreendi que a grande maioria das mulheres simplesmente não tinha as escolhas que eu havia tido; que as mulheres são, de fato, definidas e tratadas como um segundo sexo por uma sociedade patriarcal, cuja estrutura entraria em colapso se esses valores fossem genuinamente destruídos⁴⁶.

Voltemos, entretanto, ao “olhar ao redor”, do qual Beauvoir se refere na primeira citação deste subtítulo, ao comentar o contexto que lhe propiciou a produção de O Segundo Sexo. Quanto às circunstâncias da escritura do texto de Beauvoir, este pode ser entendido

⁴⁵ BEAUVOIR, Simone de. apud NARI, Marcela María Alejandra. No se nasce feminista, se llega a serlo. *Lecturas y recuerdos de Simone de Beauvoir en Argentina, 1950 y 1990*. *Op. cit.* P. 69.

⁴⁶ BEAUVOIR, Simone de. 'Simone de Beauvoir: *The Second Sex* 25 years later', *Society*, Jan.-Feb. 1976, 79-8. Entrevista concedida a John Gerassi. Disponível em: <http://www.simonebeauvoir.kit.net/artigos_p02.htm>. Acesso em: 13 jan. 2007.

como a situação específica das mulheres na França de Vichy (1940-1944), e, juntamente a este, o período pós Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

As mulheres francesas vivenciaram no dia-a-dia o impacto do período conhecido como Régime de Vichy⁴⁷, governo francês autoritário e repressivo que possuía uma política de colaboração com a Alemanha nazista. Este governo seguia a diretriz de que para cada indivíduo haveria um papel e um lugar na sociedade em função da categoria a que este (a) pertencesse, e nesse caso havia a afirmação da diferença sexual quanto à atribuição de papéis diferentes para homens e mulheres. Houve durante o Estado de Vichy a necessidade de uma reorganização social, sendo para isso lançado o projeto de uma revolução nacional com o lema “Trabalho, Pátria e Família”. Foi então construído para as mulheres um universo ancorado em ideais como o da maternidade, que passou a ser considerado um dever nacional e o único destino possível. O Regime de Vichy fez da família um fenômeno social de interesse público ao apresentar uma política familiar altamente reguladora⁴⁸.

Ao mesmo tempo, e cheio de contradições, esses períodos de ocupação alemã puseram a prova os valores e o cotidiano que em nada pareciam com o ideal familiar apregoado pelo Estado, como, por exemplo, a questão do racionamento. Muitas mulheres se valeram de estratégias de sobrevivência a custo de valores que não se identificam em nada com aqueles de *mães felizes* que eram preconizados, adquirindo assim uma consciência política da situação em que viviam. Desta forma, donas-de-casa organizaram

⁴⁷ Em 1940, o General Henri Phillipe Pétain assinou a rendição da França a Alemanha, dando o início ao regime que dividiu a França em duas zonas, sendo que uma delas, a parte norte ao ocidente e a costa atlântica, seriam ocupadas e controladas pela Alemanha Nazista. A parte não ocupada ficou sob o regime francês, liderada por Pétain, com sede na capital da cidade de Vichy, sudeste de Paris.

⁴⁸ Ver, a esse respeito, ECK, Hélène. As mulheres francesas no regime de Vichy. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. História das Mulheres no Ocidente. Vol 5: O Século XX. Porto/São Paulo: Edições Afrontamento/EBRADIL, 1995. P. 248.

movimentos e protestos impulsionadas por militantes do partido comunista, e muitas das tarefas da resistência ao regime foram partilhadas com os homens⁴⁹.

Simone de Beauvoir viveu esse período sob uma Paris ocupada, e junto a Sartre, seus amigos e amigas, ajudou a criar grupos e ações de resistência, passou pelos períodos de racionamento, mudou-se para um lugar mais simples, e, segundo narra Hazel Rowley, biógrafa do casal: “(...) pela primeira e única vez na vida, encarregou-se de fazer compras e cozinhar. Gostou do desafio de sair à cata de comida, fazer compras com o cartão de racionamento e preparar refeições comíveis com suas minguadas provisões”⁵⁰. Em suas memórias Beauvoir também relata as dificuldades encontradas neste período:

As restrições agravaram-se; os cortes de eletricidade multiplicaram-se; a última composição do metrô punha-se em marcha às 22 horas; diminuíram o número de sessões nos teatros e cinemas. Não se achava mais nada para comer. Felizmente, Zette indicou-me um meio de me abastecer: o porteiro da fábrica Saint-Cobain, em Neuilly-sous-Clermont, vendia carne. Fiz, com Bost, várias viagens compensadoras⁵¹.

Mas não era só, Simone foi ainda despedida do corpo docente do governo de Vichy em 1943 com a alegação de não ser casada e manter, por anos, uma relação de concubinato com Sartre (lembremos aqui dos ideais do regime em relação à família). Mas, há uma outra argumentação por trás dessa. Em 1942, a mãe de Nathalie Soronike – uma aluna com que Simone manteve um relacionamento amoroso – apresentou uma denúncia ao Ministério da Educação de Vichy acusando Beauvoir de ter seduzido sua filha, que na época era menor de idade. Apesar de a reclamação ter se tornado um longo relatório policial, nada pode ser comprovado contra as credenciais exemplares de Simone como

⁴⁹ Ibid, P. 267.

⁵⁰ ROWLEY, Hazel. *Op. cit.*, P. 160.

⁵¹ Na segunda parte do livro de memórias, *A Força da Idade*, Simone relata o período de guerra, da ocupação alemã em Paris e, por fim, da libertação. BEAUVOIR, Simone de. *A Força da Idade*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. P. 572.

professora, e o caso teve de ser encerrado⁵². Mas o reitor da Sorbonne, partidário do marechal Pétain, decretou que mesmo assim era inadmissível ter Beauvoir no corpo docente por conta da relação que a professora tinha com Sartre⁵³. Seu cargo só seria recuperado em 1945, no pós-guerra, e mesmo assim Simone não voltou a lecionar, por preferir seguir sua carreira como escritora.

Seus escritos sempre lhe renderam debates acalorados com a crítica literária: as memórias por trazerem à tona histórias polêmicas da vida de amigos e amigas íntimas a ela e Sartre, e O Segundo Sexo acabou iniciando uma série de discussões sobre as relações entre os sexos que persiste até hoje.

A idéia de escrever O Segundo Sexo teria surgido ainda durante a Segunda Guerra, em 1939, num dos momentos de *tête-à-tête* com Sartre, que teria então lhe proposto pensar como ela achava que sua vida havia sido moldada pelo fato de ser mulher⁵⁴. No início, havia definido por escrever um relato autobiográfico sobre o assunto, mas depois acabou decidindo em ocupar-se em investigação sobre a “condição da mulher” no geral. Anos depois, em 1947, durante uma viagem aos Estados Unidos, Simone já começava a tomar notas para o então “ensaio sobre as mulheres” que começava a escrever.

Segundo Rowley:

A experiência de uma cultura diferente se revelava de valor inestimável. Ela observava as coisas com um olhar novo, estrangeiro, e via o relacionamento entre os sexos por uma perspectiva inteiramente nova. Para seu espanto, chegara à conclusão de que as mulheres eram menos livres nos Estados Unidos⁵⁵.

⁵² Segundo Hazel Rowley, a polícia interrogou todos os membros do círculo de amizade mais próximos de Sartre e Beauvoir. Entretanto, todos (as) estavam bem instruídos (as) para negar tudo, contando mentiras bem ensaiadas sobre o relacionamento da professora com a aluna. Ver, a esse respeito, ROWLEY, Hazel. Op. cit., P. 163.

⁵³ Ver, a esse respeito, ROWLEY, Hazel. Op. cit., P. 164.

⁵⁴ Ibid, P. 130.

⁵⁵ Simone de Beauvoir foi para os Estados Unidos por intermédio de Philippe Soupault, jornalista e escritor francês que havia morado no país durante a guerra, e que lhe conseguiu umas palestras para ministrar em universidades sobre o tema então muito em voga: “existencialismo”. Ibid, P. 205.

Beauvoir pensava as mulheres norte-americanas como um exemplo da “mulher independente”, mas espantou-se com o modo com que se vestiam; com os artigos nas revistas ensinando as mulheres a “caçarem” os maridos; pelo fato das não casadas serem menos respeitadas que as solteiras na Europa; e que as universitárias só se preocupavam com homens⁵⁶. No capítulo, “A mulher liberada”, no segundo volume de O Segundo Sexo, a autora denuncia a superficialidade na independência das estadunidenses: “É essa uma atitude muito impressionante, entre outras, nas norte-americanas; agrada-lhes ter um *job* e provar a si mesmas que são capazes de executá-lo corretamente: mão não se apaixonam pelo *conteúdo* de suas tarefas”⁵⁷.

Em O Segundo Sexo, ao analisar minuciosamente a “condição da mulher” na sociedade, Beauvoir compreendeu que a “figura feminina” e as posturas que lhes são atribuídas nada mais são do que construções do social produzidas ao longo da história, onde as mulheres não são vistas como iguais ou diferentes, mas sim inferiores, e desta forma, o “segundo sexo” em relação aos homens; nunca consideradas *Sujeito* e sim o *Outro*. Opondo-se a idéia de determinismo biológico e criticando as abordagens psicológicas, econômicas, históricas, bem como a representação das mulheres na literatura, a autora impulsionou uma transformação na idéia do “ser mulher”, uma vez que a opressão feminina também é historicamente construída.

Sua célebre frase “não se nasce mulher, torna-se mulher”⁵⁸, que se tornaria posteriormente *slogan* de movimentos feministas em vários países, exemplifica a perspectiva existencialista seguida por Beauvoir ao escrever esse ensaio crítico. Tendo em vista que a essência humana não é determinada, mas mutável no processo social, a

⁵⁶ BEAUVOIR, Simone de. apud ROWLEY, Hazel. Op. cit. P. 218.

⁵⁷ BEAUVOIR, Simone de. OSS. V.2, P. 471.

⁵⁸ *Ibid*, P. 09.

“condição feminina” não se basearia em uma “essência natural da mulher”, podendo ser transformada, construindo-se para isso uma nova ordem com relação aos lugares sociais de mulheres e homens⁵⁹.

O Segundo Sexo passou a ser uma das obras precursoras dos estudos sobre as mulheres e, posteriormente, das relações de gênero, tornando-se referência para os feminismos, principalmente a partir dos anos 60 e 70, período em que se inicia a Segunda Onda Feminista, marcada pelas reivindicações de direitos ao corpo e ao prazer⁶⁰. Quando questionada, em fevereiro de 1972 pela feminista alemã Alice Schwarzer, sobre se as mulheres deveriam lutar por sua libertação também no plano de ação coletiva, Simone acaba apresentando um novo objetivo para O Segundo Sexo além daquele da análise discursiva a respeito da situação das mulheres na sociedade. Possivelmente, depois da repercussão do livro, a autora afirma esperar que seu livro impelisse as mulheres a lutar por seus direitos e a melhorarem suas vidas:

Devem passar à ação coletiva. Não o fiz pessoalmente até agora porque não havia movimento organizado com o qual eu estivesse de acordo. Mas, apesar disso, escrever *O Segundo Sexo* foi realizar um ato que ultrapassava a minha própria libertação. Escrevi esse livro por interesse pelo conjunto da condição feminina e não apenas para compreender o que era a situação das mulheres, mas também para lutar, para ajudar as outras mulheres a se compreenderem. Aliás, nestes vinte anos, recebi enorme quantidade de cartas de mulheres, dizendo que meu livro as

⁵⁹ O Existencialismo moderno enquanto perspectiva filosófica e movimento surgido na França do pós Segunda Guerra Mundial, tem como critérios centrais de sua análise quanto à noção do indivíduo na sociedade a questão da sua liberdade, do auto-conhecimento e da responsabilidade. Desta forma, todo ser humano passa a ser o único responsável por suas escolhas e atitudes, sendo livre para escolhê-las segundo o conhecimento que tem de si mesmo. Há ainda o conceito de “má-fé”, que se aplicaria no caso de uma pessoa, por exemplo, negar sua liberdade e consentir em viver uma situação de opressão. Sartre afirmaria o primado da “existência” sobre a “essência” ao afirmar que “A existência precede a essência”. Essa corrente de pensamento foi popularizada em meados do século XX pelas obras de Sartre, principalmente O Ser e o Nada, e os escritos de Simone de Beauvoir, entre eles o ensaio O Existencialismo e a Sabedoria das Nações. Ver, a esse respeito, PENHA, João da. O que é Existencialismo. 10ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1990, P. 51-110.

⁶⁰ Importante ressaltarmos aqui a variabilidade nas determinações dos períodos e das características que a Segunda Onda Feminista alcançou em diferentes lugares do mundo. Nem todos os feminismos se desenvolveram da mesma forma e ao mesmo tempo nos diferentes países. Ver, a esse respeito, ERGAS, Yasmine. O sujeito mulher. O feminismo dos anos 1960-1980. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. Op. cit.

tinha ajudado muito a compreender sua situação, a lutar, a tomar decisões. Tive sempre o cuidado de responder-lhes. Encontrei algumas delas. Sempre tentei ajudar as mulheres em dificuldades⁶¹.

Na citação acima, percebemos ainda uma Beauvoir que procura justificar perante as feministas sua ausência nas lutas empreendidas pelo movimento desde a publicação de O Segundo Sexo, em 1949. Para Simone, os grupos que existiam antes do MLM – Movimento de Libertação das Mulheres, criado em 1970, eram “reformistas e legalistas”, diferente do então movimento, “mais radical”, e por isso ela diz não ter se interessado, nem se declarado como feminista antes de 1972⁶².

Mas no verão de 1970, o Movimento de Libertação das Mulheres na França lançou uma campanha em favor da legalização do aborto, onde trezentas e quarenta e três mulheres declararam publicamente que já haviam abortado, e Simone resolveu participar. Muitas daquelas que haviam assinado não tinham na verdade feito um aborto, o que era o seu caso, mas mesmo assim a campanha recebeu seu apoio irrestrito. Beauvoir passou a emprestar sua casa nas tardes de domingo para que o grupo de ativistas se reunisse, e o “Manifesto das 343”, como ficou conhecido, foi um sucesso⁶³.

O manifesto causou um grande escândalo. Pela primeira vez, pronunciava-se aquela palavra tabu, *aborto*, no rádio e na televisão franceses. Os conservadores referiam-se ‘às 343 vagabundas’. As mulheres estavam satisfeitas. Havia iniciado o movimento. Na verdade, foi um triunfo, quatro anos depois, em 1975, o aborto foi legalizado na França⁶⁴.

Desta forma começou a atuação de Simone de Beauvoir junto ao movimento feminista francês, embora somente em 1972 que a autora de O Segundo Sexo tenha

⁶¹ SCHWARZER, Alice. Simone de Beauvoir hoje. Tradução de José Sanz. 2ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. P. 41.

⁶² Ibid, P. 28.

⁶³ ROWLEY, Hazel. Op. cit., P. 370.

⁶⁴ Ibid.

proclamado “sou feminista”, em entrevista que fora vendida ao Le Nouvel Observateur por dois mil francos na finalidade de completar o aluguel de dez mil de uma sala para as reuniões do movimento feminista⁶⁵. Depois disso, Simone permitiu que seu nome fosse utilizado sempre em estratégias políticas de afrontamento, ajudou a lançar idéias, participava das atividades; em 1974 foi presidenta da Liga dos Direitos da Mulher; e em 1976 tinha uma coluna com um grupo de feministas na revista Les Temps Modernes onde escreviam sobre o “sexismo cotidiano”⁶⁶.

Depois da publicação de O Segundo Sexo, Simone de Beauvoir recebeu críticas cruéis tanto da direita conservadora quanto da esquerda comunista, causando intensas polêmicas nos meios intelectuais franceses⁶⁷. As maiores revistas literárias e filosóficas francesas da época dedicaram páginas a este debate, e nestas, em muitas vezes as palavras se tornaram duras e as discussões acaloradas. As críticas partiam principalmente dos meios intelectuais e políticos, e a ironia era o recurso utilizado para atacar Simone de Beauvoir, e não as teses de seu livro. Segundo Sylvie Chaperon - historiadora francesa e especialista nos trabalhos de Simone de Beauvoir – em relação ao debate produzido entre os anos de 1950 e 1960 sobre o ensaio na França:

Historicamente, *O Segundo Sexo* abriu o debate sobre a sexualidade: o ‘pessoal’ pode se tornar político. O partido comunista e a direita tradicional não se enganaram, portanto. Ridicularizaram e condenaram, mas fugiram à discussão. Longe das mulheres e de seus temores, longe da gravidez indesejada e das sexualidades saqueadas, dissertam sobre a moral e a literatura. A grandeza da nação, a família, o amor ou a classe operária são os protagonistas de seus discursos desencarnados⁶⁸. Em

⁶⁵ A entrevista foi realizada por Alice Schwarzer que a publicou juntamente a outras entrevistas com Simone de Beauvoir realizadas entre os anos de 1972 e 1982. Ver, a esse respeito, SCHWARZER, Alice. Op. cit., P. 15.

⁶⁶ Ibid, P. 67.

⁶⁷ CHAPERON, Sylvie. Op. cit., P. 37-53.

⁶⁸ Os “discursos desencarnados”, a que se refere Sylvie Chaperon, dizem respeito a uma expressão de Lucien Febvre que Roger Chartier explica como sendo aqueles que postulam o universal, o sujeito universal e abstrato. Ver, a esse respeito, CHARTIER, Roger. A História Cultural: Entre Práticas e Representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1990. P. 32-42.

conjunto, recusam que uma palavra crítica de mulher penetre no espaço público onde se debatem as verdadeiras questões da cidade⁶⁹.

Nas palavras de Beauvoir, referindo-se ao mesmo momento:

Talvez tivéssemos cometido um engano publicando antes da saída do livro, o capítulo sobre a sexualidade em *Les Temps Modernes*. Ele desencadeou a tempestade. Foi de uma grosseria... Mauriac, por exemplo, escreveu a um amigo que, na época, trabalhava conosco em *Les Temps Modernes*: “Ah, acabo de aprender muito sobre a vagina da sua patroa...”⁷⁰.

A mobilização contra O Segundo Sexo na França dirigiu-se precisamente aos temas referentes à sexualidade, à maternidade e às identidades sexuais, lamentando a invasão da literatura pelo “erotismo”. A direita e a esquerda comunista, através do sarcasmo e da ironia, fugiam de um debate mais sério. A polêmica, desta forma, confundia tudo, misturando temas como a contracepção e o aborto às neuroses, vício e perversidade; a liberdade sexual à licenciosidade e à libertinagem. O Vaticano pôs o livro no índice; o governo militar grego anunciou, em 1969, a interdição de livros “comunistas e perigosos a juventude”⁷¹, e entre esses O Segundo Sexo; entretanto, o mesmo texto, traduzido para o japonês em 1965, era um *best-seller*⁷².

As declarações de Simone em entrevistas e escritos sobre o tema da maternidade em O Segundo Sexo, bem como sobre sua intimidante descrença em uma “natureza essencialmente feminina”, provocavam protestos junto mesmo das mulheres, que a achavam frustrada. Beauvoir incitava-as a fugir as falsas amarras do casamento e do ideal de mãe, e a lutarem por uma ascensão intelectual e no plano de seus direitos através do trabalho e da educação.

⁶⁹ CHAPERON, Sylvie. Auê sobre *O Segundo Sexo*. CADERNOS PAGU. Op. cit P. 53.

⁷⁰ Ibid, P. 70.

⁷¹ FRANCIS, Claude; GONTIER, Fernande. Op. cit. P. 461.

⁷² ROWLEY, Hazel. Op. cit., P. 342.

Realizou da mesma forma críticas sobre o socialismo, que até então não havia trazido a igualdade de condições entre homens e mulheres na sociedade como ela havia acreditado que aconteceria quando escreveu O Segundo Sexo. Contudo, em 1972, convenceu-se que para que a igualdade entre os sexos fosse alcançada era necessária uma luta a parte:

No final de *O Segundo Sexo*, eu disse que não era feminista porque pensava que as soluções dos problemas femininos devia ser encontrada numa evolução socialista da sociedade. Para mim, ser feminista era bater-se por reivindicações especificamente femininas, independente da luta de classes. Hoje, conservo a mesma definição: chamo feminista as mulheres ou mesmo os homens que lutam por modificar a condição da mulher, evidentemente em ligação com a luta de classes, porém fora dela, sem subordinar inteiramente essa mudança à da sociedade. Diria, assim, que hoje sou feminista dessa maneira. Porque percebi que é preciso, antes da chegada do socialismo com o qual sonhamos, que se lute pela condição concreta da mulher. E, por outro lado, também verifiquei que, mesmo nos países socialistas, essa igualdade não foi conseguida. É preciso, portanto, que as mulheres tomem seu destino nas mãos⁷³.

Traduzido para mais de 30 idiomas e publicado em diversos países, o texto de Beauvoir foi considerado por muitos (as) um atentado à família, ao amor, e à classe operária⁷⁴. Entretanto, em alguns lugares as polêmicas não geraram a dimensão do exemplo francês, como no caso da Argentina, onde a repercussão produzida pelo livro não passou de um debate subentendido, e até mesmo ocultado por uma discussão local acerca da sexualidade⁷⁵.

Para Marcela Narí, a polêmica que O Segundo Sexo gerou na Argentina, quando publicado em 1954, poderia ser definida como “uma trama um tanto difusa e sinuosa de

⁷³ Ibid, P. 30.

⁷⁴ MORAES, Maria. Lygia. Q. de. Simone de Beauvoir e o amor americano (Um tributo a Simone de Beauvoir). CADERNOS PAGU. Campinas, SP: Publicação do PAGU – Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, n.12, P. 93-101, 1999.

⁷⁵ NARI, Marcela María Alejandra. No se nasce feminista, se llega a serlo. Lecturas y recuerdos de Simone de Beauvoir en Argentina, 1950 y 1990. MORA – Revista del Instituto Interdisciplinario de Estudios de Gênero. Op. cit. P. 59-72.

um embate latente e esquivo”⁷⁶. A autora que pesquisou sobre a repercussão do texto de Simone de Beauvoir na Argentina através de uma série de entrevistas com mulheres que haviam feito parte de grupos políticos de diferentes teores durante a década de 60 e 70 - e entre estes os movimentos feministas -, conclui que o impacto de O Segundo Sexo teria se intensificado com o passar do tempo, a partir de um amadurecimento político e intelectual dessas leitoras. Ao lerem o ensaio de Beauvoir nas décadas de 50 e 60, elas afirmam que o livro lhes “despertou” a subordinação feminina como um problema para “as outras”⁷⁷. Já em meio à crítica literária argentina, Narí mostra que aparentemente O Segundo Sexo foi lido, mas não devidamente referenciado nas discussões que abordavam as teses do livro. Ou seja, houve certa difusão da obra nos círculos intelectuais e políticos argentinos que estavam discutindo o sexo naqueles anos de 50 e 60. Para a pesquisadora, na Argentina dos dias de hoje parece que Simone de Beauvoir obscurece Margareth Mead e Virgínia Woolf, mas nem sempre teria sido assim.

Através da leitura de revistas e publicações dos anos 50 e, inclusive, dos anos 60, parece ter acontecido exatamente o contrário. ‘Um teto todo seu’, por exemplo, de Virginia Woolf, publicado em Buenos Aires pela Sudamericana em 1935, aparece comentado e citado mais assiduamente que Simone de Beauvoir em relação “ao problema da mulher”, e não somente no esperado âmbito da intelectualidade liberal de SUR. Entretanto, anos mais tarde de sua leitura, não se reconhecerá um golpe emocional tão forte como o silenciosamente produzido por “O Segundo Sexo”.

1.3 O texto enquanto livro no Brasil: repercussão e publicações

E no Brasil? Como teria sido a circulação de O Segundo Sexo no País? Qual foi o contexto de sua publicação? Em fins da década de 1950 – quando supomos ter havido as

⁷⁶ Ibid, P. 59.

⁷⁷ Entende-se aqui por “as outras”, a que se referem as entrevistadas em questão pela pesquisa de Marcela Narí, como sendo as mulheres que não eram participantes ativas de grupos políticos durante as décadas de 60 e 70, mas mulheres donas-de-casa “alienadas” às questões levantadas por Beauvoir em O Segundo Sexo.

primeiras leituras de O Segundo Sexo possivelmente em francês, vivia-se num clima de euforia: a seleção brasileira de futebol havia ganhado a Copa do Mundo; o Fusca tinha sido lançado; surgia a bossa nova; a construção de Brasília e o “milagre econômico” de Juscelino Kubitschek; a juventude transviada; o cinema novo de Glauber Rocha; a dramaturgia incorporava as questões do povo brasileiro nos teatros da Arena e Oficina; e Jorge Amado publicava Gabriela, cravo e canela, que se tornou o livro mais vendido em 1958⁷⁸.

O mercado editorial brasileiro encontrava-se no auge de sua expansão, que havia iniciado no começo do século XX tendo como ponto de partida o eixo Rio de Janeiro - São Paulo, estendendo-se posteriormente a outras regiões. Com o passar dos anos, durante as décadas de 60 e 70, foram surgindo ainda mais livrarias interessadas na literatura nacional e estrangeira, bem como nos clássicos do pensamento ocidental. Desta forma, o comércio de livros no País foi se dinamizando, e crescendo não somente com o aumento do número de leitores e leitoras, mas pela diversificação de sua produção, como a venda de enciclopédias, coleções, reimpressões econômicas e os livros didáticos. Nesse contexto, diversos escritores nacionais e estrangeiros foram sendo consagrados ao longo do século, e, conseqüentemente, o mesmo acontecia com as editoras brasileiras responsáveis por suas obras⁷⁹.

Durante os períodos em que a censura era introduzida em território nacional por conta da decretação de estados de sítio, e neste caso, situamos o período de ditadura militar como uma dessas situações, a atividade editorial brasileira em geral, não parava de expandir. Houve casos de editores como Ênio Silveira, proprietário da Civilização Brasileira, que fez com que a sua posição política encontrasse expressão em seu trabalho

⁷⁸ Ver, a esse respeito, SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Feliz 1958: o ano que não devia terminar. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

⁷⁹ Ver, a esse respeito, EL FAR, Alessandra. O livro e a leitura no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006, P. 38-46.

pondo em risco a própria existência de sua editora após o golpe de 1964, desafiando os limites de tolerância de Castello Branco a Geisel⁸⁰. Ênio Silveira tinha interesse particular em estimular autores nacionais, e embora a maior parte de sua produção na área de ficção fosse de alto nível, ele publicava um número suficiente de *best-sellers* estrangeiros a fim de garantir o bom rendimento da editora, e entre os autores franceses publicados destaca-se Sartre, Jean Genet e Molière⁸¹.

A partir de 1964 o DOPS – Departamento de Ordem Política e Social passou a confiscar livros nacionais e estrangeiros. Em uma reportagem da revista VEJA de 15 de junho de 1977, que trata dos livros proibidos em território nacional pela censura, percebe-se o tratamento dado às obras estrangeiras que estavam entrando no país através do correio neste momento.

“Vai ser preciso criar uma comissão de sábios nos correios”, comentava desolado e irônico o historiador e professor mineiro Francisco Iglesias, a propósito das sombrias figuras que serão obrigadas a ler, por força da Portaria n.º 427, publicações estrangeiras importadas⁸²

Mas a “sabedoria” citada na acima não foi necessária, pois segundo a mesma reportagem havia um método mais fácil utilizado pelos censores: ficar atento aos títulos. Títulos com as palavras “marxismo”, “socialismo”, “comunismo”, “luta” e “sexo”, por exemplo, estariam automaticamente vetados.

Algumas editoras brasileiras, no entanto, publicaram obras de referência feminista no período de regime ditatorial, como por exemplo, A mulher da sociedade de classes de Heleieth Saffioti⁸³, e também títulos de autoras estrangeiras que estavam sendo publicadas

⁸⁰ HALLEWELL, Laurence. O Livro no Brasil (sua história). Tradução de Maria da Penha Villalobos e Lúcio Lourenço de Oliveira. São Paulo: T.A. Queiroz, Editor, Editora da Universidade de São Paulo, 1985, P. 445.

⁸¹ Ibid, P. 448.

⁸² VEJA, n.458. São Paulo: Editora Abril, P. 120, 15 de junho de 1977.

⁸³ SAFFIOTI, Heleieth. A mulher na sociedade de classes: mito e realidade. São Paulo: Livraria Quatro Artes

na Europa e nos Estados Unidos, como A Mística Feminina⁸⁴, A Dialética do Sexo⁸⁵, A Mulher Eunuco⁸⁶, e O Segundo Sexo, que ganharia destaque por ocasião visita de Simone de Beauvoir ao Brasil⁸⁷.

Em 12 de agosto de 1960, Simone de Beauvoir e Sartre desembarcavam em solo brasileiro, no Aeroporto dos Guararapes – Recife, e recepcionados por Jorge Amado começaram sua trajetória de palestras em universidades pelo País. Após visitarem China e Cuba, o casal escolheu o Brasil dentro do circuito de viagens que fizeram neste momento, indo posteriormente ao Japão, União Soviética e Egito. O período no Brasil correspondeu à viagem mais longa: de 12 de agosto a 21 de outubro de 1960, passando por Recife, São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador.

O motivo da viagem foi, a bem da verdade, por conta das conferências de Sartre sobre literatura, marxismo e existencialismo, embora Simone tenha pronunciado três conferências sobre o “papel da mulher” na sociedade e sobre O Segundo Sexo. A primeira delas ocorreu em 25 de agosto na Faculdade Nacional de Filosofia, no Rio de Janeiro; a segunda foi realizada em 03 de setembro na Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP), em São Paulo; e a última delas, junto a Sartre em conversa com estudantes da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Araraquara e de outras faculdades do estado, no auditório de Teatro Municipal de Araraquara. Nesta última, Simone respondeu apenas a

Editora, 1969.

⁸⁴ FRIEDAN, Betty. A Mística Feminina. Rio de Janeiro: Vozes Limitada, 1971.

⁸⁵ STONE, Shulamith. A Dialética do Sexo: um manifesto da revolução feminista. Rio de Janeiro: Editorial Labor, 1976.

⁸⁶ GREER, Germaine. A Mulher Eunuco. São Paulo: Círculo do Livro, 1975.

⁸⁷ A DIFEL – Difusão Européia do Livro editou o livro em pelo menos 1965, 1967, 1970 (4ª edição do primeiro volume) e 1975 (3ª edição do segundo volume). Entretanto, a maior número de edições publicadas datam da década de 1980 pela editora Nova Fronteira. A pesquisa por edições tratou-se de levantamentos em catálogos de acervos de algumas Bibliotecas Universitárias do País, Biblioteca Nacional e Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

algumas perguntas sobre a luta pela libertação das mulheres, mas não falou sobre seu livro⁸⁸.

Segundo Luiz Antônio Contatori Romano, que estudou a passagem do casal pelo Brasil, os brasileiros e brasileiras tiveram duas posturas diante dos visitantes: de um lado foram “vistos como celebridades mundanas por pessoas que pouco conheciam seus pensamentos; nesse âmbito Simone não encontra interlocução em um meio feminino de incipiente feminismo” e, por outro lado, a presença de Sartre, principalmente, rendeu “profícuo diálogo e tem suas idéias instrumentalizadas para servir a movimentos culturais e políticos”⁸⁹.

As palestras de Simone no Brasil parecem realmente não terem tido uma ressonância significativa nem por parte dos periódicos⁹⁰ e nem por parte das feministas, uma vez que em suas narrativas sobre O Segundo Sexo anos mais tarde – como veremos nesta dissertação – não narram sobre a presença da autora francesa no País e nem sobre esses eventos. Com exceção de Danda Prado, que já havia lido O Segundo Sexo, em francês, antes da visita de Sartre e Simone ao País. Danda recebeu Simone em sua casa nesta época e estranhou a “dedicação de esposa” de Beauvoir em relação a Sartre, naturalmente porque já havia lido o livro e sabia da importância da obra pelo contato que tinha com a língua francesa. Interessante perceber que Danda Prado parte do princípio de que cuidado e solidariedade são comportamentos maternos.

Quando eles vieram ao Brasil, e vieram a São Paulo, eu telefonei a ela quando ela estava no Rio de Janeiro, me identificando porque eu tinha

⁸⁸ Sobre essas palestras, ver, ROMANO, Luiz Antônio Contatori. A passagem de Sartre e Simone de Beauvoir pelo Brasil em 1960. Campinas, SP: Mercado das Letras: São Paulo: Fapesp, 2002, P. 96-98

⁸⁹ Ibid, P. 20.

⁹⁰ Na extensa pesquisa de Romano nos periódicos há apenas duas reportagens dedicadas exclusivamente as palestras de Simone, a primeira do dia 26 de agosto de 1960, “Simone de Beauvoir, sem Sartre: no mundo do homem, mulher ainda é um objeto”, e no dia 04 de setembro do mesmo ano, “Simone quer mulher no plano do homem”, ambas publicadas no Jornal do Brasil (Rio de Janeiro). ⁹⁰ ROMANO, Luiz Antônio Contatori. Op. cit P. 366.

escrito cartas a ela sobre minha admiração, e o livro, etc e tal. Tudo muito formalmente. E ela respondia com muitas poucas frases, mas enfim, ela tinha consciência. Além de que, eu sendo filha de Caio Prado Júnior já também tinha uma apresentação, mas eu não queria recorrer a terceiros. Então, eu usei uma solução assim: “bom, vou jogar a garrafa ao mar pra ver se chega”. E ela aí quando chegou ao Rio de Janeiro realmente me telefonou (...). Eu me ofereci, em resumo, para tudo que ela quisesse fazer aqui no Brasil; eles, o casal. E ela me respondeu dizendo que o que eles tinham vontade era de conhecer São Paulo, a imigração pra São Paulo - particularmente os italianos -, mas sem muita gente, sem dar publicidade a isso, sem ser cercada pela mídia. E isso coincidia com o tipo de atividade que nós gostaríamos mais, evidentemente, do que receber para um café. (...) Durante o itinerário o Paulo meu marido falava pouco francês. Compreendia, mas falava menos. Ele sentou na frente com o Sartre, ele conversava, e ela o tempo todo estava com um ouvido na frente com o Sartre e um ouvido pra mim. E ela se preocupava muito que o Sartre não compreendesse as coisas que o Paulo tentava explicar, ou que eu explicava porque estivesse atrás. Então era assim uma dedicação total. Eu vivia bem casada, quer dizer, eu não tinha nada contra que um casal se entendesse bem, mas me espantou um pouco aquela atitude dedicada de esposa ⁹¹.

No Brasil, O Segundo Sexo foi lido inicialmente ainda na década de 50, por pessoas que tiveram um contato mais próximo com as leituras estrangeiras, como Danda Prado. Há também as leituras realizadas pelas ativistas políticas exiladas, que traziam o livro da Europa para o Brasil após a anistia, em 1979⁹². Não se descarta, entretanto, que à medida que as informações sobre a repercussão do livro iam chegando o interesse por essa leitura fosse sendo suscitado ao longo dos anos 60 e 70 nos meios acadêmicos, intelectuais e de militância feminista, que estava se formando no Brasil nesta época, como veremos no próximo capítulo.

1.3.1 Editoras

Ao refletirmos sobre a circulação de O Segundo Sexo enquanto livro no Brasil, em sua materialidade, as editoras e as edições podem fornecer alguns indícios contextuais

⁹¹ PRADO, Yolanda Serquim da Silva. São Paulo/SP: 05 ago. 2005. Entrevista realizada pela Prof^a. Dr^a. Joana Maria Pedro.

⁹² TOSCANO, Moema apud COSTA, Cristiane. A tradição beauvorista. Veredas, v. 4, n. 39, P. 23, mar. 1999.

do impacto do texto no País. Desta forma, é importante aqui apresentarmos as editoras responsáveis pela publicação do texto, e a situação do mesmo nas editoras. Para tanto, foram realizados levantamentos bibliográfico dos livros de Simone de Beauvoir em catálogos on-line de acervos em bibliotecas universitárias⁹³, na Biblioteca Nacional e na Biblioteca do Estado de Santa Catarina.

A data da primeira publicação da obra no Brasil ainda é ignorada, mas embora não tenhamos conseguido com esta pesquisa precisar sua data, estimamos que a primeira edição tenha sido publicada no ano de 1960, por conta de duas informações. A primeira delas é levantada por Maurítônio Meira, que afirma que neste ano a editora DIFEL, na época Difusão Européia do Livro, aproveitou a visita do casal ao País para editar Reflexões sobre o racismo, de Jean-Paul Sartre, e a segunda parte de O Segundo Sexo – A experiência vivida, de Simone de Beauvoir⁹⁴. Entretanto, em uma cronologia da vida e trabalhos de Sérgio Milliet, tradutor de O Segundo Sexo no Brasil, é indicada como a data da tradução do livro para a editora DIFEL o ano 1960, e aqui se entende por ele completo, ou seja, primeiro e segundo volume. No catálogo da fundação Biblioteca Nacional também consta a edição dos dois volumes de O Segundo Sexo publicados em 1960⁹⁵. Diante dessas afirmações, e das narrativas das feministas que apontam em sua maioria terem lido o livro em português durante as décadas de 60 e 70, e aquelas que leram em francês antes ainda desta data, chegamos à conclusão que possivelmente o livro tenha sido publicado em seus dois volumes no ano de 1960.

Em relação às editoras que publicaram O Segundo Sexo no Brasil, no caso a editora Difusão Européia do Livro, e em seguida a editora Nova Fronteira e o Círculo do

⁹³ Entre as universidades o levantamento foi realizado somente nos acervos das seguintes instituições: Universidade Federal Fluminense, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade de São Paulo, Universidade do Rio Grande do Sul, Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal do Pará, Universidade Federal do Mato Grosso, Universidade Federal do Paraná.

⁹⁴ MEIRA, Maurítônio apud ROMANO, Luís Antônio Contatori. Op. cit P. 137.

⁹⁵ FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Disponível em: <<http://www.bn.br>>. Acesso em: 31 jan. 2007.

Livro, as informações sobre os dados do livro e sua atual situação nessas editoras são bastante escassas⁹⁶.

A DIFEL – Difusão Européia do Livro foi formada no Brasil em 1951, com capital suíço e português, cuja sigla seria reinterpretada anos mais tarde como Difusão Editorial S.A. Foi umas das multinacionais editoriais que começaram suas atividades no País publicando traduções de livros estrangeiros, para posteriormente, uma vez estabelecidas, passarem a publicação de autores (as) brasileiros (as). Suas primeiras publicações foram de livros franceses dirigidos principalmente ao público universitário, sendo neste contexto a primeira a publicar O Segundo Sexo no Brasil, em 1960. A DIFEL, entretanto, destacou-se mais tarde por seu pioneirismo em relação a edições em português de ciências sociais e lingüísticas, possuindo em 1985 uma coleção de estudos brasileiros bastante significativa para a época⁹⁷. Em 1982 a DIFEL associou-se à Civilização Brasileira, de Ênio Silveira, que passou a distribuir no Rio de Janeiro as edições DIFEL, enquanto esta ficaria responsável pelas vendas da Civilização em São Paulo⁹⁸. Atualmente, a DIFEL faz parte do Grupo Editorial Record desde 1999, com um catálogo de 64 obras, publicando em sua maioria ensaios na área de ciências humanas, biografias e clássicos do pensamento ocidental. Entretanto, não publica mais O Segundo Sexo desde pelo menos meados da década de 1970⁹⁹. Em contato com o Grupo Editorial Record, a empresa afirmou não possuir dados sobre este livro por se tratar de uma obra de catálogo antigo no acervo.

A Editora Nova Fronteira, fundada em 1965 na cidade do Rio de Janeiro pelo jornalista e político Carlos Lacerda, que após 64 foi fazendo da atividade editorial um

⁹⁶ Os diálogos com a Editora Nova Fronteira e com o Grupo Record, da qual a DIFEL faz parte, foram mantidos através de e-mails e conversas telefônicas algumas vezes durante os dois anos desta pesquisa.

⁹⁷ Ver, a esse respeito, HALLEWELL, Laurence. Op. cit P. 580-581.

⁹⁸ Ibid, P. 509.

⁹⁹ A última edição pela DIFEL, encontrada durante a pesquisa para este trabalho, consta de 1975, sendo uma 3ª edição do segundo volume.

interesse alternativo a vida política, montou seu acervo com base na literatura e ficção, mas destacando-se em obras de referência tanto nacionais como estrangeiras¹⁰⁰. Esta editora nos informou que possíveis dados sobre as edições do livro de Beauvoir teriam sido perdidos quando houve a catalogação computadorizada do sistema de acervo, e que o ano da primeira publicação da obra completa consta no mesmo como sendo de 1980. Atualmente, o livro em seus dois volumes encontra-se há algum tempo esgotado na editora¹⁰¹, sem ganhar uma nova edição nem mesmo por conta da comemoração ao cinquentenário da obra em 1999¹⁰², embora possam ser encontrados em bibliotecas públicas e universitárias. Temos por última edição de O Segundo Sexo pela editora Nova Fronteira uma publicação de 1990, e em meados desta década ainda publicava outros títulos de Beauvoir, como é o caso de A Força das Coisas, em 1995.

Recentemente, a editora lançou uma coleção “40 anos, 40 livros”, em comemoração ao seu aniversário em 2005, publicando clássicos da literatura brasileira e estrangeira, de diversos gêneros, e entre esses Os Mandarins, de Simone de Beauvoir, que foi Prêmio Goncourt em 1954.

Outra editora que publicou O Segundo Sexo no Brasil foi o Círculo do Livro. Em março de 1973, a Editora Abril resolveu ampliar suas vendas investindo numa iniciativa conhecida como “clube do livro”, que já existia no Brasil, mas que até então não havia sido implementado. O Círculo do Livro Ltda. foi lançado em parceria com empresa alemã Bertelsmann A.G. A editora brasileira forneceu o capital e a produção dos livros, enquanto a firma alemã cedia a idéia de vendas, que já era utilizada como “sistema da Bertelsmann”

¹⁰⁰ Ver, a esse respeito, HALLEWELL, Laurence. Op. cit P. 556-557.

¹⁰¹ A última edição publicada por esta editora de que esta pesquisa teve conhecimento consta como a 8ª edição, de 1991. Assim também se encontram esgotados outros títulos de Beauvoir como: Memórias de uma moça bem comportada, A cerimônia do adeus, A Força da Idade, A mulher desiludida, A Velhice, Quando o espiritual domina, e Uma morte muito suave. A editora justifica a ausência de novas edições de O Segundo Sexo informando que “em virtude de alguns fatores de natureza mercadológica isso nem sempre é possível”, sugerindo-nos a buscar o livro em livrarias ou sebos.

¹⁰² COSTA, Cristiane. Op. cit P. 23.

aprovado na Europa, e que consistia na distribuição pelo correio de uma revista promocional quinzenal gratuita, da qual pelo menos um livro de um catálogo de mais ou menos doze títulos deveria ser encomendado para que o leitor ou a leitora se tornasse sócio (a) do clube¹⁰³.

O Círculo do Livro fornecia livros mais baratos, de boa qualidade de impressão e acabamento em relação às edições comerciais de outras editoras, e muitas vezes os mesmos títulos eram lançados simultaneamente, como é o caso de O Segundo Sexo, que foi publicado pelo Círculo em 1986 ao mesmo tempo em que a editora Nova Fronteira publicava a 4ª e a 5ª edição do livro de Beauvoir. O Círculo do Livro, da Editora Abril, publicou ainda outras obras de Simone de Beauvoir, como A mulher desiludida, O Sangue dos Outros (1965), A convidada (1976 – 2ª edição) Memórias de uma moça bem comportada, A mulher desiludida, Quando o espiritual domina, esses durante a década de 80, e Todos os homens são mortais, em 1991¹⁰⁴.

1.3.2 Tradução

A questão do tradutor do texto também se mostra pertinente em relação à história do livro, uma vez que este, bem como as editoras, participa da transmissão do conhecimento por meio da importação de valores sociais e culturais, tendo papel crucial na vida intelectual literária.

Embora se trate de uma autobiografia escrita com simplicidade e num estilo direto, o próprio pensamento da autora apresenta dificuldades que poderiam ser esclarecidas fugindo-se um pouco de sua maneira. Prefiro permanecer o mais fiel possível à sua sintaxe, lembrando-me da frase de Cocteau em Potomak: ‘Se deparares com uma frase que te irrite, coloca-a assim, não como um recife para que soçobres, e sim, para que – com uma bóia – por ela verifiques meu percurso’. O modo de dizer, por vezes

¹⁰³ Ver, a esse respeito, HALLEWELL, Laurence. *Op. cit* P. 573-574.

¹⁰⁴ Os dados obtidos sobre as publicações do Círculo do Livro foram retirados do catálogo da FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Disponível em: <<http://www.bn.br>>. Acesso em: 31 jan. 2007.

obscuro, de Simone de Beauvoir, comporta, parece-me, uma significação e tem um alcance exigente de grande humildade por parte do tradutor¹⁰⁵.

Na citação acima Sérgio Milliet explica a leitora e ao leitor de Memórias de uma moça bem comportada de que forma conduziu a tradução deste texto, entretanto poderíamos aqui extrapolar essa justificativa exclusiva para este livro pensando este posicionamento do tradutor diante ainda de outros textos de Simone de Beauvoir, e possivelmente de O Segundo Sexo.

A postura de Milliet enquanto tradutor, que ele mesmo denomina de “humilde” em relação à narrativa da autora, reflete em grande parte o posicionamento do conhecido crítico de arte que foi. Para o crítico e ensaísta Antonio Candido, um “homem discretamente notável”, “compenetrado”, de “imaginação engenhosa” e com “horror” pelos dogmatismos e ortodoxias.

As suas idéias sobre o ato crítico mostram de que maneira prezava a descoberta da intenção do autor e a identificação afetiva com sua obra – o que naturalmente leva a prezar o conteúdo e, entre as manifestações artísticas, aquelas que se apresentam como *expressão*¹⁰⁶.

São poucas as informações sobre Sérgio Milliet como tradutor, pois em sua maioria, os artigos que tratam de sua trajetória abordam-no pela questão da crítica da arte, na qual o expressionismo parecia-lhe a mais fecunda das correntes da arte moderna, e em relação aos romances, interessava-se pelas dimensões sociais e culturais das obras, negando uma crítica que fosse meramente ligada às normas. Contudo, Sérgio Milliet foi não apenas crítico de arte e tradutor como também crítico literário, poeta, pintor, escritor e

¹⁰⁵ MILLIET, Sérgio apud BEAUVOIR, Simone de. MMBC., P. 05.

¹⁰⁶ CANDIDO, Antonio. Sérgio Milliet, Crítico. In: Lisbeth Rebollo (org). Sérgio Milliet – 100 anos: trajetória, crítico de arte e ação cultural. São Paulo: ABCA: Imprensa Oficial do Estado, 2004. P. 31.

sociólogo, tendo uma vida cultural vasta e de forte presença na sociedade paulista da década de 30 a 60¹⁰⁷.

Nascido em 20 de setembro de 1898, partiu aos quatorze anos para a Suíça onde cursou Ciências Econômicas e Sociais e viveu até antes de voltar ao Brasil em 1919, viajando a Paris constantemente durante este período, adaptando-se assim ao ambiente artístico-cultural e participando de círculos freqüentados por intelectuais europeus de ambos os países. Participou da Semana da Arte Moderna em 1922, tendo Henri Mugnier recitado seus versos de *L'Oieu-de-Boeuf*, e a partir deste momento começou a conviver com modernistas brasileiros, como Mário de Andrade e Oswald de Andrade, e traduzir poemas brasileiros para a revista francesa Lumière¹⁰⁸.

Até 1939, quando então começa a traduzir obras estrangeiras, realizou uma grande gama de atividades, como, por exemplo, colaborador de várias revistas culturais; gerente do jornal Diário Nacional (São Paulo) – órgão do Partido Democrático (1927) -; bibliotecário da Faculdade de Direito (1931-1932); secretário da Escola de Sociologia e Política de São Paulo (1933-1935) e, posteriormente, professor desta mesma instituição (1937); participou da elaboração do Projeto do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo (1935); ajudou Lévi-Strauss na viabilização de sua expedição etnográfica ao Brasil (1937); escreveu artigos sobre arte e literatura para o jornal O Estado de S. Paulo; e foi membro da Academia Paulista de Letras (1939). Durante este período Sérgio Milliet também publicava seus livros e artigos, e depois de 1939 continuou a desenvolver ainda muitas atividades no meio cultural paulista e em âmbito nacional¹⁰⁹, mas o que nos interessa a partir deste momento é observamos sua produção enquanto tradutor.

¹⁰⁷ AMARAL, Carlos Soulié do. Sérgio Milliet, Cem Anos, Sem Limites. In Lisbeth Rebollo (org). Op. cit., P. 37.

¹⁰⁸ Ver, a esse respeito, GONÇALVES, Lisbeth Rebollo (org). Op. cit.

¹⁰⁹ Foi presidente da Associação Brasileira de Críticos de Arte por dez anos, até 1959.

Sérgio Milliet sempre teve contato com personalidades do mundo cultural europeu, principalmente com a França, entretanto seu trabalho como tradutor ocorreu somente nos últimos anos de sua vida, em sua grande maioria, com textos de autoras e autores da literatura francesa¹¹⁰. Traduziu ainda textos de franceses que narravam suas experiências no País: Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil, de Jean Baptiste Debret, em 1940; Jean de Léry: Narrativa de uma viagem ao Brasil, em 1941; e Claude d'Abbeville: História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão e Terras Circunvizinhas, em 1945.

Sua atividade como tradutor de Sartre e Simone de Beauvoir começou em 1949, quando Milliet traduziu A Idade da Razão, do filósofo francês, indo neste mesmo ano para a França, onde começou então a estabelecer intercâmbio com a Biblioteca Nacional de Paris. Até 1957 - quando traduz novamente um texto de Sartre, Os Caminhos da Liberdade - Sérgio Milliet fará viagens cada vez mais regulares à Europa, e, provavelmente, trazia de lá as novidades em termos de lançamentos literários. Em 1958 traduz Sursis, de Sartre, e somente em 1959 – ou seja, dez anos após a publicação de O Segundo Sexo na França – traduziria Memórias de uma moça bem comportada e Todos os homens são mortais, de Simone de Beauvoir¹¹¹. O Segundo Sexo seria traduzido um ano depois, em 1960, por conta da viagem de Sartre e Simone ao país, como mencionado anteriormente.

Sérgio Milliet iniciou suas traduções de Simone de Beauvoir para a DIFEL com Memórias de uma moça bem comportada em 1959, completando-as entre 1964 e 1965, quando traduziu, respectivamente, Na Força da Idade e Sob o Signo da História. Sua morte repentina ocorreu em 1966, aos 68 anos, interrompendo o número crescente de traduções de Simone de Beauvoir que vinha realizando. Daí por diante as traduções dos textos de

¹¹⁰ João Antônio. A Morte e as Vias do Sérgio Milliet. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 20 de nov. 1966 apud GONÇALVES, Lisbeth Rebollo (org). *Op. cit.*, P. 46.

¹¹¹ A exceção de A Idade da Razão, que foi traduzido para a Editora Ipê, todos os demais textos de Sartre e Simone de Beauvoir foram trabalhos de Milliet para a editora DIFEL. Ver, a esse respeito, Ibid, P. 176-181.

Beauvoir foram realizadas por diferentes tradutores e tradutoras, e os trabalhos publicados, em sua maioria, pela Editora Nova Fronteira. Foi o caso de traduções como, por exemplo, de Rita Braga, em A cerimônia do Adeus e Balanço Final; Vítor Ramos, em A convidada; Hélio de Souza, em Os Mandarins; Maria Helena Franco Martins, em A Força das Coisas e A Velhice; Claude Gomes de Souza, em Belas Imagens; Danilo Lima de Aguiar, em Quando o espiritual domina; Heloysa de Lima Dantas, em O Sangue dos Outros; Álvaro Cabral, em Uma morte muito suave; e Helena Silveira e Maryan A. Bon Barbosa, em A mulher desiludida.

Para Sérgio Milliet as obras de arte tinham um “grau de comunicação”, entendido como a parte delas que consegue se desprender das condições culturais e sociais em que são produzidas e tornando-se um valor que possa ser transmitido a outras culturas e momentos. Sendo assim, o destino da obra seria dependente da comunicabilidade estabelecida entre diferentes contextos¹¹². Embora estivesse realizando uma crítica da arte ao refletir sobre o destino das obras, podemos pensar essa constatação em relação à circulação e apropriações de O Segundo Sexo no Brasil.

Neste capítulo o objetivo principal foi de observamos um pouco da história do livro, apresentando a autora e as suas próprias percepções a respeito do texto; o contexto de entrada de O Segundo Sexo no País; e os fatores ligados a sua materialidade enquanto livro, no caso as editoras e o tradutor, que possibilitam sua realização em território estrangeiro. Portanto, no sentido de completarmos esta análise sobre a circulação do texto de Simone de Beauvoir no Brasil, faltaria ainda uma reflexão em relação à leitura e apropriações do texto, proposta para os capítulos seguintes.

¹¹² CANDIDO, Antonio. Sérgio Milliet, Crítico. In: Lisbeth Rebollo (org). Op. cit., P. 31.

CAPÍTULO 2

LEITURAS E PRIMEIRAS IMPRESSÕES

Cada uma de nós, a sua maneira, se relacionava com Simone e seus escritos de uma maneira peculiar, mas para todas nós ela tinha sido uma marca, uma influência, ainda que indireta¹¹³.

A frase de Mariza Corrêa na apresentação da edição comemorativa do cinquentenário de O Segundo Sexo, organizada pelo Cadernos Pagu, além de reforçar a importância dos escritos de Simone de Beauvoir para as feministas brasileiras - como feito por Saffioti na introdução deste trabalho - atenta para a problemática central deste capítulo ao afirmar que cada leitora teve uma relação própria com os escritos da autora francesa. Qual a maneira pela qual essa geração de leitoras feministas se relacionou com o texto¹¹⁴ de Beauvoir, e quais foram as ressonâncias dessas leituras? Qual teria sido essa “influência ainda que indireta” da qual fala Mariza Corrêa. Nesse sentido, e segundo Roger Chartier, “o essencial é compreender como os mesmos textos podem ser diversamente apreendidos, manejados e compreendidos”¹¹⁵.

Nas narrativas das feministas entrevistadas pela professora Joana Maria Pedro e por Janine Petersen encontramos comentários a respeito das leituras de O Segundo Sexo. Contudo, a representatividade destes relatos está longe de querer marcar um “senso

¹¹³ CORREA, Mariza. Apresentação. CADERNOS PAGU. *Op. cit.* 1999. P. 07-10.

¹¹⁴ Em alguns momentos estarei me referindo a O Segundo Sexo pelo termo “texto” e não “livro” ou “obra”, por estar entendendo, segundo Chartier, que o texto é a forma desmaterializada do objeto no qual este é apreendido. Ver, a esse respeito, CHARTIER, Roger. A aventura do livro: do leitor ao navegador. Tradução de Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP/ Imprensa Oficial do Estado, 1999. P. 47-73

¹¹⁵ CHARTIER, Roger. A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Tradução de Mary Del Priori. Brasília: Editora Universitária de Brasília, 1999. P. 16.

comum” sobre as experiências de leituras entre uma geração de leitoras. Para Portelli¹¹⁶, as fontes orais e memorialísticas são significantes na capacidade que têm de abrir um horizonte de possibilidades para a construção de uma subjetividade socialmente compartilhada. Assim, as entrevistas - mesmo que tenham sido realizadas no intuito de responder a outros objetivos¹¹⁷ - não apenas apreendem as possibilidades de uma época em que o texto de Beauvoir foi lido, como apontam quem foram suas leitoras e de que forma se deram suas leituras, tornando plausível, a partir dos elementos que fornece, a realização de uma história da leitura de O Segundo Sexo para uma determinada geração que compartilha trajetórias pessoais e experiências similares caracterizadas por períodos históricos vivenciados coletivamente.

Tomando as leituras de O Segundo Sexo, através da observação da geração que o lê e do contexto no qual o texto foi lido, o que se pretende não é perceber se o sentido que Beauvoir desejou dar ao texto foi apreendido, mas *tentar ir além*, considerar a criatividade dada às leituras nos múltiplos sentidos que lhe são aplicadas. Segundo Jean Marie Goulemot, “ler é, portanto, constituir e não reconstituir um sentido”. As produções de significados operadas na leitura, no entanto, não são ilimitadas - por mais que sejam variadas -, mas demarcadas pelas condições históricas em que se encontram inseridas. Ou seja, o sentido da leitura é sempre historicamente datado¹¹⁸.

No intuito de refletirmos sobre a geração de leitoras feministas de O Segundo Sexo e suas circunstâncias de leitura, partiremos da afirmativa de Moema Toscano ao dizer que “o livro era trazido na bagagem das ativistas políticas que voltavam do exílio na

¹¹⁶ PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. Tempo. Rio de Janeiro, v. 1, n.2, 1996. P. 59-72.

¹¹⁷ O fato de se identificar e, de algum modo, divulgar os pressupostos do feminismo, foram as principais condições levadas em conta pelas duas pesquisadoras quanto à escolha das feministas que seriam entrevistadas (os).

¹¹⁸ GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentido. In: CHARTIER, Roger (org). Op. cit. P. 108.

Europa” no início dos anos 80 ¹¹⁹. Algumas feministas brasileiras passaram, durante o período da ditadura militar no Brasil, pelo exílio em países como Chile, Estados Unidos, em alguns países europeus, e, até mesmo, em cidades no interior do país.

Me tornei feminista em Paris. Comecei abrir os olhos em contato com um tipo de informação que passou a ser veiculada partir da existência do Movimento de Libertação das Mulheres. (...). Ler publicações feministas. A convivência e discussão com outras mulheres, francesas e brasileiras, que já se preocupavam com o assunto. Essas novas informações começam a pôr em cheque os valores que eu tinha e repercutiram no modelo assimilado (...) (Depoimento de Maria Valdez Coelho da Paz, abril de 1978) ¹²⁰

Nestes países que serviram de exílio, as discussões e as manifestações em torno de lutas, como pelo direito ao uso dos contraceptivos, direito ao aborto, entre outras questões, puderam acontecer publicamente ¹²¹. Em contrapartida, no Brasil, mulheres e homens que participavam não só dos movimentos feministas, como de outros movimentos sociais, foram impedidos (as) pelo regime militar de se manifestarem nas ruas sob risco de serem identificados como “comunistas”. A ditadura militar associava o feminismo ao comunismo devido às medidas tomadas pela URSS quanto à descriminalização do aborto, a concessão ao divórcio e ao incentivo à libertação das mulheres, tomando ambos como uma ameaça à moral e aos bons costumes ¹²². A situação do movimento feminista brasileiro sofreu, entretanto, uma mudança profunda com o Ano Internacional da Mulher, em 1975, que possibilitou um espaço de expressão no cenário nacional ¹²³. Mesmo frente à resistência do

¹¹⁹ TOSCANO, Moema apud COSTA, Cristiane. A tradição beauvorista. Veredas, v. 4, n. 39, P. 23, mar. 1999.

¹²⁰ Depoimento de Maria Valdez Coelho da Paz, abril de 1978. In: COSTA, Albertina de O. Memórias das mulheres do exílio. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. P. 350.

¹²¹ Ver, a este respeito, PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. Mulheres: igualdade e especificidade. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla B. (Orgs.). História da Cidadania. São Paulo: Contexto, 2003. P. 265-309.

¹²² Ver, a esse respeito, MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Em guarda contra o Perigo Vermelho; o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 2002. P. 64-66.

¹²³ PINTO, Céli Regina Jardim. Uma história do feminismo no Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003. P. 56-66.

regime militar e da esquerda – que considerava as reivindicações feministas secundárias – houve uma grande mobilização em benefício das questões das mulheres, como a organização de eventos e grupos¹²⁴.

Outras feministas brasileiras, embora não exiladas, mantiveram contato com estas pessoas por correspondência – como é o caso das organizadoras do jornal Nós Mulheres e Brasil Mulher, que, em meados da década de 1970, mantiveram contato com o Círculo de Mulheres Brasileiras de Paris, formado por feministas de esquerda e mulheres autônomas que haviam se exilado na França após a instalação da ditadura militar no Brasil¹²⁵. Além deste, outros grupos feministas foram fundados por exiladas no exterior durante a década de 70, como, por exemplo: o Comitê de Mulheres Brasileiras no Exterior, criado por Zuleika Alambert, no Chile; um grupo de autoconsciência formado por Branca Moreira Alves, em Berkeley nos Estados Unidos; e o Grupo Latino-Americano de Mulheres em Paris, fundado por Danda Prado, na França¹²⁶.

Com a anistia, em 1979, as feministas exiladas retornaram trazendo novas experiências, leituras e discussões, arregimentando, desta forma, o movimento feminista em fase de fortalecimento no Brasil. Anette Goldberg, exilada na França durante o período de ditadura – contexto em que afirma ter ocorrido sua “‘conversão’ ao feminismo” – fala sobre o “estranhamento” sentido ao chegar ao Brasil, em 1978, após a experiência no Círculo de Mulheres Brasileiras de Paris:

¹²⁴ TELES, Maria Amélia de Almeida. Breve história do feminismo no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1993. P. 76

¹²⁵ Ver, a este respeito, LEITE, Rosalina de Santa Cruz. Brasil Mulher e Nós Mulheres: Origens da Imprensa Feminista Brasileira. Estudos Feministas, v. 11, n.1, P. 234-241, 2003.

¹²⁶ GOLDBERG, Anette. Feminismo e autoritarismo: a metamorfose de uma utopia de liberação em ideologia liberalizante. Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais – Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – Sociologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1987 apud CARDOSO, Elizabeth. Imprensa Feminista Brasileira pós-1974. Estudos Feministas, v. 12, n. Especial, P. 41, 2004.

Tudo me parecia fora do lugar. As ‘novas mulheres’ não se consideravam feministas e as ‘novas feministas’ tinham uma concepção do político e uma maneira de fazer política vetustas (...). Nada disso tinha semelhança com a ideologia que eu associava aos novos movimentos de liberação surgidos na América do Norte e em países europeus a partir do final dos anos 60 (...). E, fato mais estranho ainda para o meu olhar vindo de fora, encontrava-se em plena expansão, mas numa complexa relação com o movimento feminista, uma área de pesquisas – os ‘estudos sobre mulher’ – já com certa legitimidade acadêmica e um grau de institucionalização surpreendente, visto de um prisma europeu¹²⁷.

As feministas exiladas tiveram acesso não só às mobilizações em benefício de direitos às mulheres em outros países, como também a possibilidade de discutirem abertamente as instrumentalizações teóricas que recebiam através de leituras como A Mística Feminina, de Betty Friedan; Política Sexual, de Kate Millet; A Condição da Mulher, de Juliet Mitchell; A Dialética do Sexo, de Sulamith Firestone; entre outras. Quando chegavam ao Brasil, encontravam um movimento feminista formado, porém, ainda em processo de articulação em relação às bases teóricas recebidas e a prática.

Apesar das dificuldades impostas pela censura realizada pelo regime militar, não apenas no que concerne à leitura, mas a todos os meios de comunicação, O Segundo Sexo circulou no Brasil antes e durante esse período de mobilização política - como veremos através das narrativas das entrevistadas. Assim, além das leituras realizadas fora do país, ou através do contato com pessoas que estiveram no exílio durante as décadas de 60 e 70, mulheres e homens também tiveram nas universidades brasileiras, e nos setores de militância neste mesmo período, lugares de acesso ao texto de Simone de Beauvoir. Suely Gomes da Costa - professora da Universidade Federal Fluminense - leu O Segundo Sexo, em português no ano de 1962, durante sua época de faculdade por sugestão de um professor¹²⁸:

¹²⁷ GOLDBERG, Anette. Tudo começou antes de 1975: idéias inspiradas pelo estudo da gestação de um feminismo “bom para o Brasil”. In: Relações de gênero X Relações de sexo. Departamento de Sociologia. Pós-Graduação. Núcleo de Estudos da Mulher e Relações de Gênero, 1989.

¹²⁸ Albertina de O. Costa não identifica quem seja o professor na entrevista.

(...) tinha um professor extremamente inovador na época muito jovem, psiquiatra, Álvaro Acioly. E um dia o Álvaro vem com um livro da Simone de Beauvoir e diz 'leiam esse livro, aqui há de ser uma escola feminina. Vocês precisam conhecer alguma coisa sobre a condição feminina, *O Segundo Sexo*'¹²⁹.

Para a socióloga Albertina de Oliveira Costa¹³⁰, a leitura de O Segundo Sexo teria se dado por intermédio de sua professora de História que teria feito as (os) alunas(os) lerem O Segundo Sexo em 1960, ano em que Sartre e Simone de Beauvoir visitavam o Brasil, destacando assim a importância desta leitura. Esse evento forneceu visibilidade e autoridade à produção literária do casal¹³¹. Ler O Segundo Sexo, neste sentido, era mostrar-se a par do que estava surgindo no meio intelectual em termos de leitura. Contudo, podemos notar que apesar da sugestão dos professores, o texto de Simone de Beauvoir não teria sido nem para Suely nem para Albertina a leitura de maior impacto naquele momento:

(...) qual foi o impacto dessa leitura. Eu acho que não foi nenhum. Foi uma coisa muito cerebral. Eu era militante, nessa época fazia o curso de serviço social. Eu era militante de esquerda, representante de Diretório Acadêmico, fazia política universitária, então eu não tive nada do que o feminismo pintou em mim com essa leitura (Suely)¹³².

Por outro lado, sei também que em 61, 62, ele era leitura obrigatória na pedagogia da USP. Agora, a meu ver, aí nesse período, 64, o texto que mais circulação e impacto teve no Brasil foi aquele artigo da Juliet Mitchell que saiu na *Civilização Brasileira*. Porque era marxismo e tal (Albertina)¹³³.

¹²⁹ COSTA, Suely Gomes da. Florianópolis: 17 fev. 2005. Entrevista realizada pela Prof^a. Dr^a. Joana Maria Pedro.

¹³⁰ COSTA, Albertina de O. Entrevista realizada pela Prof^a. Dr^a. Joana Maria Pedro.

¹³¹ A Difusão Européia do Livro, aproveitando-se da visita do casal ao país, aos quais publicava regularmente, editou neste ano *Reflexões sobre o racismo*, de Sartre, e o segundo volume de *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir. Ver, a esse respeito, ROMANO, Luís Antônio Contatori. A passagem de Sartre e Simone de Beauvoir pelo Brasil em 1960. Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 2002. P. 137.

¹³² COSTA, Suely Gomes da. Florianópolis: 17 fev. 2005. Entrevista realizada pela Prof^a.dr^a. Joana Maria Pedro.

¹³³ COSTA, Albertina de O. Entrevista realizada pela Prof^a.dr^a. Joana Maria Pedro.

Havia naquela época um interesse maior por leituras que se aproximassem do marxismo e do pensamento de esquerda, e o artigo de Juliet Mitchell¹³⁴ citado por Albertina, é um exemplo dessa tendência - que se justifica pelo próprio contexto em que o País vivia. Como observado anteriormente, os anos 60 e 70 foram fortemente marcados no Brasil pelo período da ditadura militar, quando, excluídas de sua livre expressão, e conseqüentemente sem o poder de manifestar-se, a população sofreu as pressões exercidas pelo regime de perseguições, prisões, torturas, desaparecimentos, e censura iniciado em 1964 e acirrado em dezembro de 1968, com a decretação do Ato Institucional N.º 5 (AI-5). Nessas circunstâncias, “os leitores não podem deixar de ser subversivos”, uma vez que os regimes totalitários exigem uma alienação da população no que concerne a politização da cultura e da vida intelectual¹³⁵. Ou seja, era necessário que os (as) leitores (as) burlassem os mecanismos da censura e efetuassem as leituras identificadas como “proibidas”.

Algumas leituras de O Segundo Sexo ocorreram, desta forma, concomitantemente a outras leituras fundamentais para as (os) integrantes dos movimentos sociais ou partidos políticos que se opunham ao regime militar instaurado no Brasil. Havia um diálogo teórico entre os diferentes movimentos sociais que buscavam mudar a sociedade tanto nos aspectos políticos e econômicos quanto nas questões sócio-culturais. Segundo Eulália Azevedo, pesquisadora do NEIM – Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher:

Eu já tinha lido Beauvoir nesse período. (...) quando eu entrei no partido, junto com a leitura de Marx, que já era anterior um pouco, e vim mesmo

¹³⁴ Ver, a esse respeito, MITCHELL, Juliet. Mulheres: a revolução mais longa. Revista Civilização Brasileira. Ano III. N.º. 14. Julho. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1967. Bimestral. Neste artigo a autora dedica uma parte de seu trabalho, intitulada O Segundo Sexo, para fazer críticas às questões levantadas por Beauvoir em seu texto. Apesar de considerá-lo até o momento “a maior contribuição sobre a matéria, considerada isoladamente”, Mitchel qualifica as teses da autora francesa como “atemporais”, “de explicação psicológica idealista”, e com uma “abordagem econômica ortodoxa”. Importante atentarmos para o fato de que através da leitura deste artigo algumas feministas possam ter tomado conhecimento do texto de Beauvoir. Ou seja, a leitura do livro através de outros suportes, neste caso, o artigo de Juliet Mitchell é um exemplo.

¹³⁵ MANGUEL, Alberto. Uma história da leitura. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. P. 35.

a reafirmar essa leitura e o estudo de Marx foi quando eu assumi o PC do B. Eu também já comecei a fazer leituras de Beauvoir junto com essa menina que era psicóloga de lá de Belo Horizonte, que as amigas dela já questionavam também muito essas questões¹³⁶

Através da narrativa de Eulália observamos que a leitura de O Segundo Sexo teria ocorrido juntamente com o estudo da produção textual de Marx, uma das leituras deste momento de mobilização dos partidos de esquerda. Para Analba Brasão Teixeira¹³⁷, não eram apenas os partidos de esquerda - com O Capital - que tinham suas leituras básicas, mas os outros movimentos sociais, e entre estes o movimento feminista também. Segundo Analba:

Tinha aquelas leituras. A básica que eu li, e que achei muito chato e a gente tinha que ler, era *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, antes de estar no movimento feminista (...) em 77, 78, mais ou menos. (...). Eu acho que era modismo. (...) eu me lembro da Lis - uma amiga minha que na época fazia Psicologia – ela falava ‘esse é um livro que todas as mulheres tem que ler’. (...) Ai me emprestou pra eu ler, e eu li e achei muito chato; achei uma leitura extremamente chata. Voltei a ler agora, e aí já é uma outra leitura que você faz, mas na época não era. Achei interessante e tal, mas não foi uma coisa que...assim...eu li porque era feminista e tinha que ler. Era uma coisa que pra quem fazia movimento você tinha que ler. *O Capital* era um, *O Segundo Sexo* era outro. Tinham uns que eram chatos, mesmo que você não entendia nada, você tinha que dizer que já leu.

Apesar do fato de ter realizado a leitura de O Segundo Sexo em meados dos anos 70, por intermédio de uma pessoa não ligada ao movimento feminista - uma amiga que fazia psicologia lhe teria emprestado - Analba afirma ter lido a obra “porque era uma feminista e tinha que ler”. Se, por um lado, frente às primeiras impressões da obra, Analba diz ter achado O Segundo Sexo “chato”, recentemente, reconhece ter voltado à obra fazendo uma “outra leitura”, demonstrando a apropriação do contexto na significação que são dadas às leituras. Na medida em que as discussões dos movimentos feministas

¹³⁶ AZEVEDO, Eulália. Salvador: 03 dez. 2004. Entrevista realizada pela Profª. Drª. Joana Maria Pedro.

¹³⁷ TEIXEIRA, Analba Brasão. Florianópolis: 18 mar. 2005. Entrevista realizada pela Profª. Drª. Joana Maria Pedro.

avancaram e ganharam força, a partir dos anos 60, a leitura de O Segundo Sexo, ou o simples acesso ao texto, foi se revestindo de um simbolismo, que conferia a suas leitoras e leitores o acesso a uma posição privilegiada dentro de um determinado círculo intelectual, o que tornou sua leitura um “modismo”. Ao identificar-se com o movimento feminista, procedia-se então à leitura de algumas autoras centrais para o envolvimento nos debates e, entre estas, Simone de Beauvoir.

Os depoimentos devem ser pensados, neste sentido, como mecanismos de busca de legitimação por parte dos (as) depoentes para atingir o centro da cultura erudita a que pretendem ascender¹³⁸. Geralmente, as pessoas ao nomearem suas leituras tendem a citar aquelas que estejam ligadas a uma cultura dada como “superior”.

A associação de livros com seus leitores é diferente de qualquer outra entre objetos e seus usuários. Ferramentas, móveis, roupas, tudo tem uma função simbólica, mas os livros infligem a seus leitores um simbolismo muito mais complexo do que o de um mero utensílio. A simples posse de livros implica uma posição social e uma certa riqueza intelectual¹³⁹.

No entanto, as formulações marxistas não deram conta inteiramente das questões relativas às mulheres¹⁴⁰. No Brasil, o feminismo marxista/socialista teve grande recepção entre as feministas, ao combater o ideário patriarcal da família e ao lutar pela emancipação econômica das mulheres¹⁴¹. Segundo Maria Lygia Quartim de Moraes:

¹³⁸ Ver, a esse respeito, PÉCORA, Alcir. O campo das práticas de leitura, segundo Chartier. In: CHARTIER, Roger (org). Op. cit. P. 13.

¹³⁹ MANGUEL, Alberto. Op. cit. P. 242.

¹⁴⁰ A crítica feita pelas feministas à tese de Marx, é que esta apresenta uma visão da vida humana e da organização social baseada na questão da “produção”, eliminando de seu enfoque teórico todas as atividades básicas para a sobrevivência humana que se acham fora da economia capitalista - chamada pelas feministas de “reprodutivas” - e de organização social, como as relações de parentesco. Ver, a esse respeito, NICHOLSON, Linda. Feminismo e Marx: Integrando o Parentesco com o Econômico. In: BENHABIB, Seyla e CORNELL, Drucilla (orgs). Feminismo como crítica da modernidade. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos tempos, 1987. P. 23-37.

¹⁴¹ MORAES, Maria Lygia Quartim de. Marxismo e feminismo: afinidades e diferenças. Crítica Marxista, n.11, P. 89-97, 2000.

As feministas marxistas brasileiras incluíam em sua bibliografia obrigatória autores como Marx, Engels, Alexandra Kollontai, Simone de Beauvoir e Juliet Mitchell. As preferências literárias das feministas revelam a preocupação com certas questões centrais para as quais o marxismo fornecia um modelo explicativo. Urgia enfrentar o discurso conservador que preconizava a conformidade da mulher com seu destino de mãe e esposa¹⁴².

Nesse sentido, compreendemos a importância da leitura de textos de Juliet Mitchell e Alexandra Kollontai, nas narrativas das feministas brasileiras entrevistadas, como na fala de Albertina, por exemplo. Ainda neste propósito, Eleonora Menicucci de Oliveira¹⁴³ - professora livre docente do Departamento de Medicina Preventiva da Universidade Federal de São Paulo - afirma ter lido O Segundo Sexo em 1975, quando entrou para um grupo de mulheres. Sua memória sobre a leitura do livro de Simone de Beauvoir também é confrontada a outras leituras consideradas como mais relevantes para aquele período. Para Eleonora:

(...) eu tive contato com *A Dialética do Sexo*, da Sulamith Firestone. Me enlouqueceu! (...) Elas me emprestaram o livro, e eu sai louca e fui comprar. (...)E aí elas disseram ‘não, compra *O Segundo Sexo* também’, e eu falei ‘ah, aquela bobagem?’. (...) É, porque perto da Sulamith é bobagem...naquela época, e eu era muito libertária nesse sentido. (...) Então eu fui atrás, e...minto, desculpa, um equívoco, na minha formação marxista eu li a Alexandra Kollontai. (...) e a Juliet Mitchell. (...) Aí eu comprei *O Segundo Sexo*. Li *O Segundo Sexo*. Fiquei muito apaixonada.

Se por um lado Maria Lygia Quartim de Moraes indica Simone de Beauvoir dentre as leituras obrigatórias para as feministas marxistas brasileiras¹⁴⁴, por outro, percebemos que algumas entrevistadas não atribuíram ao O Segundo Sexo o “status” de uma leitura associada ao marxismo, mas de uma leitura “cerebral”, distante do que estava sendo vivenciado por elas. Nesse sentido, Goulemot afirma que “cada regime tem sua memória

¹⁴² Ibid, P. 92.

¹⁴³ MENICUCCI, Eleonora. Cárceres/MT: 14 out. 2004. Entrevista realizada pela Profª. Drª. Joana Maria Pedro.

¹⁴⁴ MORAES, Maria Lygia Quartim de. Op. cit. P. 92.

histórica”, e esta “participa do nosso ato de ler”, influenciando toda a leitura¹⁴⁵. Ao pensarmos desta forma, as narrativas apresentadas estão repletas das ressonâncias da memória histórica dos tempos da ditadura, e as entrevistadas - herdeiras deste processo-, sinalizam as leituras que se mostram coerentes a este contexto de militância tanto nos partidos de esquerda como nos movimentos feministas.

Perceber o que as leitoras nos dizem de O Segundo Sexo, permite-nos observar as circulações do mesmo, ou seja, não só o que foi lido e qual o sentido dado aos textos, mas as circunstâncias – particulares e coletivas - em que se deram essas leituras. A carga coletiva de memória social, que chamamos aqui de memória histórica de um período, partilha com a carga pessoal que cada entrevistada traz de suas experiências particulares.

Para Maria Amélia Schmidt Dickie – professora do Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina – O Segundo Sexo foi uma leitura difícil e fragmentada, pois lhe despertava reflexões dolorosas. Posteriormente, fazendo a discussão do texto de Simone de Beauvoir junto a outras pessoas, e dialogando a teoria com as experiências práticas, Maria Amélia retomou o debate do texto. Questionada sobre como teria sido sua leitura de O Segundo Sexo Maria Amélia responde:

Foi muito difícil. Foi uma leitura que eu fiz aos pedaços, eu não consegui ler de fio a pavio, como se diz. Ao mesmo tempo em que me fascinava, me agredia muito, por que eu me via obrigada a refletir sobre coisas que me machucavam, que pra mim eram muito difíceis. Eu só consegui realmente parar pra pensar sobre isso, quando eu pude encontrar interlocutoras que também estariam falando no plano teórico. Por que a gente começou a falar no plano teórico, depois é que começamos a falar da gente. Essa leitura foi durante o grupo. Eu tinha começado antes, tinha parado, aí voltei, por que poderia conversar sobre aquilo com outras pessoas naquele tom¹⁴⁶.

¹⁴⁵ GOULEMOT, Jean Marie. Op. cit. P. 111.

¹⁴⁶ DICKIE, Amélia. Florianópolis: 11 ago. 2003. Entrevista realizada por Janine Petersen.

Não há nada neste caso que possa ser colocado fora da questão subjetiva, ou analisado apenas sobre o prisma generalizante da coletividade. As subjetividades, sempre mutáveis, são produzidas pelo entrelaçamento de um universo interior e exterior¹⁴⁷. É preciso estarmos atentas(os) a preponderante fração de sentimentos encobertos existentes nas situações de leitura. Neste sentido, a subjetividade, mantendo sempre uma relação com o social, é também um dos elementos que configuram e orientam a construção de significados na leitura.

Prosseguiremos com a narrativa de Maria Ignez Paulilo¹⁴⁸ – professora do Departamento de Sociologia e Ciência Política da Universidade Federal de Santa Catarina – ao ser questionada sobre sua leitura de O Segundo Sexo:

Por incrível que pareça eu não gostei. Eu já era feminista, então não foi uma das minhas primeiras leituras, e achei cerebral demais, intelectual demais. Eu não sei se é porque eu vinha de uma vivência de muita influência do marxismo nas Ciências Sociais, mais preocupada com pobreza, com esse tipo de coisa, mais preocupada com mulheres de periferia. A gente discutia também a situação das operárias. Eu logo me dediquei às mulheres rurais, minha dissertação de Mestrado foi sobre as mulheres rurais. O livro da Simone de Beauvoir era intelectual demais, frio demais. Inclusive quando ela falava que perda para a mulher ter filhos, eu não era mãe na época, mas aquilo me impressionou muito. Não gostei.

Maria Ignez realizou sua leitura de O Segundo Sexo depois de ter terminado o mestrado em Ciências Sociais, em meados da década de 1970. Em sua fala, Maria Inês justifica sua impressão sobre a leitura do texto de Simone de Beauvoir como “cerebral demais, intelectual demais” pela influência que o marxismo teve na sua formação e pela experiência que teve ao se dedicar às mulheres rurais. Para Maria Inês, O Segundo Sexo teve uma conotação “burguesa” no tratamento que deu à questão das mulheres, uma vez

¹⁴⁷ ROLNIK, Suely. Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização. In: LINS, Daniel (org.). Cultura e Subjetividade: Saberes nômades. Campinas, SP: Papirus, 1997. P. 19.

¹⁴⁸ PAULILO, Maria Inês. Florianópolis: 18 ago. 2003. Entrevista realizada por Janine Petersen.

que a influência que recebeu do marxismo a fez “mais preocupada com pobreza, com esse tipo de coisa, mais preocupada com mulheres de periferia”. Os estudos marxistas para estas feministas estava mais ligado ao social, às mulheres de baixa-renda, e, principalmente, à uma ação prática em relação a realidade brasileira no momento, enquanto O Segundo Sexo se mostrava uma leitura mais teórica e intelectualizada.

A leitura de O Segundo Sexo teria ainda impressionado Maria Inês por parecer-lhe “fria demais” na maneira pela qual tratava a maternidade, como “uma perda para a mulher”. A leitora não entende a maternidade aos moldes de Simone de Beauvoir, como um entrave à libertação da mulher. Segundo a autora francesa:

Mas é apenas uma ilusão. Porque ela não fez realmente o filho: ele se fez nela; sua carne só engendra carne: ela é incapaz de fundar uma existência, que se terá de fundar ela própria; as criações que emanam da liberdade põem o objeto como valor e o revestem de uma necessidade; no seio materno o filho é injustificado, não passa ainda de uma proliferação gratuita, um fato bruto cuja contingência é simétrica à da morte. A mãe pode ter suas razões de querer um filho, mas não poderá dar, a esse outro que vai ser amanhã, suas próprias razões de ser; ela engendra-o na generalidade de seu corpo, não na singularidade de sua existência¹⁴⁹

Para Simone de Beauvoir, no capítulo *A Mãe*¹⁵⁰, a questão da maternidade não é unicamente biológica. Depois do nascimento a criança passa a exigir além do corpo da mãe, “a carne materna”, todo o empenho possível em termos de cuidado e atenção, tirando-lhe a liberdade e autonomia. Para a autora, a maternidade adquire significados diferentes a partir das circunstâncias em que está sendo analisada, sejam elas econômicas, sociais, culturais, e até mesmo psicológicas. Desta forma, Beauvoir defende o aborto legal como uma escolha da mulher frente ao contexto em que vive, e denuncia a prática do aborto

¹⁴⁹ BEAUVOIR, Simone de. OSS. Vol. 2, P. 263.

¹⁵⁰ Ibid, P. 248 – 295.

como um “crime de classe”, uma vez que os métodos contraceptivos estariam mais difundidos nos meios burgueses, restando à mulher pobre decidir entre o crime e o fardo¹⁵¹.

Entendendo a situação da leitura como “a revelação de uma das virtualidades significantes do texto”¹⁵², percebemos que algumas feministas apresentam pontualmente as temáticas que lhes teriam despertado mais a atenção na leitura de O Segundo Sexo. A escolha de um sentido em particular, efetuada pela memória que as entrevistadas têm da leitura do texto de Simone de Beauvoir, é marcada pelas experiências vividas por cada feminista em seu contexto de leitura. Assim, há uma situação de comunicação particular operada entre um dos sentidos possíveis do texto e a apreensão da leitora em um determinado momento, efetuando o processo de significação da leitura.

Alda Britto da Motta - pesquisadora vinculada ao NEIM - afirma ter lido O Segundo Sexo traduzido para o português na transição dos anos 50 para os anos 60, e lembra ter achado Beauvoir “psicanalítica demais” no primeiro volume da obra, intitulado *Fatos e Mitos*¹⁵³. Segundo Alda:

Primeiro eu li Simone (...) mas eu peguei assim, muito, muito cedo. (...) Olha, tão cedo que eu abandonei porque eu fui começar primeiro pelos Fatos¹⁵⁴, a questão biológica, e aí eu achei psicanalítica demais. Uma coisa doentia demais. Não gostei e abandonei. Porque eu peguei o primeiro volume e a minha fase naquele momento... Eu queria uma coisa aberta, pra frente¹⁵⁵

Para Alda, a obra de Beauvoir não mostrava uma relação com o momento em que estava vivendo, “não gostei e abandonei”, diz. Alda faz parte de uma parcela das entrevistadas que resume suas impressões sobre a leitura de O Segundo Sexo como

¹⁵¹ Ibid, P. 248-294.

¹⁵² GOULEMOT, Jean Marie. Op. cit. P. 108.

¹⁵³ MOTTA, Alda Britto. Salvador: 03 dez. 2004. Entrevista realizada pela Profª. Drª. Joana Maria Pedro com Alda Britto da Motta, na Universidade Federal da Bahia.

¹⁵⁴ Alda Britto da Motta se refere ao primeiro volume de O Segundo Sexo, intitulado *Fatos e Mitos*.

¹⁵⁵ MOTTA, Alda Britto. Salvador: 03 dez. 2004. Entrevista realizada pela Profª. Drª. Joana Maria Pedro com Alda Britto da Motta, na Universidade Federal da Bahia.

“psicanalítica”, “fria”, e “doentia”. Entretanto, após ler o segundo volume - *A Experiência Vivida* - Alda afirma ter mudado sua visão, assim como veremos em outros depoimentos.

Em relação a esta leitura, Alda recorda:

Como eu encontrei Simone, não me lembro muito. Talvez pela literatura, mas eu não li as obras literárias dela, a não ser alguma coisa. Eu comecei pelo *O Segundo Sexo*. Quando eu li, quando eu tive acesso, que eu não me lembro, ao segundo volume, aí toda minha visão mudou. Eu fiquei encantadíssima. Aquele capítulo *A Moça* era um retrato do meu tempo de jovem e ainda algum tempo depois. Tinha umas coisas que eu achava geniais (...). Aquela coisa da mulher vencer com o sorriso, pensar que vence com o sorriso, e cada uma não pensar que as outras também sabem sorrir. Ou aquela coisa da realização como dona de casa (...), a decoração da casa, a administração da casa, a realização estética, existencial... Achava tudo aquilo genial. E aí eu fui descobrindo outras pessoas, por exemplo, alguém que era muito pouco conhecida (...) a Germaine Greer¹⁵⁶.

Quando Alda nos fala que o capítulo *A Moça* era um retrato de seu tempo, possibilita-nos refletir sobre a implicação do “fora do texto” como a relação entre o leitor e a situação da leitura¹⁵⁷. Segundo Goulemot, o “fora do texto” é também uma história coletiva e pessoal¹⁵⁸. Partindo desse pressuposto, devemos nos ater a duas questões que se apresentam pertinentes. Primeiramente, havia todo um momento de contestação como pano de fundo dessa geração de leitoras entrevistadas que determinava uma base de ação política às leituras que deveriam ser feitas, e neste sentido o marxismo parecia-lhes trazer mais significado. Concomitante a isso, havia igualmente a história de cada uma delas, suas experiências, o que vai agir decisivamente sobre as leituras que estavam sendo realizadas. No caso de Alda Britto da Motta, o primeiro volume da obra - *Fatos e Mitos* - tornou-se distante na medida em que a leitora não conseguia empreender um sentido para sua leitura. Por Beauvoir ser “*psicanalítica demais*” neste volume, a leitora afirma não ter gostado e

¹⁵⁶ Ibid.

¹⁵⁷ GOULEMOT, Jean Marie. *Op. cit.* P. 108.

¹⁵⁸ Ibid, P. 110.

abandonado sua leitura. Já o segundo volume - *A Experiência Vivida* -, tratava de algo que Alda vivenciava, a sua mocidade, e, portanto, o “fora-do-texto” foi operado de maneira positiva, uma vez que houve uma identificação entre a história pessoal da leitora e sua leitura.

Foi difícil, porque na geração deles ainda havia aquela idéia de que homem estuda, mulher não deve, não chegavam a colocar o clássico para não mandar bilhete ao namorado, mas não achavam necessário. Então nenhuma das filhas foi para um curso primário normal (...) quanto mais ir a um ginásio. Eu fui para um curso primário (...) gostava mesmo de estudar, era muito curiosa, e quando chegou a hora de fazer o ginásio, aí brecaram. Meu avô disse que eu não tinha que ir para o ginásio, e eu insistindo (...) e aí eu fiz greve de fome... Muito pouco tempo, porque eles se assustaram. (...) e aí abriram, mas dizendo ‘Você se vira’¹⁵⁹.

Esta fala de Alda Britto da Motta, sobre a educação que recebeu de seus avós, é uma entre tantas outras em sua entrevista que poderíamos confrontar com passagens do capítulo *A Moça*, em *O Segundo Sexo*. Alda fala da dificuldade que encontrou para levar seus estudos adiante, trabalhar, ser dona de casa, mãe e esposa, e na escolha pelo divórcio, numa época em que a “falação dos outros” funcionava como um alto juízo de valor em relação a uma moça, e posteriormente, a uma mulher “desquitada”. Sobre a “condição da moça”, Beauvoir afirma:

Da môça exigem que fique em casa, fiscalizam-lhe as saídas: não a encorajam em absoluto a escolher seus divertimentos, seus prazeres. (...). Além de uma falta de iniciativa que provém de sua educação, os costumes tornam-lhe a independência difícil. (...). A despreocupação torna-se de imediato uma falta de compostura; esse controle de si a que a mulher é obrigada, e se torna uma segunda natureza na ‘môça bem comportada’, mata a espontaneidade; a experiência viva é com isso dominada, do que resultam tensão e tédio¹⁶⁰.

¹⁵⁹ MOTTA, Alda Britto. Salvador: 03 dez. 2004. Entrevista realizada pela Profª. Drª. Joana Maria Pedro com Alda Britto da Motta, na Universidade Federal da Bahia.

¹⁶⁰ No capítulo *A Moça*, Simone de Beauvoir fala de como a passividade feminina é construída na mulher através da educação que lhe é fornecida por intermédio da sociedade. Uma moça deve preocupar-se em ser agradável e feminina, e aguardar a chegada do casamento. Suas perspectivas futuras não devem ultrapassar as profissões de esposa, mãe e avó. Nesta parte da obra, Beauvoir discorre ainda sobre o misto de admiração e

Talvez tenha faltado a Alda, neste momento, outras leituras e experiências para que o primeiro volume de O Segundo Sexo lhe fizesse algum sentido. Da mesma forma que para Suely Gomes da Costa:

Meu primeiro contato com uma matéria feminista se deu na década de sessenta, início da década de sessenta, quando eu li *O Segundo Sexo*. (...) Não, *O Segundo Sexo* não teve a menor... Mas eu quero usar porque foi um primeiro contato. É, foi um contato que eu não lembro muito. Eu ontem já peguei o livro, ele é de 61, eu acho, a primeira edição de *O Segundo Sexo* pela Civilização Brasileira. Ele está todo grifado, então ele me fez pensar. Mas eu não tenho guardado em mim nenhum registro das indagações que eu estava fazendo no momento em que eu estava lendo. Então eu estou me debruçando inclusive nisso para recorrer a minha memória... Qual foi o impacto dessa leitura? Eu acho que não foi nenhum

Suely narra ter lido e grifado seu livro de O Segundo Sexo, e essas possíveis marcas de sua leitura nos levam a crer que Simone de Beauvoir lhe teria feito refletir de maneira particular a respeito de algumas temáticas de sua obra. Entretanto, estas reflexões não foram “registradas” na memória da leitora, que não lembra das indagações que se fez na época da leitura. Nesse sentido, a própria Suely conclui a respeito de O Segundo Sexo: “qual foi o impacto dessa leitura? Eu acho que não foi nenhum”.

Para Margareth Rago - professora do Departamento de História da Unicamp – as leituras de O Segundo Sexo e A Mística Feminina, de Betty Friedan, pareceram-lhe “um papo um pouco chato”, pela falta de conexão entre a “leitura teórica” e a experiência vivenciada.

Eu não fiz essas leituras, mas eu conhecia, a minha irmã tinha, por exemplo, a Simone de Beauvoir, e a Betty Friedan todo mundo lia, todo mundo tinha. Mas eu achava o papo um pouco chato. Naquela época, para mim, é engraçado, porque às vezes eu tenho a sensação que quando

você vive a experiência não necessariamente você faz a leitura teórica daquilo, não é assim que se passa. Porque em geral você tem uma experiência e só depois de um tempo é que você se instrumentaliza teoricamente para pensar a experiência que você teve¹⁶¹.

Margareth afirma ainda que começou a ler O Segundo Sexo, mas não terminou a leitura por achar que aquilo que lia sobre a “opressão” não condizia com a sua realidade naquela época, uma vez que estudava e trabalhava. Como visto anteriormente, essa questão de não perceber-se inserida nas problemáticas propostas por Beauvoir é recorrente em algumas memórias, inclusive da própria autora. Ouvindo os comentários da irmã e da mãe sobre a coluna da jornalista Carmen da Silva, na revista Cláudia¹⁶², Margareth pensava que aquele discurso, embora fosse interessante, era importante apenas às mulheres oprimidas. O quê, segundo a entrevistada, não era seu caso.

Eu não era uma pessoa assim que me ligava com as feministas. Para Simone de Beauvoir, por exemplo, eu nunca dei muita atenção ao livro dela (...). Eu li um pouco só. Eu não li inteiro. (...). Uns pedaços. Quer dizer, nunca foi uma coisa (...). Agora é obvio que uma série de opressões eu sentia e contra as quais eu reagia violentamente. É, eu não trabalhava conscientemente (...)

Para Margareth, nesse período “era tudo ou nada”, ou seja, as pessoas engajadas aos movimentos de resistência e mobilização à ditadura procuravam leituras que correspondessem ao contexto vivenciado. Assim, de acordo com a narrativa de Margareth Rago, apesar de não ter sido lido na íntegra O Segundo Sexo mostrava e falava de uma realidade divergente do contexto latino-americano daquele momento, que era o contexto francês pós-segunda guerra, assim como das experiências pessoais da entrevistada.

¹⁶¹ RAGO, Margareth. Florianópolis: 19 abr. 2004. Entrevista realizada pela Prof^a. Dr^a. Joana Maria Pedro.

¹⁶² Carmen da Silva foi redatora da coluna “A Arte de Ser Mulher” na revista Cláudia durante vinte e dois anos consecutivos (1963-1985), popularizando-se, posteriormente, como “a grande dama do feminismo brasileiro”. Sua atuação nesta coluna representou uma vitória na batalha pelo poder do discurso em favor do movimento feminista. Ver, a esse respeito, DUARTE, Ana Rita Fonteles. Carmen da Silva: o feminismo na imprensa brasileira. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005. Série História e Memória do Jornalismo.

Tomemos ainda, a título de exemplo, a fala de Maria do Espírito Santo Tavares dos Santos – do Conselho Estadual da Saúde do Rio de Janeiro - conhecida como Santinha¹⁶³:

Li. (...). Foi no início do movimento feminista, aí, deixa eu te dizer uma coisa, é claro que teve uma importância para mim, a leitura. Agora, a sensação que eu tinha – e eu até coloquei isso discutindo com grupos menores - é que o que Simone de Beauvoir colocava, no livro maravilhoso, era uma coisa de lá, e aqui a gente tinha outra coisa. Feminismo aqui é outra coisa, neguinha! (...). É como se ali o feminismo se construísse daqueles que sabem, ou que iam saber, e aqui o saber se constitui através da prática, da vida, do sofrimento, da violência, certo? (...). Ali vai nascendo uma mulher que se torna uma feminista, entende?

Pensar a “condição da mulher”, como feito por Beauvoir, mostrava-se como um trabalho pioneiro e impressionante na medida em que não correspondia a nenhum outro trabalho produzido até aquele momento. No entanto, se por um lado as teses apresentadas em O Segundo Sexo satisfaziam, em certos aspectos, aos anseios das mulheres brasileiras, por outro, a discussão teórica promovida por Simone com autores da psicologia, biologia e marxismo, tornaram a leitura do texto densa. Desta forma, ler O Segundo Sexo exigia não somente uma reflexão maior das feministas, no intuito de trazerem as questões presentes no texto à conjuntura nacional, como a realização de outras leituras que dessem suporte às discussões apresentadas pela autora, como na fala de Eulália Azevedo:

Eu me lembro que antes de eu ler Beauvoir, eu li mesmo foi um livro que eu não me lembro da autora. Não sei se você conhece, chamava *Mulheres*¹⁶⁴, que é de uma autora americana, questionando toda essa relação das mulheres, do feminismo mesmo, das relações de gênero.

No depoimento de Eulália, apresentado no início deste capítulo, observamos que sua leitura de O Segundo Sexo teria ocorrido junto à produção textual de Marx, assim

¹⁶³ SANTOS, Maria do Espírito Santo Tavares dos. Rio de Janeiro: 14 fev. 2005. Entrevista realizada pela Profª. Drª. Roselane Neckel.

¹⁶⁴ O livro ao qual Eulália Azevedo se refere é Mulheres, da autora norte-americana Marilyn French. Ver, a esse respeito, FRENCH, Marilyn. Mulheres. Rio de Janeiro: Rio Gráfica, [s/d].

como percebemos uma outra leitura realizada, a partir da citação acima. Neste caso, como nos anteriormente citados, percebemos a dinâmica dos textos lidos pelas entrevistadas ao serem questionadas sobre as leituras que realizaram na época em que se identificavam como sendo feministas.

As narrativas mostram que “não existe compreensão autônoma do que é dado a ler ou a entender, mas articulação em torno de uma biblioteca do que foi lido”¹⁶⁵. A constituição do sentido de O Segundo Sexo para as feministas brasileiras baseou-se na intertextualidade que elas realizaram desta leitura com outras, comparando-as. O texto de Simone de Beauvoir ganhou sentido, desta forma, em relação ao que foi lido antes dele. Se a cada leitura que efetuamos, aquilo que foi lido anteriormente muda de sentido e torna-se uma outra leitura, como um processo de troca¹⁶⁶, então, o que lemos num dado momento é apropriado em grande parte pela carga de leituras que detemos, e pelas experiências até então vividas. Observamos em algumas das narrativas apresentadas que O Segundo Sexo só ganhou uma significação para suas leitoras na medida em que foram feitas outras leituras e realizadas experiências no plano individual, modificando as primeiras impressões. Ler é neste sentido uma ação intencional, historicamente datada, cumulativa, e que avança, segundo Manguel, em progressão geométrica: “cada leitura nova baseia-se no que o leitor leu antes”¹⁶⁷. Acrescentaria ainda, que se baseia igualmente na experiência vivenciada por cada leitora. Na fala de Eleonora Menicucci, apresentada anteriormente, a leitora narra ter achado O Segundo Sexo “uma bobagem”, antes mesmo de tê-lo lido. Contudo, depois da leitura de Alexandra Kollontai e Juliet Mitchell, Eleonora afirma ter lido o texto de Simone de Beauvoir e ter ficado “muito apaixonada”.

¹⁶⁵ GOULEMOT, Jean Marie. Op. cit. P. 115.

¹⁶⁶ Ibid, P. 116.

¹⁶⁷ MANGUEL, Alberto. Op. cit. P. 33.

Tomemos ainda a fala de Cecília M^a. B. Sardenberg¹⁶⁸ - pesquisadora do NEIM/UFBA – que narra ter efetuado sua primeira leitura de O Segundo Sexo juntamente com uma biografia de Margareth Mead, ambas no início da década de 1970, quando cursava disciplinas da Antropologia nos Estados Unidos, em plena época de efervescência do movimento feminista norte-americano:

(...) quando eu fiz a primeira disciplina de antropologia eu li a biografia de Margareth Mead (...) e *O Segundo Sexo*, que marcaram minha vida, isso foi 71, 72. (...) Até hoje eu tenho os dois que eu li. (...) as duas tiveram uma grande influência na minha vida profissional, e não só, mas enquanto ser humano.

Para Cecília, essas obras teriam influenciado sua vida pessoal e profissional, assim como as outras leituras realizadas posteriormente. Podemos constatar a permanência dessas obras como lembradas sempre em conjunto pela memória de Cecília através de um artigo publicado pela autora na edição comemorativa do cinquentenário da obra de Beauvoir organizada pelo NEIM. Neste artigo¹⁶⁹, Cecília Sardenberg confronta Margareth Mead e Simone de Beauvoir em um diálogo fictício, onde ambas discutem suas obras, O Macho e Fêmea e Segundo Sexo, comentando aspectos falhos e ressaltando as questões mais relevantes. Em um trecho deste diálogo criado por Sardenberg, Simone de Beauvoir responderia a Margareth Mead dizendo que a maior parte das críticas que recebeu não resultaria do fato dela ter falado sobre sexualidade em seu trabalho, mas por ter abordado a questão das relações de poder entre homens e mulheres, que tornam a mulher sempre o “Outro” na História¹⁷⁰.

¹⁶⁸ SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. Salvador: 03 dez. 2004. Entrevista realizada pela Prof^a. Dr^a. Joana Maria Pedro.

¹⁶⁹ SARDENBERG, Cecília M. B. Um diálogo possível entre Margareth Mead e Simone de Beauvoir. In: MOTTA, Alda Britto da; SARDENBERG, Cecília; GOMES, Márcia. (Orgs.). Op. cit. P. 75-107.

¹⁷⁰ Ibid, P. 93.

Este diálogo criado por Sardenberg foi baseado num breve encontro entre as autoras em Paris, no final do ano de 1949, e narrado por Lévi-Strauss em entrevista publicada posteriormente¹⁷¹. Nesta, Lévi-Strauss afirma que “elas não se dirigiram a palavra”¹⁷², entretanto, com base em uma carta de Beauvoir endereçada a Nelson Algren, a autora relata esta mesma ocasião, afirmando ter havido um curto e ríspido diálogo.

‘Conheci em uma reunião uma americana horrível, Sra. Mead, autora de *Macho e Fêmea*, que investiga a diferenciação sexual em Samoa, Nova Guiné, e nos EUA. Amigos decidiram que nós tínhamos que nos conhecer. Eu lhe falei: ‘Desculpe-me, não li o seu livro’. Ela respondeu: ‘Estamos quites, eu não li o seu’. Eu tentei explicar que tinha desejo de ler seu livro, mas ela não falava nem uma palavra de francês e não parecia entender meu inglês (...)’¹⁷³.

O breve encontro entre a autora norte-americana e Simone de Beauvoir ocorreu por intermédio de Claude Lévi-Strauss, que depois de ter passado anos de exílio em Nova Iorque retorna a França, e como diplomata francês vê-se obrigado a recepcionar Margaret Mead que visitava a França na ocasião¹⁷⁴.

Cecília conclui a conversa entre as duas autoras agradecendo a influência:

Mas, certamente, foi você, Simone, com *O Segundo Sexo*, quem me levou a pensar sobre a construção do ‘ser mulher’ nas sociedades capitalistas contemporâneas como a nossa, e a tomar uma posição radical no sentido da ‘desconstrução’ desse ‘ser mulher’. Mais que isso, foi você, Simone, quem me ensinou a pensar enquanto ‘sujeito feminista’, e assim, a não me pensar mais como um eterno outro, como objeto – ou melhor dizendo,

¹⁷¹ LÉVI-STRAUSS, Claude; ERIBON, Didier. *De Perto e De Longe*. Tradução de Lea Mello e Julieta Leite. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990 apud SARDENBERG, Cecília M. B. Um diálogo possível entre Margareth Mead e Simone de Beauvoir. In: MOTTA, Alda Britto da; SARDENBERG, Cecília; GOMES, Márcia. (Orgs.). *Op. cit.*

¹⁷² Ibid, P. 76.

¹⁷³ BEAUVOIR, Simone de. apud BADINTER, Elisabeth. La Mère. In: GALSTER, Ingrid. (org) *Simone de Beauvoir: Le Deuxième Sexe*. Le livre fondateur du féminisme moderne en situation. Paris: Éditions Champion, 2004. P. 361. (Tradução livre – Joana Vieira Borges)

¹⁷⁴ SARDENBERG, Cecília M. B. Um diálogo possível entre Margareth Mead e Simone de Beauvoir. In: MOTTA, Alda Britto da; SARDENBERG, Cecília; GOMES, Márcia. (Orgs.). *Op. cit.*, P. 76.

a lutar para a transcendência de objeto a sujeito. Que fique aqui registrado esse meu tributo a vocês¹⁷⁵.

Com base nas falas das feministas entrevistadas podemos obter informações sobre outras leituras que nesta época eram importantes para o feminismo, como é o caso de Albertina Costa, que cita Juliet Mitchel; Cecília Sardenberg, citando Margaret Mead; Eleonora Menicucci, aludindo a Alexandra Kollontai; entre outras. Para Eva Blay¹⁷⁶, professora de Sociologia na USP que na sua adolescência leu O Segundo Sexo em português, a leitura “fundamental para a expansão do feminismo” teria sido A Mística Feminina¹⁷⁷, de Betty Friedan.

É, na adolescência. Todo mundo lia Simone de Beauvoir. (...) Eu li *O Segundo Sexo*. (...) Agora, o livro que mais me impactou nesse momento, foi em 1964, quando eu li *La femme mystifiée*, que é *A mulher mistificada* da Betty Friedan, e que tinha sido vertida para o francês. (...) eu tava amamentando meu primeiro filho quando eu li esse livro e realmente até hoje, eu acho que ele abriu, ele foi fundamental para a expansão do feminismo.

Através das narrativas analisadas percebemos como as feministas entrevistadas fornecem diferentes atribuições de leitura a textos iguais. Algumas entrevistadas citam outras leituras como mais marcantes em suas formações enquanto feministas, em contrapartida, O Segundo Sexo aparece em algumas falas como a leitura de maior impacto. O fundamental aqui é entendermos como se dão essas diversas apreensões dos textos, e de que maneira eles são manejados e compreendidos por suas leitoras¹⁷⁸.

No caso de Rachel Soihet¹⁷⁹, a professora na Universidade Federal Fluminense afirma ter lido O Segundo Sexo em francês, no fim da década de 50, e também indica

¹⁷⁵ Ibid, P. 104.

¹⁷⁶ BLAY, Eva Alterman. São Paulo: 04 ago. 2004. Entrevista realizada pela Prof^a. Dr^a. Joana Maria Pedro.

¹⁷⁷ FRIEDAN, Betty. Op. cit.

¹⁷⁸ CHARTIER, Roger. Op. cit., 1999. P. 16.

¹⁷⁹ SOIHET, Rachel. Florianópolis: 02 set. 2004. Entrevista realizada pela Prof^a. Dr^a. Joana Maria Pedro.

outras leituras que teria feito posteriormente ao texto de Simone de Beauvoir, e que teriam sido igualmente relevantes ao movimento feminista naquele momento. Entretanto, apesar de citar Friedan e Firestone, Rachel parece ter se identificado mais com O Segundo Sexo. Interrogada sobre seu contato com leituras feministas no início de sua identificação com o feminismo, Rachel Soihet responde:

Simone de Beauvoir. (...) Foi década de 50, 60, quando foi traduzido. Eu li ainda o francês que tenho até hoje. (...) Ainda não tinha edição em português. (...) Depois eu li outras coisas: a Betty Friedan, a Sulamith - aí já bem mais a frente. A Simone de Beauvoir me impressionou muito. Eu me identifiquei muito com a leitura, que já era uma coisa que estava dentro de mim. Mais tarde eu li *A Mística Feminina*, isso já foi mais tarde. (...) Ela veio lançar o livro, eu sei, aí eu não devo ter lido em 71, li mais ou menos, talvez nessa época que você está colocando (1973). Aí fiz outras leituras, me lembro da Shulamith Firestone, esses livros que saíram na época.

Há uma “biblioteca cultural” em torno de O Segundo Sexo, como visto anteriormente, que pode tanto lhe ter possibilitado a constituição de um sentido por parte de suas leitoras, como a própria leitura do texto de Simone de Beauvoir tenha criado essa condição a outras leituras. Nesse sentido, todo o saber anterior trabalha o texto oferecido ao deciframento. Podemos identificar ainda leituras de O Segundo Sexo que se deram após outros textos de Simone de Beauvoir. Nas narrativas, Memórias de uma moça bem comportada¹⁸⁰ aparece como o segundo livro mais citado depois de O Segundo Sexo. Lourdes Bandeira¹⁸¹, professora da Universidade de Brasília, lembra ter lido este livro de memórias durante sua juventude, e de como essa leitura ficou em aberto, como uma interrogação a ser discutida. Sua leitura de O Segundo Sexo teria acontecido

¹⁸⁰ Este foi o primeiro dos livros de memórias de Simone de Beauvoir publicado em 1958. BEAUVOIR, Simone de. MMBC.

¹⁸¹ BANDEIRA, Lourdes Maria. Salvador: 26 nov. 2003. Entrevista realizada pela Prof^a. Dr^a. Joana Maria Pedro.

posteriormente, no período que marca o fim de sua graduação e o início do mestrado.

Referindo-se, inicialmente, a Memórias de uma moça bem comportada Lourdes afirma:

Sempre me deixou uma interrogação, digamos assim, mas nunca eu tinha tido oportunidade de discutir. A primeira vez que eu li *O Segundo Sexo*, li muito fragmentado. (...) A primeira vez que eu li *O Segundo sexo*, foi quando eu acho que eu estava já, talvez, no final da graduação e início do mestrado. (...) eu já conhecia, porque veja bem (...) quando fiz vestibular pra UFRGS fiz para Ciências Sociais e eu fazia, fiz vestibular pra PUC e fazia Letras. Eu fazia Letras francês. (...) eu estudei na Aliança Francesa, ainda no 2º grau, aí eu fiz curso clássico no Colégio Bom Conselho, em Porto Alegre. (...). E eu tinha muito interesse nas autoras francesas. (...). Claro que, eu li fragmentadamente a Simone nesse momento, não é? Mas, eu não tinha necessariamente, digamos assim, despertado para essa questão. (...) eu retomei a leitura da Simone. Que eu li direitinho.

Na fala de Lourdes Bandeira, observamos que a interrogação deixada como uma “semente” pela leitura de Memórias de uma moça bem comportada, não foi respondida pela leitura posterior de O Segundo Sexo, realizada de maneira “fragmentada”. Interessante notar que, em certo momento de sua narrativa, Lourdes atenta para a questão de ter retornado a leitura de Simone de Beauvoir “direitinho”. Aqui, percebemos a demanda pela “autoridade intelectual” que a leitura de Beauvoir fornecia a suas leitoras.

Sandra Azeredo¹⁸² - professora pesquisadora na Universidade Federal de Minas Gerais – também narra ter lido Memórias de uma moça bem comportada em português durante sua juventude em meados da década de 60, e mais tarde, teria ganhado O Segundo Sexo de sua irmã, leitora assídua de Simone de Beauvoir.

Eu tinha por volta de 18 e 19 anos. Minha irmã, que é três anos mais velha que eu, é filósofa, uma grande leitora, (...) ela tem aliás uma grande influência na minha formação. E ela leu todos os livros da Simone de Beauvoir, e parece que ela me deu *O Segundo Sexo*. De qualquer forma, não me lembro se era *O Segundo Sexo*, acho que ela me deu depois, mas o livro que me marcou muito da Simone de Beauvoir foi o ‘Diário de

¹⁸² AZEREDO, Sandra Maria da Mata. Florianópolis: 27 nov. 2003. Entrevista realizada pela Profª. Drª. Joana Maria Pedro.

uma moça bem comportada’. Eu devo ter lido com 18, 19 anos (...). Então o livro da Simone foi muito importante. Muito importante pra pensar a questão da mulher.

Para Sandra, a leitura de Memórias de uma moça bem comportada foi fator importante para sua reflexão a respeito da “questão da mulher”. O sentido atribuído à leitura de O Segundo Sexo não é comentado por Sandra, que afirma apenas tê-lo lido por intermédio da irmã. Seria também, neste caso, uma ação no sentido de legitimar seu conhecimento a respeito de um texto amplamente reconhecido e citado pelo movimento feminista, de uma maneira geral, como um “marco histórico”?

Teresa Sell – professora aposentada do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina - afirma em sua narrativa que leu A Velhice, também de Simone de Beauvoir¹⁸³, antes de O Segundo Sexo.

Eu até acabei lendo antes *A velhice*. Eu lia mais a Françoise Sagan¹⁸⁴. Eu gostava mais da vertente mais erótica do feminino. Eu sempre tive o feminismo nessa linha, e não como uma questão política em que você se masculiniza. Eu não aceito essa idéia, essa posição. (...) Eu tinha lido outros desse nível (referindo-se a *O Segundo Sexo*). Eu gosto muito dela, mas eu não distinguiria este livro pra minha vida¹⁸⁵.

Em entrevista, Teresa afirma ter lido O Segundo Sexo, embora essa não tenha sido a leitura de maior relevância em sua identificação com o feminismo. A consciência da “submissão da mulher” na sociedade teria lhe despertado com A Mística Feminina, em 1973. O Segundo Sexo foi uma leitura posterior ao texto de Friedan e A Velhice. Através da narrativa de Teresa percebemos não só o círculo de leituras realizadas pela entrevistada, mas suas apreensões a respeito dos textos que cita. Apesar de “gostar” muito de Simone

¹⁸³ A Velhice foi publicado originalmente pela editora Gallimard, em 1970, Paris.

¹⁸⁴ Françoise Sagan, escritora francesa, nasceu em 1935 e tornou-se conhecida aos 19 anos pela publicação do romance Bonjour Tristesse, em 1954, ícone da insatisfação juvenil da França de 50 e 60. Faleceu recentemente, em 2004, vítima de embolia pulmonar.

¹⁸⁵ SELL, Teresa. Florianópolis: 13 jul. 2003. Entrevista realizada por Janine Petersen.

de Beauvoir, e aqui não sabemos se da autora ou das obras, a feminista entrevistada não destaca a leitura de O Segundo Sexo como de grande relevância para sua vida.

Através das narrativas das entrevistadas apresentadas deparamo-nos com um leque de questionamentos possíveis para a reflexão de uma história da leitura de O Segundo Sexo no Brasil proposta por esse trabalho, entretanto, seria importante voltarmos a um aspecto crucial. Roger Chartier defende um paradoxo fundador de toda história da leitura ao lembrar as proposições de Michel de Certeau¹⁸⁶: ao mesmo tempo em que esta postula a liberdade da leitura, só podemos capturar-lhes as determinações¹⁸⁷. Ou seja, por mais que saibamos que a leitura é variada na produção de sentidos, não podendo ser simplesmente deduzida dos textos dos quais ela se apropria, as leitoras e os leitores seguem códigos culturais da conjuntura das quais fazem parte. Do contato “leitor-texto” - “mundo do texto” e “mundo do leitor” - a operação de construção de sentido efetuada na leitura é um processo historicamente determinado, variando de acordo com o lugar, o tempo, e os grupos sociais¹⁸⁸. Ou seja, através das narrativas analisadas, temos acesso às leituras de O Segundo Sexo de uma conjuntura e geração singular, formando uma “comunidade interpretativa”¹⁸⁹ do texto de Simone de Beauvoir, cujas feministas entrevistadas compartilham, em certa medida, “os mesmo estilos de leitura e as mesmas estratégias de interpretação”¹⁹⁰.

Segundo Joana Maria Pedro, existe um elo entre as trajetórias das feministas entrevistadas que apontam para um passado de luta contra a ditadura e vinculação com a

¹⁸⁶ As proposições de Michel de Certeau, no que concerne à leitura, seriam: “a leitura como jamais limitada” e as “táticas dos leitores” como que obedecendo a regras, lógicas e modelos. Ver, a esse respeito, CHARTIER, Roger. Op. cit., 1999.

¹⁸⁷ Ibid, P. 27.

¹⁸⁸ Ver, a esse respeito, CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação. In: Op. cit.

¹⁸⁹ Chartier se utiliza o termo *interpretive communities* de Stanley Fish, para discorrer sobre a “comunidade de leitores”. Ver, a esse respeito, CHARTIER, Roger. Textos, Impressão, Leituras. In: HUNT, Lynn. Op. cit. P. 211-238.

¹⁹⁰ Ibid, P. 216.

esquerda.¹⁹¹ Transitando nesses meios, ou ainda nas universidades, estas leitoras foram apresentadas ao texto de Simone de Beauvoir – em francês ou, em sua maioria, em português - por vezes indiretamente, através de outras leituras. Para Anamaria Beck – professora aposentada do Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina -, informações sobre O Segundo Sexo lhe chegaram antes da posse do livro. Ou seja, havia um entendimento prévio sobre a importância do texto:

Eu li não sei se foi no início da ditadura, por volta de 65, 66 talvez. Eu tinha lido uma resenha, uma crítica em algum jornal alternativo que circulava na época. Quando encontrei, comprei e li. Eu acho que ele é um livro forte até hoje, por que coloca, e a forma como ela coloca é muito incisiva. E pode ser lido até hoje, não como um clássico, mas eu diria atual. Por que essa coisa do avanço da mulher parece ter sido uma coisa muito grande, mas se a gente vê na conduta do dia-a-dia um desrespeito total. Eu sei por experiência própria que mulher de qualquer idade é ainda bastante desrespeitada. Desrespeito à mulher, independente de que idade ela tenha: menina, adulta, adolescente¹⁹².

Os ecos da singularidade de O Segundo Sexo a popularidade de Simone de Beauvoir nas discussões dos movimentos feministas cresciam na medida em que as novas leituras chegavam fosse por intermédio das exiladas, ou ainda por conta da visita do casal ao País em 1960. Sendo assim, que o texto de Beauvoir começou a circular nos meios acadêmicos e de militância feminista no Brasil. Contudo, apesar de ser frequentemente citado entre as feministas brasileiras como uma das leituras chaves para os feminismos, algumas das narrativas não identificam O Segundo Sexo como a leitura de maior destaque entre o período que vai da década de 60 a 80.

“Cerebral”, “chato” e “psicanalítico” são alguns dos adjetivos usados por certas leitoras ao descreverem o texto de Beauvoir em questão. Outras narram ter sido uma leitura de difícil apreensão da primeira vez que o leram, mas que depois de certo tempo passaram

¹⁹¹ Comunicação intitulada “Gênero da identificação”, apresentada na 3ª Reunião Nacional do GT Estudos de Gênero ocorrida no X Encontro Estadual de História – Florianópolis-SC.

¹⁹² BECK, Anamaria. Florianópolis: 1º jul. 2003. Entrevista realizada por Janine Petersen.

a gostar da leitura. Há ainda aquelas que negam qualquer força no texto sobre suas vidas. Poucas foram aquelas que indicaram O Segundo Sexo como a leitura marcante em suas trajetórias como feministas, entretanto, a maioria reconhece o pioneirismo da autora e do texto para o debate feminista internacional pós-1968.

Cristiane Costa, jornalista e escritora, acredita que muito do “potencial explosivo” de O Segundo Sexo não está no texto, mas na “mística” que se construiu em volta de sua autora e de sua relação com o filósofo Jean-Paul Sartre¹⁹³. É provável. Para as feministas, como para o público atento à cultura literária francesa, era difícil fugir à visão de O Segundo Sexo como um dos textos fundadores e “clássicos” do movimento feminista, negando-lhe toda a autoridade intelectual que lhe foi aferida com o passar dos anos. Neste sentido, observamos a importância de citá-lo, seja por meio das críticas ou dos elogios.

Existem ainda feministas que não tiveram problemas com o método de análise utilizado por Simone de Beauvoir, e considerado por outras entrevistadas como um entrave ao entendimento do texto, que seria de difícil compreensão. Segundo Clair Castilhos – professora do Departamento de Saúde Pública da Universidade Federal de Santa Catarina -, “aspectos históricos, biológicos, psicanalíticos da questão da mulher”, apresentados por Simone de Beauvoir, não a impediram de classificar O Segundo Sexo como uma “bíblia” para o feminismo e tomá-lo como seu livro de cabeceira. Contudo, o texto de Beauvoir não teria influenciado Clair na sua identificação com o feminismo, uma vez que sua leitura de O Segundo Sexo ocorreu “muito depois” desta. Para a professora:

Eu li e pra mim foi primeiro esclarecedor, por que ela tem um conjunto de informações que dificilmente a gente iria achar, principalmente de forma sistematizada em vários aspectos históricos, biológicos, psicanalíticos da questão da mulher, então eu achei um manual. A bíblia que tu leu e a partir dali te deu uma imensa curiosidade de sair descobrindo as outras coisas. Foi essa a sensação da leitura. Curiosidade,

¹⁹³ COSTA, Cristiane. A tradição beauvorista. Op. cit.

indignação em outros momentos, principalmente esclarecimento. Coisas inusitadas pra mim, que eu não nunca tinha visto nos livros. (...). Inclusive eu comprei os dois volumes e fiquei com eles em casa por muito tempo. Lia um pedaço, parava. Até hoje eu tenho o livro na cabeceira¹⁹⁴.

As leituras de O Segundo Sexo, apresentadas através das narrativas abordadas neste capítulo, foram realizadas na medida em que o texto adquiria uma representatividade nos debates feministas, tanto nacionais quanto internacionais; um meio das feministas legitimarem-se intelectualmente nos movimentos.

Tomando os momentos políticos vividos pelo Brasil entre as décadas de 60 e 80, as trajetórias e as experiências individuais e coletivas das feministas entrevistadas neste contexto, observamos as determinações históricas que permearam a produção de sentidos efetuadas nas leituras de O Segundo Sexo. Nesse sentido, daremos continuidade na proposta deste trabalho analisando as apropriações das leituras do texto de Beauvoir na produção bibliográfica das feministas brasileiras, proposta para o próximo capítulo.

¹⁹⁴ Clair Castilhos conta que sua identificação com o feminismo ocorreu no início da década de 1980, o que nos leva a crer que sua leitura de O Segundo Sexo tenha ocorrido posteriormente, durante esta década ou ainda na década de 90. CASTILHO, Clair. Florianópolis: 11 jul. 2003. Entrevista realizada por Janine Petersen. Clair é representante da Rede Nacional Feminista de Saúde Reprodutiva.

CAPÍTULO 3

LEITURAS, REFLEXÕES E APROPRIAÇÕES

Analisando as contribuições de O Segundo Sexo para as teorias de gênero, Luiza Lobo afirma que há uma “ausência de citações ou referências a Simone de Beauvoir na maioria dos escritos feministas atuais” apesar do “retumbante” sucesso do livro durante as duas primeiras décadas após sua publicação, em 1949. Segundo a autora, isso ocorre por dois motivos: o abandono do existencialismo frente ao aparecimento do estruturalismo na década de 1960, e à rejeição da psicanálise lacaniana pela autora francesa¹⁹⁵.

Encontram-se, algumas vezes, referências à autora de *O segundo sexo* (1949) ou ao seu livro, sempre num capítulo introdutório, geralmente intitulado ‘Pioneiras’ (...), mas isso é tudo. Com efeito, na leitura dos livros das feministas francesas, inglesas e norte-americanas logo evidencia que nem referências a Simone de Beauvoir nem a leitura de *O segundo sexo* se incluem nas considerações teóricas ou nas análises propriamente ditas das feministas após 1970¹⁹⁶.

Neste sentido, Luiza Lobo, considerando em sua maioria autoras inglesas e norte-americanas, sinaliza uma das formas pelas quais as feministas utilizaram as teorias e conceitos de O Segundo Sexo em suas obras¹⁹⁷. Sobre o contexto nacional, a autora assegura que o Brasil não é exceção, possuindo igualmente uma ausência de referências a Simone de Beauvoir e a O Segundo Sexo. Para a autora, “seus conceitos foram

¹⁹⁵ LOBO, Luiza. Simone de Beauvoir e depois. Gênero – Revista do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero - NUTEG. Niterói: Ed. UFF, v.1, n.2, P.49-60, 1. sem. 2001.

¹⁹⁶ Ibid, P. 49.

¹⁹⁷ As obras citadas por Luiza Lobo na citação acima são HUMM, Magie. Pioneers. In: _____. Women as contemporary critics. London: The Harvester Press, 1986. pt.1, caP.2, P.24-28; e TODD, Janet. Early work. In: _____. Feminist literary history: a dependence. Oxford: The Polity Press, 1988.

incorporados à crítica, e parece que não é preciso explicitá-los”¹⁹⁸. O único caso de apropriação do texto de Beauvoir pelas feministas brasileiras apresentado por Luiza Lobo é o de Maria Lucia Rocha Coutinho, autora de Tecendo por trás dos panos. A mulher brasileira nas relações familiares, publicado em 1996¹⁹⁹. Neste, segundo Lobo, a autora brasileira apenas inclui Simone de Beauvoir na bibliografia, sem discutir e contextualizar as reflexões trazidas pela autora francesa em O Segundo Sexo.

Partindo desta constatação, atingimos com mais uma problemática o objetivo central desta pesquisa: examinar também as formas pelas quais algumas feministas brasileiras responderam a essas leituras através de suas publicações. Alguns livros e textos publicados por feministas brasileiras, desde a década de 1970 aos dias de hoje, possibilitam-nos investigar os processos de apropriação do texto de Simone de Beauvoir, no intuito de percebermos como suas leitoras utilizaram-no em suas produções textuais, e de que forma manifestaram suas leituras de O Segundo Sexo em seus escritos.

Para tanto, foge aos nossos objetivos uma análise sistemática do conteúdo destes escritos, ou ainda observarmos unicamente se os sentidos empregados por Beauvoir em O Segundo Sexo estão sendo “devidamente” tratados nas aplicações das autoras brasileiras em suas publicações. Como visto no capítulo anterior, as produções de significados operadas através das leituras são variadas, e desta forma, seria um equívoco tentarmos qualificá-las entre leitura “certa” e leitura “errada”.

Através das publicações feministas nacionais é possível percebermos a apropriação das reflexões trazidas em O Segundo Sexo por meio das seguintes situações: pelas citações indiretas - quando a discussões com a obra de Beauvoir encontram-se dissolvidas no corpo do texto sem necessariamente apresentar uma referência direta à autora e/ou ao livro, ou ainda sendo referenciadas na bibliografia e não apresentadas no

¹⁹⁸ LOBO, Luiza. Op. cit., P. 50.

¹⁹⁹ COUTINHO, Maria Lucia Rocha apud LOBO, Luiza. Op. cit., P. 50.

corpo do texto (como no caso de Maria Lucia Rocha Coutinho, citado por Luiza Lobo); e pelas citações diretas e devidamente referenciadas, seja no corpo do texto e/ou na bibliografia. Optamos por nos determos apenas aos textos que apresentassem citações diretas relativas a O Segundo Sexo – no corpo do texto, em notas de rodapé e/ou nas referências bibliográficas - por entendermos que nestas as autoras brasileiras demonstram objetivamente o modo pelo qual empregaram suas leituras, e desta forma, fica-nos exposto um registro do entendimento que tinham do texto de Simone de Beauvoir²⁰⁰.

2.1 As apropriações nas obras de divulgação feminista: 1960-1980

Datadas do final da década de 60 aos anos 80, essas publicações formam um panorama das produções nacionais da chamada Segunda Onda Feminista, momento em que as feministas diagnosticaram a idéia de “sexo” e de “fatos biológicos” como conceitos utilizados para justificar e legitimar a opressão das mulheres. Os movimentos feministas desta época denunciaram a dominação sexista, bem como utilizaram a noção de gênero para minar o que era denominado como “determinismo biológico”. Distinguindo “sexo” de “gênero” as feministas não só desafiaram os essencialismos contidos nesses termos, como refletiram sobre as diferenças entre mulheres e homens, uma vez que o conceito de sexo era carregado pelo teor imutável de algo dado como natural, enquanto o conceito de gênero abrangia a questão da constituição social do caráter humano das diferenças²⁰¹. Entretanto, o

200 Os livros consultados para esta análise fazem parte do levantamento bibliográfico realizado para a pesquisa “Revolução do gênero: Apropriações e identificações com o feminismo (1964-1985)”, coordenado pela Prof^a. Dr^a. Joana Maria Pedro, e da qual fui integrante como bolsista de iniciação científica durante os anos de 2003 e 2004. Foram selecionados os livros identificados com o feminismo da época enfocada em nível nacional.

²⁰¹ Ver, a esse respeito, NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. Estudos Feministas. Florianópolis, v.8, n.2, P. 09-41, 2000.

gênero, enquanto uma categoria de análise utilizada pelas feministas, só ganharia uma reflexão no Brasil a partir dos anos 80²⁰².

Durante a década de 60 até meados dos anos 70 o movimento feminista brasileiro pareceu bastante limitado, apresentando pouca representatividade no âmbito nacional. Nesse período, as organizações das mulheres restringiam-se, basicamente, a associações de bairros e clubes de mães, que, além de estarem aliados à Igreja Católica, não se denominavam feministas²⁰³. As reivindicações eram por creches, postos de saúde, e outras questões diretamente ligadas ao cotidiano e contexto em que viviam²⁰⁴.

Em 1975, Ano Internacional da Mulher institucionalizado pela Organização das Nações Unidas – ONU -, foram realizados eventos comemorativos nas grandes cidades, criando um espaço de mobilização social que não era vivenciado no Brasil desde a instauração da ditadura militar²⁰⁵. Entretanto, as reivindicações anteriormente levantadas pelas organizações de mulheres tornaram-se distantes dos interesses que surgiam em torno de uma exigência de mobilização política maior, como a questão da anistia as (os) presas(os) políticas(os). Nesta conjuntura, o movimento de mulheres assume um caráter feminista e se une aos movimentos de esquerda para engrossarem as reivindicações em prol da redemocratização do país²⁰⁶.

Um exemplo das obras de divulgação feminista publicadas neste contexto - e que nos mostra uma forma possível de circulação de O Segundo Sexo no Brasil - é o livro de

²⁰² Ver, a esse respeito, CADERNOS PAGU. Debate: Gênero, Trajetórias e Perspectivas. Campinas, SP: Publicação do PAGU – Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, n.11, 1998. P. 42-155.

²⁰³ Ver, a esse respeito, TELES, Maria Amélia de Almeida. Op. cit.

²⁰⁴ Ver, a esse respeito, MORAES, Lygia Q. de. A experiência Feminista nos Anos Setenta. Araraquara: UNESP, 1990.

²⁰⁵ Ibid, P. 15-16. Entretanto, devemos lembrar que desde 1972 havia reuniões de “grupos de conscientização feminista” no Brasil. Ver, a esse respeito, PEDRO, Joana Maria. Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978). Revista Brasileira de História, São Paulo: Anpuh, n.52, vol. 27, 2007 (no prelo).

²⁰⁶ Ver, a esse respeito, PINTO, Céli Regina Jardim. Op. cit.

Heleieth Saffioti, A mulher na sociedade de classes²⁰⁷, publicado pela primeira vez em 1969. Focalizando a questão do trabalho e da condição da mulher através de diálogo estreito com o debate marxista, a autora apresenta três referências diretas ao texto de Simone de Beauvoir em seu livro²⁰⁸.

Ao tratar do “trabalho feminino”, Saffioti mostra como a mulher sempre esteve presente e ativa na subsistência da família, mas com o advento do capitalismo suas atividades passaram então a ser manipuladas, e, em determinados momentos, excluídas do sistema produtivo. A autora utiliza então uma citação do primeiro volume de O Segundo Sexo - Fatos e Mitos - para mostrar como esse processo de exclusão teria se afirmado com a convivência dos homens²⁰⁹. Segundo Saffioti:

Por se ter deixado iludir pela identificação da masculinidade com a capacidade de mando, o homem consente na competição desigual de que são atores representantes das duas categorias de sexo, com desvantagem para as mulheres, contribuindo assim, enormemente, para a preservação de um *status quo* reificante. Neste contexto, ganha nova dimensão a asserção de Simone de Beauvoir de que ‘*o problema da mulher sempre foi um problema dos homens*’. Como um dos agentes do processo de mistificação da mulher, o homem, tanto burguês quanto proletário e, sobretudo, o pertencente aos estratos sociais médios, presta colossal auxílio à classe dominante e mistifica-se a si próprio²¹⁰.

O trecho do livro de Heleieth Saffioti nos permite observar a forma pela qual a autora articulou sua problemática às teses de O Segundo Sexo. A constatação de que “o problema da mulher sempre foi um problema dos homens” é utilizada por Saffioti tanto para complementar seu raciocínio como para embasá-lo teoricamente sobre o assunto, gerando um breve diálogo com a reflexão realizada por Simone de Beauvoir.

²⁰⁷ SAFFIOTI, Heleieth. Op. cit.

²⁰⁸ Heleieth Saffioti utiliza uma edição de O Segundo Sexo publicada pela Difusão Européia do Livro, São Paulo, de 1961.

²⁰⁹ Ver, a esse respeito, BEAUVOIR, Simone de. OSS. Vol. 1. P. 167.

²¹⁰ SAFFIOTI, Heleieth. Op. cit. P. 41.

Para Beauvoir “o problema da mulher sempre foi um problema dos homens”, na medida em que “toda a história das mulheres foi feita pelos homens” ²¹¹. Após apresentar vários exemplos da participação da mulher na sociedade em diferentes lugares e contextos, Beauvoir conclui:

(...) toda a história das mulheres foi feita pelos homens. Assim como na América do Norte não há um problema negro e sim um problema branco (Myrdall, *América dilemma*); assim como ‘o anti-semitismo não é um problema judeu; é nosso problema’ (J.-P. Sartre, *Réflexions sur la Question juive*), o problema da mulher sempre foi um problema de homens. (...) Eles é que sempre tiveram a sorte da mulher nas mãos; dela não decidiram em função do interesse feminino; para seus próprios projetos, seus temores, suas necessidades foi que atentaram ²¹².

Ou seja, ao discorrer sobre como as mulheres são subjugadas ou até mesmo alijadas do sistema produtivo nas sociedades capitalistas com a cumplicidade dos homens, Heleieth Saffioti passa superficialmente pela questão proposta por Simone de Beauvoir, retirando a frase de O Segundo Sexo e, conseqüentemente, ignorando toda a discussão que a permeia. Observamos que a preocupação de Heleieth Saffioti aproxima-se mais da condição das mulheres trabalhadoras por uma ótica marxista do que propriamente com as questões específicas tratadas em O Segundo Sexo, o que se justifica se pensarmos o contexto brasileiro naquele momento.

Maria Paula Nascimento Araújo, analisando a forma pela qual os movimentos de “minorias políticas” (como a sexual, étnica, etc.) que marcaram a cena política de esquerda nas últimas décadas procuram “reinventar a política”, afirma que os artigos das militantes na imprensa feminista ²¹³, durante a década de 1970, procuravam “elaborar uma posição política e teórica que articulasse a especificidade do feminismo com a resistência

²¹¹ BEAUVOIR, Simone de. OSS. Vol. 1. P. 167.

²¹² Ibid.

²¹³ A autora utilizou em sua análise os dois dos principais jornais feministas brasileiros das décadas de 1970: Brasil Mulher e Nós Mulheres, lançados em 1975 e 1976, respectivamente.

democrática à ditadura militar e com a luta mais geral pelo socialismo”²¹⁴. Ou seja, para muitas das feministas brasileiras que vinham da esquerda organizada, neste momento de mobilização política iniciado em 1964, o objetivo maior era unir às questões feministas, a luta pela democracia e pela implantação de uma sociedade socialista; era unir o movimento feminista às lutas gerais partindo de uma base teórica marxista. Não havia para as feministas marxistas ou socialistas um único inimigo a ser combatido, mas uma luta simultânea contra a opressão capitalista e a opressão patriarcal²¹⁵.

Uma outra citação de O Segundo Sexo no trabalho de Heleieth Saffoti refere-se ainda a “dominação masculina sobre as mulheres”. Para a autora, apesar desta não estar diretamente ligada à estrutura econômica da sociedade, os homens favorecem aos interesses daqueles que possuem o poder econômico, servindo desta forma de “mediadores no processo de marginalização das mulheres de sua mesma classe”.

Nestes termos, a determinação genérica *sexo* opera como uma cunha no processo de formação da consciência histórica dos homens e das mulheres na medida em que sofram ambos os efeitos da mística feminina. Nem estas circunstâncias em que as relações de produção são vistas, por assim dizer, pelo avesso, nem em situações em que os indivíduos tivessem plena consciência da verdadeira natureza das relações entre as classes sociais, caberia esperar o nascimento da solidariedade entre a totalidade das mulheres, como parecem desejar alguns²¹⁶.

Há dois pontos relevantes a analisarmos neste trecho, e o primeiro deles diz respeito ao uso do termo “mística feminina” pela autora, fazendo uma alusão ao trabalho de Betty Friedan. Neste, como em muitos outros momentos na obra, Saffoti fará o uso deste termo. É bem provável que a leitura do livro da autora norte-americana tenha sido

²¹⁴ ARAUJO, Maria Paula Nascimento. A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 70. Rio de Janeiro, IUPERJ, 1998. [Tese de doutorado]. P. 160.

²¹⁵ GOLDEBERG, Anette. Tudo começou antes de 1975: idéias inspiradas pelo estudo da gestação de um feminismo “bom para o Brasil”. In: Relações de gênero X Relações de sexo. Departamento de Sociologia. Pós-Graduação. Núcleo de Estudos da Mulher e Relações de Gênero, 1989, P. 11.

²¹⁶ SAFFIOTI, Heleieth. Op. cit. P. 78.

mais apazível e objetiva a Saffioti no contexto dos anos 60 da mesma forma que foi para outras feministas brasileiras - como vimos no capítulo anterior -, em contraposição às densas reflexões e leituras que O Segundo Sexo exigia para sua compreensão. Adiante, veremos em que medida a autora norte-americana exerceu influência na elaboração do trabalho de Saffioti.

O segundo mote leva em consideração a questão da solidariedade entre as mulheres, sendo neste ponto que Heleieth Saffioti faz referência direta a O Segundo Sexo, ao final da última frase e em nota de rodapé, afirmando: “caberia esperar o nascimento da solidariedade entre a totalidade das mulheres, como parecem desejar alguns”. Para Simone de Beauvoir, há uma “falta de solidariedade e de consciência coletiva” entre as mulheres que as torna “desarmadas diante das novas possibilidades que se abrem para elas”²¹⁷. As mulheres sentem-se mais solidárias do que os homens, no entanto, não é entre elas que esta solidariedade é compartilhada, mas sim no mundo masculino²¹⁸. Discorrendo sobre a campanha sufragista liderada por Hubertine Auclert²¹⁹ - que teve muita influência, mas conseguiu pouco apoio das próprias mulheres - afirma:

Essa fraqueza do feminismo tem suas causas nas dimensões intestinas; em verdade, como já disse, as mulheres não são solidárias enquanto sexo; acham-se primeiramente ligadas à sua classe; os interesses das burguesas e o das mulheres proletárias não coincidem²²⁰.

Desta forma, percebemos que Heleieth Saffioti faz uma referência à reflexão que Simone de Beauvoir empreende sobre a questão da solidariedade entre as mulheres. Na opinião da autora brasileira, nem que as relações entre as mulheres e os homens mudassem,

²¹⁷ BEAUVOIR, Simone de. OSS. Vol. 1. P. 150.

²¹⁸ Ver, a esse respeito, BEAUVOIR, Simone de. OSS. Vol. 2. P. 311-312.

²¹⁹ Feminista francesa que militou pelos direitos das mulheres à participação política e ao direito ao trabalho remunerado durante o período da Terceira República da França, em fins do século XIX. Ver, a esse respeito, SCOTT, Joan W. A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem. Tradução de Élvio Antônio Funck. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2002.

²²⁰ BEAUVOIR, Simone de. OSS. Vol. 1. P. 159.

ou que estes adquirissem uma consciência da “verdadeira natureza das relações entre as classes sociais”, ainda assim não haveria solidariedade entre as mulheres como apontado pela crítica de Simone de Beauvoir sobre o assunto.

A terceira e última referência direta que Heleieth Saffioti realiza em relação a O Segundo Sexo, é, na verdade, um uso da fonte para contradizer a autora francesa. Ao tratar da violência do movimento feminista inglês que caracterizou a campanha pelo voto feminino em 1914, Heleieth faz a seguinte argumentação em nota de rodapé:

Embora Simone de Beauvoir, *op. cit.*, p. 161, negue a violência do movimento feminista inglês, é ela própria quem relata muitas dessas violências, como a depredação de jardins e obras de arte, o apedrejamento de policiais etc.²²¹.

Para Simone de Beauvoir, a “ação resolutamente militante” empregada pelas sufragistas em Londres a partir de 1903 marcou uma política de pressão realizada durante quinze anos pelas feministas inglesas que lembrava “por certos aspectos a atitude de um Gandhi”²²². As atitudes que Saffioti qualifica como sendo violentas em seu texto, para a autora francesa são justificáveis na medida em que representam artifícios hábeis utilizados pelas sufragistas no intuito de que conseguissem visibilidade para sua luta perante a sociedade. Em seguida, Beauvoir descreve as atitudes tomadas pelas sufragistas inglesas:

Recusando a violência, inventam sucedâneos mais ou menos engenhosos. Invadem o Albert Hall durante os comícios do Partido Liberal, brandindo flâmulas de pano ordinário em que se inscrevem as palavras *Vote for women*; penetram à força no gabinete de Lorde Asquith, promovem comícios em Hyde Park ou Trafalgar Square, desfilam pelas ruas com cartazes, fazem conferências; no decurso das manifestações, insultam os policiais ou atacam-nos a pedradas a fim de suscitar processos; na prisão adotam a tática da greve de fome; angariam fundos, reúnem em torno delas milhões de mulheres e de homens; impressionam a tal ponto a

²²¹ SAFFIOTI, Heleieth. Op. cit. P. 116.

²²² BEAUVOIR, Simone de. OSS. Vol. 1. P. 161.

opinião que, em 1907, há duzentos membros do Parlamento que constituem uma comissão para propugnar pelo sufrágio feminino (...) ²²³.

Realizando uma crítica a posição tomada por Simone de Beauvoir, Heleieth Saffioti acaba ignorando o fato de a autora francesa ter qualificado sim como “mais violentas” ²²⁴ as táticas utilizadas pelas sufragistas em 1912, quando então o movimento inglês começou a adotar práticas de maior impacto na sociedade. Essa declaração é justificada por Beauvoir na continuação da citação apresentada anteriormente, precisamente quando a autora afirma “incendeiam casas inabitadas, laceram quadros, espezinham canteiros, jogam pedras contra a polícia” ²²⁵.

Observando os processos de apropriação de O Segundo Sexo realizados por Heleieth Saffioti em A mulher na sociedade de classes, percebemos que nos primeiros momentos a autora faz referência a questões discutidas por Simone de Beauvoir, utilizando-a como um desfecho conclusivo a sua argumentação, sem desenvolver maiores diálogos. No último dos casos de citação, Saffioti realiza uma crítica ao posicionamento da autora francesa frente à ação do movimento sufragista inglês, colocando-se contra a afirmação de Beauvoir a respeito da atuação do mesmo, embora tenha desconsiderado a afirmação da autora francesa ao final da citação.

Especificando apenas a utilização de uma edição publicada pela DIFEL – Difusão Européia do Livro, datada de 1961, observamos, através das citações diretas empregadas, que Saffioti faz referências apenas ao primeiro dos volumes de O Segundo Sexo – Fatos e Mitos.

Trinta anos depois, em uma edição comemorativa do cinquentenário de O Segundo Sexo, Saffioti analisaria o uso que fez das teses de O Segundo Sexo em seu livro:

²²³ Ibid, P. 161.

²²⁴ Ibid, P. 162.

²²⁵ O voto feminino foi concedido às inglesas em 1918, com restrições, e em 1928, sem restrições. Ibid, P. 162.

Ainda que eu não haja, em meu primeiro livro, escrito em 1966 e publicado em 1969, mencionado a tão feliz frase, a idéia nela contida devia estar pautando meu pensamento, pois trabalhei o feminino e o masculino em termos de elaboração social do sexo. Um dos fatores que me impediram de usar conscientemente *O Segundo Sexo* e de voltar a lê-lo para melhor aproveitá-lo foi a leitura do livro de Betty Friedan, publicado nos Estados Unidos em 1963 (...). Não obstante seu grau de cientificidade não ser maior do que o do trabalho de Beauvoir, falou-me mais de perto em virtude de alguns elementos nele presentes, como a crítica ao método funcionalista e a atualidade dos fatos focalizados²²⁶.

A autora justifica sua “resistência intelectual” ao *O Segundo Sexo* como uma questão de ordem metodológica: sua adesão ao materialismo histórico a teria tornado uma crítica da visão que considerava como sendo “excessivamente culturalista”²²⁷. Desta forma, Saffioti admite ter “aproveitado mal” sua primeira leitura do texto de Simone de Beauvoir em relação à leitura de *A Mística Feminina*, de Betty Friedan²²⁸, e lamenta não ter citado a frase “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, como realizado pela maioria das autoras feministas nas obras de divulgação analisadas. A prova disto seria, além dos muitos usos que Saffioti faz do termo “mística feminina” em seu livro, uma declaração da autora em uma outra edição, também comemorativa do cinquentenário da obra de Simone de Beauvoir, onde explica sua “fuga” ao texto da autora francesa:

A Betty Friedan já tinha uma outra maneira de encarar as coisas, não era via cultura, porque Simone dedica o segundo volume inteiro, que é muito maior do que o primeiro, ao estudo dos escritores, dos que escreveram sobre assuntos que interessavam analisar e ela dava uma importância muito grande à escritura e eu fugi disso²²⁹.

²²⁶ SAFFIOTI, Heleieth. Primórdios do conceito de gênero. CADERNOS PAGU. *Op. cit.* 1999. P. 161.

²²⁷ O que Heleieth se refere como sendo uma visão “excessivamente culturalista” diz respeito, como a autora mesmo explica em seu texto, ao conceito de cultura dos anos 1960 que envolvia questões como crenças, normas e valores, mas não a *práxis*, pensamento desenvolvido pelo marxismo e por meio do qual percebe, em termos simples, a teoria articulada a uma ação prática.

²²⁸ *Ibid.*, P. 162-163.

²²⁹ SAFFIOTI, Heleieth. Conferência: *O Segundo Sexo* à luz das teorias feministas contemporâneas. In: MOTTA, Alda Britto da; SARDENBERG, Cecília; GOMES, Márcia. (Orgs.). *Op. cit.* P. 32.

Heleieth Saffioti afirma ter cometido um equívoco com A Mística Feminina em meio a “fuga” que empregou das questões trazidas por Simone de Beauvoir quanto as diferentes experiências das mulheres enquanto moças, mães, lésbicas etc., tratadas em especial no segundo volume do livro. Desta forma, não percebeu no momento de suas leituras que Betty Friedan havia plagiado O Segundo Sexo em trechos inteiros. Heleieth admite sua tardia constatação com certo ar de pesar por não ter conferido o valor merecido ao texto de Beauvoir:

Lamento até hoje que isso tenha ocorrido. Perdi a oportunidade de beber da primeira mão e bebi da segunda. Com efeito, aprendi, em janeiro deste ano, no colóquio comemorativo do meio século do livro de Beauvoir, em Paris, pelos trabalhos de algumas feministas norte-americanas, que B. Friedan plagiou não apenas idéias, mas também parágrafos inteiros de *O Segundo Sexo*. Reli este livro, porém, não reli o de B. Friedan. Não tenho, todavia, nenhuma razão para duvidar do plágio, na medida em que a identidade de vários excertos dos dois livros foi revelado através de leitura em voz alta no colóquio. O que diferia entre os dois livros, nos excertos lidos, era o idioma, nada mais. (...). Sinto tristeza de não haver percebido o plágio e, em função disto, não haver atribuído a quem de direito o crédito merecido²³⁰.

O discurso apresentado por Heleieth Saffioti, tanto em sua fala quanto em A mulher na sociedade de classes, reflete a particular preocupação do movimento feminista no contexto dos anos 70 no Brasil. Segundo Daniela Manini, o projeto feminista brasileiro apresentaria diferenças em seu discurso durante as décadas de 70 e 80, caracterizando dois momentos de propostas distintas dentro do movimento.²³¹ Nesse sentido, os anos 70 seriam marcados pela busca da emancipação das mulheres “dada fundamentalmente como uma questão que passa por dimensões sócio-econômicas do período”, e aliadas a essa, a luta contra a repressão militar. Enquanto que nos anos 80, com o cenário de abertura política, o

²³⁰ SAFFIOTI, Heleieth. Op. cit., 1999, P. 162.

²³¹ MANINI, Daniela. A crítica feminista à modernidade e o projeto feminista no Brasil dos anos 70 e 80. CADERNOS AEL – Mulher, história e feminismo. N. 3/4, 1995/1996. P. 45-67.

debate se daria em torno de questões específicas sobre a “condição da mulher”, como a sexualidade, a contracepção, violência, etc.

Tomando essa distinção proposta por Daniela Manini, consideramos o livro de Heleieth Saffioti como uma referência do projeto feminista dos anos 70, frente à sua inquietação com a questão do trabalho e da luta de classes característica do período, como também vistos nas falas das feministas entrevistadas. Logo Danda Prado, em Ser esposa: a mais antiga profissão²³², apresentando uma reflexão sobre a “condição da mulher” subordinada a esfera privada do lar, situar-se-ia numa fase de transição entre os dois momentos do debate feminista, mostrando a permeabilidade desses discursos. Seu livro trata tanto de questões como sexualidade e comportamento quanto da questão da socialização do trabalho doméstico, executado gratuitamente pela esposa, o que acaba tolhendo-lhe a liberdade para exercer outras atividades fora do lar.

Danda Prado começa sua obra citando O Segundo Sexo em nota de rodapé – exemplar francês da editora Gallimard, de 1968 - ainda no prefácio, e fala da relevância da autora francesa para as brasileiras ao despertar “dúvidas sobre as atribuições e os valores admitidos para as mulheres de nossa sociedade”²³³. Para a autora, enquanto eram ainda adolescentes, ela e outras de sua época, haviam sido “despertadas” por Simone de Beauvoir em relação às questões que permeavam a situação das mulheres e o meio em que estavam inseridas. “Isso faz parte de minha história pessoal”²³⁴, ressalta Danda Prado.

Na introdução do livro, ao tratar da bibliografia existente sobre “o papel da mulher como mãe”, Danda Prado alega que há um número considerável de pesquisas e estudos sobre o assunto, citando autoras como Ana Freud e Melanie Klein, entre outras

²³² PRADO, Danda. Op. cit.

²³³ É necessário, porém, fazermos uma ressalva, de que, embora faça referência às brasileiras, seu livro é resultado de uma pesquisa realizada com as mulheres francesas, em decorrência dos anos que a autora brasileira morou no país. Ver, PRADO, Danda. Op. cit., 09.

²³⁴ Ibid, P. 10.

(os). Contudo, afirma a autora, “Foi só a partir da obra de Simone de Beauvoir, que as mulheres começaram a ser encaradas como indivíduos e/ou produtos de um desígnio social que as condiciona, deformando-as: ‘A mulher não nasce mulher, ela se torna’²³⁵

Segundo Danda Prado, a “literatura de orientação feminista”²³⁶ é desenvolvida desde a década de 60, entretanto, seu surgimento é marcado pelo texto de Simone de Beauvoir. A autora francesa mostrou-se pioneira ao situar as mulheres no contexto histórico refletindo sobre seus papéis na sociedade (mãe, esposa etc.), o que “não havia sido feito nessa escala anteriormente”.²³⁷ No entanto, Danda Prado não extrapola em muito as fronteiras da reverência a Simone de Beauvoir, limitando-se à citação da emblemática frase de O Segundo Sexo e a utilização deste como fonte para citar outros autores.

Ainda na introdução, Danda Prado apresenta a metodologia em relação ao O Segundo Sexo que empregará em todo o seu trabalho. O texto de Simone de Beauvoir é utilizado pela autora brasileira como forma de alcançar outras leituras relevantes para sua pesquisa, como por exemplo, Engels. Depois da seguinte constatação: “Beauvoir integra no seu trabalho o ensaio de Engels sobre a origem da família”, Danda Prado não apresenta mais nenhuma reflexão sobre o estudo da autora francesa.

A próxima citação direta ao texto de Simone de Beauvoir ocorre no segundo capítulo do livro, intitulado *O conteúdo do papel de esposa na França no início dos tempos modernos*, não como forma de dialogar com questões debatidas em O Segundo Sexo, mas sim para extrair citações de Balzac sobre a noção de família no século XIX²³⁸. Ainda no mesmo capítulo, ao tratar das perturbações sofridas pelas jovens nos primeiros meses depois do casamento, Danda Prado utiliza o testemunho de Sophie Tolstoi retirado

²³⁵ Ibid, P. 16.

²³⁶ Entendida pela autora como “aquela que tem por finalidade colocar em discussão a distinção entre as mulheres como indivíduos com características específicas a seu sexo e as mulheres confundidas com seus papéis biossociais: mãe, esposa, etc”. Ibid, P. 16.

²³⁷ Ibid, P. 17.

²³⁸ Ibid, P. 54.

também de O Segundo Sexo, e justifica seu uso pela raridade de publicações autobiográficas de mulheres no século XIX.

Em outros momentos, Danda Prado utiliza mais fragmentos de outros autores citados em O Segundo Sexo, contudo, são apenas em dois trechos na totalidade do livro que a autora utiliza menções de autoria de Simone de Beauvoir. Na primeira delas, ao tratar da questão da virgindade no século XIX, a autora afirma que em várias aldeias francesas a apresentação dos lençóis manchados de sangue aos parentes na manhã seguinte ao casamento era uma forma de provar a castidade da moça. Em seguida a essa explicação, Danda Prado referencia O Segundo Sexo com uma passagem de Simone de Beauvoir, embora não realize qualquer comentário sobre a menção empregada. Ou seja, a referência serve apenas como uma ilustração àquilo que a autora está propondo. Observemos a citação utilizada por Danda Prado:

Motivos racionais têm, certamente, um papel na imposição das virtudes ditadas às jovens: assim como a castidade da esposa, a inocência da noiva é necessária para que o pai não corra nenhum risco de legar seus bens a uma criança estranha²³⁹.

Em O Segundo Sexo, ao tratar dos tabus nas sociedades de direito paterno - onde a mulher é propriedade do homem, e neste sentido, ele lhe exige virgindade e fidelidade – Beauvoir mostra que “a castidade é imposta à mulher por motivo de ordem econômica e religiosa, devendo cada cidadão ser autenticado como filho de seu pai”.²⁴⁰

A segunda citação direta de autoria de Simone de Beauvoir ocorre no terceiro capítulo do livro, *Aprendizagem do papel de esposa na França no início dos tempos modernos*. Logo após utilizar um testemunho contido em O Segundo Sexo²⁴¹ - onde uma

²³⁹ BEAUVOIR apud PRADO, Danda. *Op. cit.*, 65.

²⁴⁰ BEAUVOIR, Simone de. *OSS*. Vol 1, P. 234.

²⁴¹ Simone de Beauvoir utiliza em O Segundo Sexo vários depoimentos colhidos pelo psiquiatra Wilhelm

jovem de 28 anos confia ao psiquiatra Wilhelm Stekel sua ingenuidade em relação ao ato sexual - Danda Prado apresenta ainda uma observação da autora francesa sobre a passagem:

O noivado é destinado precisamente a criar gradações na iniciação da jovem; mas às vezes os costumes impõem aos noivos um extremo recato. No caso em que a virgem ‘conhece’ seu futuro marido durante esse período, sua situação não é muito diferente daquela da recém-casada: cede somente porque considera seu compromisso tão definitivo quanto um casamento e o primeiro coito toma o caráter de uma provação; uma vez que se entregou – ainda que não tenha engravidado, o que a amarraria ainda mais – é muito raro que ouse voltar atrás²⁴².

A exemplo da primeira citação direta a O Segundo Sexo, nesta Danda Prado também não apresenta nenhuma reflexão a partir da referência que utiliza. A apropriação realizada pela autora brasileira de fragmentos do texto de Beauvoir não excede o caráter ilustrativo e exemplificativo. Danda Prado não dialoga diretamente com os trechos que extrai de O Segundo Sexo, uma vez que o uso destes se faz no intuito de fundamentar suas análises com bases em outros (as) autores(as), e entre estes(as), Simone de Beauvoir.

Seguindo ainda a perspectiva proposta por Daniela Manini em relação aos projetos feministas, Reflexões sobre o cotidiano²⁴³, publicado nos anos 80, apresenta três textos - intitulados *Beauvoir, uma amante da vida*, *Beauvoir e o feminismo*, e *E porque entramos nessa?* - em que a autora Marta Suplicy realiza menções ao texto Simone de Beauvoir. Nestes, podemos observar o desenvolvimento de um diálogo com O Segundo Sexo na medida em que a autora brasileira parte das questões levantadas por Simone de Beauvoir e de aspectos da sua vida pessoal objetivando desenvolver suas reflexões. Contudo, deter-nos-emos apenas ao artigo em que Marta Suplicy debate com as teses de

Stekel e publicados em sua obra La Femme Frigide, traduzido para o português como A Mulher Fria: Estudo Minucioso da Frigidez Feminina (RJ, Civilização Brasileira, 1953).

²⁴² BEAUVOIR apud PRADO, Danda. Op. cit., 105.

²⁴³ SUP LIC Y, Marta. Reflexões sobre o cotidiano. [S.L]: Espaço e Tempo, 1986.

Beauvoir em O Segundo Sexo, e desta forma ignorando *Beauvoir, uma amante da vida e Beauvoir e o feminismo*, ao vermos que estes tratam unicamente de discussões em torno da vida íntima da autora francesa.

No texto, *E por que entramos nessa?*, em especial, observamos o diálogo de Marta Suplicy com a segunda parte do primeiro volume de O Segundo Sexo – História, onde Simone de Beauvoir busca situar historicamente as origens da soberania masculina ao estabelecimento do patriarcado na sociedade:

Assim, o triunfo do patriarcado não foi nem um acaso nem o resultado de uma revolução violenta. Desde a origem da humanidade, o privilégio biológico permitiu aos homens afirmarem-se sozinhos como sujeitos soberanos. Eles nunca abdicaram o privilégio; alienaram parcialmente sua existência na Natureza e na Mulher, mas reconquistaram-na a seguir. Condenada a desempenhar o papel do Outro, a mulher estava também condenada a possuir apenas uma força precária: escrava ou ídolo, nunca é ela que escolhe seu destino²⁴⁴.

Neste artigo, Marta Suplicy discute sobre o fato de as propostas de Simone de Beauvoir suscitarem reflexões a respeito das formas pelas quais as mulheres aceitam o “eterno feminino” e seus condicionamentos. Marta põe em questão a valorização das “capacidades masculinas” em detrimento das qualificadas como “femininas”, como, por exemplo, a maternidade. Segundo a autora, referindo-se às mulheres nas sociedades primitivas:

Parte acredito que sejam pelos argumentos de Beauvoir, onde o ato de criar e não o de reproduzir passou a ser considerado também por ela mais importante. Mas acredito que talvez a própria condição natural dela a inferiorizou: o cerceamento da sua locomoção pela maternidade e a menor força física, em época onde os dois fatores eram vitais, deve ter levado essa mulher a se sentir menos que o homem²⁴⁵.

²⁴⁴ Ibid, P. 91.

²⁴⁵ Ibid, P. 318.

A partir do trecho percebemos que Marta Suplicy vai além das reflexões propostas de Beauvoir, formulando suposições ao buscar as razões pelas quais as mulheres se deixaram submeter ao poder patriarcal. Para a autora brasileira tanto o “ato de criar” quanto a própria “condição natural” da mulher foram fatores que a inferiorizaram em relação ao homem.

Quando discorre sobre a importância do aspecto criativo no homem, que desta forma “transcende à espécie”, Marta faz referência ao estudo da autora francesa afirmando:

Outra idéia que me ocorreu, diferente da de Simone de Beauvoir, que alude ao conluio da mulher com o homem porque no fundo ela aceitava a importância maior da geração de idéias que seria o que difere o homem do animal, penso que o homem percebeu a superioridade da mulher (sua capacidade reprodutiva) e tratou de minimizar essa condição²⁴⁶.

Ao mesmo tempo em que interpela os pontos levantados por Simone de Beauvoir em O Segundo Sexo, questionando a posição apresentada pela autora francesa, Marta Suplicy defende que os homens, frente a uma “superioridade das mulheres” trataram de desqualificar as “capacidades femininas”. Já Simone de Beauvoir, em O Segundo Sexo, nega o uso dos superlativos como forma de qualificar as aptidões entre homens e mulheres. A passagem de Marta Suplicy marca o posicionamento diferencialista da autora brasileira frente ao igualitarismo expressado por Simone de Beauvoir.

Questionando a palavra “Homem” como categoria universal para ambos os sexos, as feministas da Segunda Onda utilizavam a palavra “Mulher” em suas reivindicações no intuito de mostrar que o “homem universal” não incluía as questões específicas das mulheres. Desta forma, através da categoria “Mulher” é que elas reafirmavam uma identidade separada da masculina. A maneira como passaram a apregoar essa identidade fez com que fossem consideradas “diferencialistas” – por fundamentarem na diferença

²⁴⁶ Ibid, P. 320.

sexual a sua identidade em comum, assim como defendiam a “feminização do mundo” - ou “igualitaristas” – aquelas que reivindicavam a participação das mulheres na esfera pública em igualdade de condições com os homens.²⁴⁷ Para a autora francesa, “Se quisermos ver com clareza devemos sair desses trilhos; precisamos recusar as noções vagas de superioridade, inferioridade, igualdade que desvirtuam todas as discussões e reiniciar do começo²⁴⁸”.

Através dos textos de Marta Suplicy em Reflexões sobre o cotidiano, percebemos que o entendimento da autora brasileira das questões propostas em O Segundo Sexo, assim como as demais autoras brasileiras, não ultrapassam as referências ao primeiro volume da obra de Simone de Beauvoir. Os diálogos que são mantidos com o debate teórico travado pela autora francesa no volume Fatos e Mitos, fazem menções às questões concernentes aos aspectos biológicos, psicanalíticos, e, principalmente, históricos da situação das mulheres na sociedade. Entretanto, Marta não foge da atitude tomada por outras autoras feministas deste mesmo período, atentando igualmente ao caráter precursor de O Segundo Sexo ao chamar a atenção para a atualidade das reflexões apresentadas por Beauvoir em 1949: “Os temas levantados por Simone de Beauvoir na sua vida e obra são hoje ainda fundamentais (...)”. E conclui, pensando o futuro: “Há muito que discutir e Simone de Beauvoir, quase meio século depois, ainda coloca as grandes questões”. No capítulo *Beauvoir e o Feminismo*, após uma breve apresentação de Simone de Beauvoir e sua obra, Marta Suplicy rende-lhe reverências, afirmando: “acho que sua grande marca na história está na coerência como viveu o que acreditava e ter conseguido explicitar o que vivia”²⁴⁹.

²⁴⁷ Ver, a esse respeito, PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. História, Franca, v. 24, n. 1, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742005000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 20 set. 2006.

²⁴⁸ BEAUVOIR, Simone. OSS. Vol. 1. P. 21.

²⁴⁹ SUP LICY, Marta. Op. cit., P. 63.

Importante atentarmos para o fato de que sobre os aspectos da vida pessoal e profissional de Simone de Beauvoir, abordados nos artigos *Beauvoir, uma amante da vida* e *Beauvoir e o feminismo*, Marta Suplicy utiliza basicamente dois livros que estavam sendo lançados no Brasil nesta época: Simone de Beauvoir²⁵⁰, uma biografia realizada por Claudel Francis e Fernande Gontier, e Simone de Beauvoir hoje²⁵¹, uma série de entrevistas que a autora francesa concede a Alice Schwarzer. Ou seja, parte do entendimento que Marta Suplicy apresenta das questões discutidas por Simone de Beauvoir foram possivelmente apreendidas pela autora, e abordadas em seus textos, através de livros sobre a vida e obra da autora francesa.

As produções feministas dos anos 80, além de afirmarem a existência de uma suposta “identidade feminina” através da valorização das diferenças e das reivindicações específicas às mulheres, buscaram ainda traçar a história do feminismo, dando visibilidade às lutas e conquistas das mulheres “esquecidas” pela historiografia. Neste período, temos a publicação de dois livros no Brasil relevantes a esta análise: Ideologia e feminismo²⁵² e O Que é Feminismo²⁵³.

Ainda na epígrafe de Ideologia e feminismo, Branca Moreira Alves faz sua primeira referência e saudação a Simone de Beauvoir ao escolher uma frase da autora para abrir sua obra: “Toda a História das mulheres foi escrita pelos homens”. Alves dedica o trabalho à suas companheiras e sinaliza como objetivo deste traçar uma “busca de nossa História”²⁵⁴. Na introdução do livro- que trata da história do movimento sufragista brasileiro - a autora atenta para o silêncio historiográfico no que diz respeito às mulheres

²⁵⁰ FRANCIS, Claude; GONTIER, Fernand. Op. cit.

²⁵¹ SCHWARZER, Alice. Op. cit.

²⁵² ALVES, Branca Moreira. Ideologia e feminismo. A luta da mulher pelo voto. Petrópolis: Vozes, 1980.

²⁵³ ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jaqueline. O Que é Feminismo. 8ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1991.

²⁵⁴ ALVES, Branca Moreira. Op. cit., P. 11.

utilizando o termo “segundo sexo” empregado por Simone de Beauvoir para designá-las sem, no entanto, discuti-lo em profundidade:

Os livros de História praticamente não registram a presença do ‘segundo sexo’, deste ‘produto intermediário entre o macho e o eunuco’ (...) Foi preciso que as próprias mulheres, ao se conscientizarem da injustiça secularmente perpetrada contra seu sexo por uma cultura que o condena ao silêncio da História, fossem buscar o seu passado escondido e ressuscitassem as vozes de suas companheiras²⁵⁵.

Neste caso observamos que a autora, citando O Segundo Sexo em nota de rodapé – versão francesa da editora Gallimard, de 1949 -, faz uma alusão ao texto de Beauvoir sem discorrer, no entanto, sobre a constituição da mulher enquanto o “segundo sexo” - ou mesmo o “Outro” em relação ao homem -, além de apresentar uma breve conceitualização fornecida por Beauvoir, de que a mulher é, neste sentido, o “produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino”.²⁵⁶ Em outras palavras, há menção ao conceito sem uma discussão quanto à significação empregada por Beauvoir. Sobre a mulher enquanto o “Outro”²⁵⁷, a autora francesa explica sua asserção:

Ela não é senão o que o homem decide que seja; daí dizer-se o ‘sexo’ para dizer que ela se apresenta diante do macho como um ser sexuado: para ele, a fêmea é sexo, logo ela o é absolutamente. A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro²⁵⁸.

Lembremos, contudo, que a leitura efetuada por Branca Moreira Alves do texto de Simone de Beauvoir voltou sua atenção a outras questões mais pertinentes aos seus objetivos para aquele momento, que não era a de propor uma discussão com o conceito de

²⁵⁵ Ibid.

²⁵⁶ BEAUVOIR, Simone de. OSS. Vol. 2. P. 09.

²⁵⁷ Simone de Beauvoir indica sua fonte em nota de rodapé: “Essa idéia foi expressa em sua forma mais explícita por E. Levinas em seu ensaio sobre *Les Temp set l’Autr*”. BEAUVOIR, Simone de. OSS. Vol. 1. p. 10.

²⁵⁸ Ibid, P. 10.

“o segundo sexo”, utilizado pela autora de forma ilustrativa, mas sim de abordar a história do movimento sufragista brasileiro.

Branca Moreira Alves cita ainda várias autoras para exemplificar a atuação do movimento feminista contemporâneo em relação ao “papel da mãe”, como é o caso de Sheila Rowbotham, Juliet Mitchel, Kate Millet, Shulamith Firestone, e entre estas, Simone de Beauvoir²⁵⁹. Desta forma, observamos a preocupação que as autoras brasileiras têm em estarem citando autoras feministas internacionais em seus trabalhos como uma forma de apresentarem-se inseridas em um debate mais amplo promovido pelo movimento feminista, principalmente na Europa e nos Estados Unidos. Caracterizando um período na história das leituras feministas, Simone de Beauvoir aparece - ao lado de Betty Friedan - como uma das autoras mais citadas nos escritos feministas nacionais deste período. Segundo Branca Moreira Alves:

O livro precedeu quase 20 anos o ressurgimento do feminismo atual e formou a base teórica que será retomada na década de 1960. Sua publicação ocorreu no momento em que os meios de comunicação projetavam a imagem da mulher doméstica para forçar seu retorno ao lar no pós-guerra. O poder da ‘mística feminina’ assim alardeada através dos mecanismos de transmissão ideológica serviu de anteparo contra a mensagem do livro e dificultou sua penetração. A década de 50 foi o intervalo entre a geração ativa dos anos da guerra, e aquela que começaria a se rebelar contra a ‘mística’²⁶⁰.

A partir desse trecho, a autora dá continuidade a seu texto discorrendo sobre Betty Friedan e a relevância de A Mística Feminina para o movimento feminista. Interessante observar como a autora marca o contexto de publicação de O Segundo Sexo com o termo empregado por Friedan ao discorrer sobre a manipulação das mulheres norte-americanas na década de 50 pelo que ela veio a denominar de “mística feminina”. Desta forma, Alves

²⁵⁹ Ibid, P. 63.

²⁶⁰ Ibid, P. 186.

acaba por atrelar as duas análises a propostas de igual conjuntura, apagando o lugar e o momento do discurso apresentado no texto de Simone de Beauvoir. Contudo, devemos lembrar, mais uma vez, sobre a liberdade da leitura. Segundo Certeau²⁶¹, a imagem das leitoras e dos leitores está implícita no anseio das autoras e autores, que acreditam em uma suposta “passividade” do público diante de seus escritos. Entretanto, os (as) leitores (as) imprimem suas marcas através da leitura, permitindo uma “pluralidade indefinida de significações” de um mesmo texto²⁶².

As leitoras de O Segundo Sexo apresentam-se como exemplos dessa liberdade da leitura em relação ao texto lido, e, por consequência disto, observamos as variações nos sentidos empregados àquilo que foi lido num determinado momento. Ou seja, realizar essa conexão entre as duas obras fez sentido para Branca M. Alves neste período.

Citando ainda a máxima “ninguém nasce mulher, torna-se mulher” sem maiores comentários, e apresentando um breve resumo de O Segundo Sexo, é à crítica que Simone de Beauvoir realiza ao marxismo que Branca Moreira Alves atenta com maior interesse, afirmando:

A ruptura ideológica ocorre com a publicação do livro de Simone de Beauvoir, O Segundo Sexo (1949). Acrescentando às análises feitas por Engels e Bebel, o livro traz uma dimensão psicológica, que extrapola as limitações de uma explicação unicamente econômica. Estuda a fundo o desenvolvimento psicológico da mulher e os condicionamentos que ela sofre durante o período de sua socialização, condicionamentos que, ao invés de integrá-la ao seu sexo, tornaram-na alienada, treinada para ser mero apêndice do homem²⁶³.

Em O Segundo Sexo, Simone de Beauvoir discute a condição histórica da mulher tomando por base a perspectiva adotada por Engels em A origem da família, da

²⁶¹ CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994, P. 260-265

²⁶² Ibid, P. 265.

²⁶³ ALVES, Branca Moreira. Op. cit. P. 185.

propriedade privada e do Estado, para o qual a história das mulheres dependeria fundamentalmente da história do desenvolvimento das técnicas. Para a autora francesa, o materialismo histórico além de não fornecer soluções a problemas que vão além dos fatores puramente econômicos, como, por exemplo, a constatação de que a divisão do trabalho confina a mulher nos afazeres domésticos enquanto o direito a propriedade é repassado de pai para filho²⁶⁴. Tais questões, para Beauvoir, interessam à humanidade em sua totalidade e podem ser melhor compreendidas a partir da perspectiva da moral existencialista:

Assim recusamos pela mesma razão o monismo sexual de Freud e o monismo econômico de Engels. Um psicanalista interpretará todas as reivindicações sociais da mulher como um fenômeno de ‘protesto viril’. Ao contrário, para o marxista, sua sexualidade não faz se não exprimir por desvios mais ou menos complexos sua situação econômica; mas as categorias ‘clitoridiana’ ou ‘vaginal’, tal qual as categorias ‘burguesa’ e ‘proletária’, são igualmente impotentes para encerrar uma mulher concreta. Por baixo dos dramas individuais como da história econômica da humanidade, há uma infra-estrutura existencial que permite, somente ela, compreender em sua unidade essa forma singular que é uma vida²⁶⁵

Particularmente interessada na crítica que Simone de Beauvoir empreende a uma análise meramente econômica da “condição da mulher”, Branca M. Alves reflete uma preocupação das autoras feministas daquele período. Durante a década de 80 há o surgimento de novos enfoques para a tematização da condição das mulheres, trazendo questões como direito ao corpo, sexualidade, saúde da mulher, entre outras. Continuava a ser feita no país, a exemplo da década de 70, uma problematização quanto à situação política, econômica e social dentro dos parâmetros do materialismo histórico, no entanto, os movimentos feministas tornavam cada vez mais visíveis suas reivindicações específicas em relação às mulheres buscando para tanto novas formas de abordagem.

²⁶⁴ BEAUVOIR, Simone de. OSS. Vol. 1, P. 173.

²⁶⁵ Ibid. P. 80.

Seguindo nossa análise, podemos observar ainda uma discussão restrita com as questões trazidas por O Segundo Sexo em O Que é Feminismo²⁶⁶, de Branca Moreira Alves e Jaqueline Pitanguy. Nesse livro as autoras apresentam considerações básicas sobre o feminismo, na intenção de introduzir as (os) leitoras (es) leigas (os) os principais conceitos e idéias sobre o tema. Para elas, a obra de Simone de Beauvoir foi um “marco na medida em que delineia os fundamentos da reflexão feminista que ressurgirá a partir da década de 60”²⁶⁷. E, desta forma, apenas realizando menções esparsas quanto à relevância de O Segundo Sexo e de Simone de Beauvoir para os movimentos feministas, que as autoras citam a obra.

Simone de Beauvoir estuda a fundo o desenvolvimento psicológico da mulher e os condicionamentos que ela sofre durante o período de sua sociabilização, condicionamentos que, ao invés de integrá-la a seu sexo, tornam-na alienada, posto que é treinada para ser mero apêndice do homem²⁶⁸.

Apresentar brevemente as principais questões que possam definir “o que é o feminismo” justifica as escassas referências a O Segundo Sexo. Ou seja, as autoras não tinham por objetivo realizar um diálogo denso com as teses defendidas por Simone de Beauvoir, mas sim divulgar concisamente a história do feminismo através de seus aspectos mais relevantes. Em nenhuma das outras autoras importantes para a história do feminismo citadas – como, por exemplo, Kate Millet e Juliet Mitchell - há o desenvolvimento de uma reflexão maior. O que podemos destacar é que as considerações feitas a Simone de Beauvoir e ao seu texto neste livro não escapam em muito as formas de apropriação realizadas neste período em relação a citações dos demais textos de autoras internacionais como as citadas anteriormente.

²⁶⁶ ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jaqueline. Op. cit.

²⁶⁷ Ibid, P. 52.

²⁶⁸ Ibid, P. 52.

A partir dos projetos feministas dos anos 70 e 80, percebemos que as publicações destes períodos não tinham por objetivo propor uma reflexão situada unicamente na discussão de O Segundo Sexo. Contudo, este fator não invalida uma análise das circulações do texto de Beauvoir nos escritos feministas nacionais.

A manifestação do entendimento das autoras brasileiras em relação a O Segundo Sexo fica-nos exposta não apenas pelas citações diretas que estas selecionam para incluírem em seus textos, mas principalmente pelo tratamento que dão as referências utilizadas. Centradas, em um primeiro momento, em destacar o pioneirismo da obra rendendo elogios a Simone de Beauvoir, as autoras feministas brasileiras dialogam superficialmente com suas teses, fazendo uso de suas passagens mais conhecidas. Outra característica destacada nestes processos de apropriação são as formas pelas quais as autoras realizam críticas tímidas aos questionamentos da autora francesa, empregando-a em suas reflexões como forma de legitimar o que está sendo apresentado, mostrando-se assim inseridas no círculo de leituras feministas relevantes para época.

2.2 Cinquentenário de O Segundo Sexo no Brasil: edições comemorativas

A crescente presença dos estudos sobre as mulheres na historiografia que vinham sendo realizados desde os anos 70, no intuito de reintegrá-las enquanto sujeitos da história e objetos de estudo, ganharam notoriedade após a incorporação do gênero como categoria de análise²⁶⁹. O gênero foi considerado como um conceito mais neutro e objetivo para os estudos que tivessem as mulheres em suas temáticas, e conseqüentemente, fornecia uma legitimidade maior dentro da academia²⁷⁰. Concomitante a esse debate na historiografia,

²⁶⁹ COSTA, Cláudia de Lima. O Tráfico do Gênero. CADERNOS PAGU. Op. cit. 1998, P. 134.

²⁷⁰ MATOS, Maria Izilda S. de. Estudos de Gênero: Percursos e possibilidades na historiografia contemporânea. CADERNOS PAGU. Op. cit 1998, P. 73.

assim como em outras disciplinas, os movimentos feministas se destacavam cada vez mais no cenário internacional.

No Brasil, os estudos de gênero estiveram, inicialmente, voltados para a desnaturalização e dessencialização das identidades sexuais, sendo o sistema relacional proposto - feminino entendido apenas em relação ao masculino -, e não a questão das relações de poder, o aspecto de maior impacto para a reflexão nacional²⁷¹. Segundo Margareth Rago, sobre este período:

Da história das mulheres passamos repentinamente a falar na categoria do gênero, entre as décadas de 1980 e 1990. Uma imensa literatura abriu-se, então, para nós: as pós-estruturalistas, com Derrida e Foucault à frente, dissolvendo os sujeitos e apontando para a dimensão relacional da nova categoria; as marxistas, procurando integrar rapidamente a nova categoria em seu sistema de pensamento, sempre muito preocupadas em garantir o lugar outrora hegemônico e agora compartilhado do conceito de classe. (...) E finalmente, acenavam as psicólogas, com suas propostas e interpretações, mais ligadas às questões da maternidade e da crítica ao patriarcado²⁷²

Influenciadas por leituras como o artigo da historiadora norte-americana Joan W. Scott, “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”²⁷³, as pesquisadoras não tardaram em defender o gênero como efeito de construções sociais e culturais das diferenças fundadas no sexo²⁷⁴. Apenas na década de 90 é que os temas e as abordagens em relação aos estudos de gênero tornaram-se mais abrangentes, juntamente com a diversificação de fontes e métodos de análise propostos pela história cultural.

Para algumas das autoras feministas brasileiras, Simone de Beauvoir fundou as bases para o que, posteriormente, veio a ser conceitualizado como estudos de gênero, através de sua frase “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”. Segundo Heleieth Saffioti:

²⁷¹ Ver, a esse respeito, COSTA, Cláudia de Lima. CADERNOS PAGU. 1998. Op. cit

²⁷² RAGO, Margareth. Descobrindo historicamente o gênero. CADERNOS PAGU. Op. cit 1998, P. 91

²⁷³ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade. Jul/Dez. pg 05-22. Porto Alegre, 1990.

²⁷⁴ RAGO, Margareth. Op. cit. P. 89.

“Essa frase, na verdade, reúne o único consenso que existe entre as feministas a respeito do gênero. Todo mundo diz: gênero é uma construção social” ²⁷⁵. Outras autoras nacionais concordam quanto ao caráter precursor de Beauvoir em relação ao gênero:

Não foi ela quem estabeleceu uma espécie de metodologia para o estudo de gênero com a famosa frase ‘não se nasce mulher, torna-se’? Não é exatamente essa a substância do conceito de ‘relações de gênero’? (Maria Lygia Quartim de Moraes) ²⁷⁶

A própria constituição do campo de saber instituído sobre os ‘estudos de gênero’ deve a Simone de Beauvoir boa parte de sua inspiração (Marlise Miriam de Matos Almeida) ²⁷⁷

Ao final da década de 90, precisamente em 1999, O Segundo Sexo completava os cinquenta anos de sua primeira publicação, o que lhe renderia apenas duas edições comemorativas no Brasil: *Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas*, do NEIM – Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher da UFBA, através da Coleção Bahianas²⁷⁸, e *Simone de Beauvoir & os feminismos do século XX*, do Cadernos Pagu.²⁷⁹ Por abordarem O Segundo Sexo como tema central da maioria dos textos, essas edições trazem uma reflexão direta sobre o ensaio de Beauvoir, e são significativos na medida em que ambos propõem uma reavaliação da obra para o feminismo, bem como homenagens a autora francesa pelo seu vanguardismo. Diferente das obras anteriormente citadas, as discussões apresentadas nos referidos textos tinham por objetivo refletir unicamente sobre o cinquentenário da obra e sua autora.

²⁷⁵ SAFFIOTI, Heleieth. O Segundo Sexo à luz das teorias feministas contemporâneas. In: MOTTA, Alda Britto da; SARDENBERG, Cecília; GOMES, Márcia. (Orgs.). Op. cit. P. 22.

²⁷⁶ MOARES, Maria Lygia Quartim de. Simone de Beauvoir e o amor americano. CADERNOS PAGU. Op. cit. 1999. P. 100.

²⁷⁷ ALMEIDA, Marlise Miriam de Matos. Uma luz em nosso caminho. CADERNOS PAGU. Op. cit., 1999, P. 146.

²⁷⁸ MOTTA, Alda Britto da; SARDENBERG, Cecília; GOMES, Márcia. (Orgs.). Op. cit.

²⁷⁹ CADERNOS PAGU. Op. cit. 1999.

Coleção Bahianas, é uma das principais publicações do NEIM, criado em 1983 e vinculado a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA, que tem por objetivo ser um veículo de divulgação dos trabalhos no campo dos estudos feministas que vem sendo realizados na Bahia²⁸⁰. *Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas* é o quinto volume da coleção, e resultado de discussões realizadas no V Simpósio Baiano de Pesquisadoras (es) sobre Mulher e Relações de Gênero, tendo parte desse evento sido dedicado ao debate sobre Simone de Beauvoir e análise de O Segundo Sexo. Nesta edição, observamos algumas características comuns nos artigos que discutem O Segundo Sexo. As autoras, em sua grande maioria, apresentam um breve resumo da obra e da vida de Simone de Beauvoir, dando ênfase às questões mais conhecidas, como seu relacionamento com Sartre, a influência da filosofia existencialista e o pioneirismo de seu estudo. Nesse sentido, Alda Britto da Motta em *A Simone, com carinho*, artigo que fecha a seção comemorativa do cinquentenário da obra, afirma: “É ainda a mestra, então, que contemplo: a vanguardista social, e do feminismo em particular, a analista de aguda percepção, cujas idéias em grande parte lhe sobrevivem e nos servem”²⁸¹

Entretanto, é para além dessas generalidades, já observadas nas publicações das décadas de 70 e 80, que estará direcionado o foco para as análises das obras comemorativas do cinquentenário de O Segundo Sexo, no intuito de percebermos não somente as continuidades, mas as discontinuidades de cada período de leitura do texto.

Em *O Existencialismo e a Condição Feminina*²⁸², por exemplo, Elizete Passos propõe uma discussão com a principal base filosófica que fundamentou O Segundo Sexo. A autora discute alguns conceitos da filosofia existencialista utilizados por Simone de

²⁸⁰ Ver, a esse respeito, o site do NEIM na internet. Disponível em: <<http://www.neim.ufba.br/>>. Acesso em: 05 set. 2006.

²⁸¹ MOTTA, Alda Britto. *A Simone, com carinho*. In: MOTTA, Alda Britto da; SARDENBERG, Cecília; GOMES, Márcia. (Orgs.). Op. cit.

²⁸² PASSOS, Elizete. *O Existencialismo e a Condição Feminina*. In: MOTTA, Alda Britto da; SARDENBERG, Cecília; GOMES, Márcia. (Orgs.). Op. cit.

Beauvoir objetivando demonstrar como o existencialismo serviu de “ponto de partida” para a análise realizada sobre a “condição feminina”.

Observando a forma pela qual Elizete Passos está referenciando O Segundo Sexo, percebemos que grande parte da reflexão proposta pela autora não provem propriamente do texto de Simone de Beauvoir²⁸³. A discussão realizada pela autora brasileira perpassa leituras atuais, como Judith Butler²⁸⁴ e Andrea Nye²⁸⁵ que propõem em seus trabalhos diálogos com a autora francesa. Ao tratar da questão do “tornar-se” em O Segundo Sexo, por exemplo, Passos cita a reflexão realizada por Butler²⁸⁶ e não a de Beauvoir sobre o assunto:

A pergunta que se faz é: ‘como pode o gênero ser escolha e construção cultural?’ O que ela responde ao dizer que ‘não nascer, mas tornar-se uma mulher não implica que esse tornar-se percorre um caminho da liberdade desencarnada a uma incorporação cultural’²⁸⁷

Ou seja, a compreensão da leitura de Elizete Passos sobre O Segundo Sexo fica evidenciada através da articulação que a autora realiza com outras leituras contemporâneas. Desta forma, o sentido atribuído pela autora a algumas das questões levantadas por

²⁸³ A autora utiliza neste artigo uma edição de O Segundo Sexo publicada pela editora Nova Fronteira, São Paulo, no ano de 1980.

²⁸⁴ Judith Butler é filósofa e escritora norte-americana. Entre suas publicações destaco Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade (SP: Civilização Brasileira, 2003) publicado recentemente no Brasil. A autora questiona os processos pelos quais nos tornamos sujeitos quando adotamos identidades sexo/gênero. Para Butler o sujeito não é dado, mas está num permanente *tornar-se*. Analisando a frase de Beauvoir “ninguém nasce mulher; torna-se mulher”, Butler defende que o gênero é uma seqüência de atos performativos (em constante processo de tornar-se), sendo efeito e não causa. Desta forma, Butler discorda de Beauvoir de que “ser mulher”, por exemplo, é uma escolha que se realiza mediante uma construção social e cultural, quando para a autora norte-americana o gênero está sempre sendo modificado; desestabilizado.

²⁸⁵ Em Teoria feminista e as filosofias do homem (RJ: Rosa dos Tempos, 1995), livro utilizado por Elizete Passos em seu artigo, Andrea Nye analisa a questão da teoria para o feminismo, desenvolvendo a idéia de que as mulheres precisam se apropriar das teorias e filosofias masculinas apontando suas possíveis falhas. Neste caso, a autora cita Simone de Beauvoir por ter mostrado em O Segundo Sexo que a opressão das mulheres não era meramente uma questão de ordem econômica.

²⁸⁶ O texto citado pela autora é: BUTLER, Judith. Variações sobre sexo e gênero Beauvoir, Wittig e Foucault. In: CORNELL, Drucilla; BENHABIB, Sheila. Feminismo como crítica da modernidade. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987.

²⁸⁷ BUTLER, Judith apud PASSOS, Elizete. Op. cit., P. 46.

Beauvoir ganharam uma significação através da intertextualidade, que promove a articulação de leituras em torno de uma compreensão²⁸⁸.

Contudo, Passos não deixa de referenciar diretamente o texto de Beauvoir, como ao citar o trecho de onde extrai a frase “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”²⁸⁹. Como visto anteriormente, nas publicações das décadas de 70 e 80, a autora também se detém na máxima que parece sintetizar O Segundo Sexo para a maioria das leitoras feministas brasileiras.

Outra forma de trabalhar o texto de Simone de Beauvoir encontrada nesta edição comemorativa do NEIM é através da relação que as autoras nacionais travam entre O Segundo Sexo e outros textos expoentes no debate feminista. No artigo *Um diálogo possível entre Margaret Mead e Simone de Beauvoir*, Cecília Sardenberg confronta os apontamentos mais conhecidos nas obras Macho e Fêmea e O Segundo Sexo, ambas publicadas na década de 40, criando uma conversa fictícia onde as autoras se questionam sobre suas reflexões mais debatidas²⁹⁰, como vimos no capítulo anterior. No caso de Simone de Beauvoir, Sardenberg cita diretamente a autora francesa quando discute questões como a transcendência, a desconstrução do “mito da maternidade”, e o destino biológico. Neste diálogo, Margaret Mead obtém a seguinte resposta ao questionar Beauvoir sobre o significado do “mito da maternidade”:

SB: *Por exemplo, a idéia de ‘... que a maternidade é suficiente, em todos os casos, para coroar a vida de uma mulher. Isso não é verdade. Há um grande número de mulheres que se sentem infelizes, amargas e não satisfeitas’. Você sabe muito bem que: ‘A relação da mãe com as crianças*

²⁸⁸ GOULEMOT, Jean Marie. Op. cit. P. 115.

²⁸⁹ “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino”. In: BEAUVOIR, Simone de. Op. cit. Vol. 2. P. 09.

²⁹⁰ Cecília Sardenberg utiliza duas edições de O Segundo Sexo neste artigo, uma norte-americana - publicada pela Vintage Books, em Nova Iorque no ano de 1974 -, e uma edição nacional da Difusão Européia do Livro, sem data.

depende da totalidade da sua vida; depende das relações dela com o marido, com o passado dela, e a ocupação que ela tem; é um erro tão perigoso quanto absurdo tomar a criança como uma panacéia universal’.

Grifado em itálico a autora apresenta suas inserções no diálogo fictício que edifica entre Mead e Beauvoir, colocando entre aspas os fragmentos das obras Macho e Fêmea e O Segundo Sexo. Ou seja, Sardenberg utiliza trechos do texto de Simone de uma maneira até então não vista em nenhuma das apropriações anteriores. Para o emprego desta metodologia, a autora parte dos pontos divergentes e convergentes entre a autora francesa e a norte-americana, simulando um “bate-papo” bastante informal entre elas.

Em *Natureza, Cultura e Identidade em Beauvoir e em Paglia*²⁹¹, de Heliana Ometto Nardin, observamos também a mesma proposta de realizar um debate teórico entre Simone de Beauvoir e outras autoras. Com objetivo de traçar um paralelo entre O Segundo Sexo²⁹² e Personas Sexuais, de Camille Paglia²⁹³, a autora adota por eixo temático conceitos como natureza, cultura e identidade, buscando os pontos de contato e ruptura entre essas obras. Esboçando um panorama mundial das décadas que as separam - de 1940 a 1990 - Heliana Ometto Nardin concluiu que ambas as reflexões se delineiam sobre a questão do projeto ocidental, sendo que Simone fala “de um mundo recente, mas que não é mais o mundo de hoje”, e Paglia “fala da situação atual e propõe-se a demonstrar a unidade e descontinuidade da cultura ocidental”²⁹⁴.

²⁹¹ NARDIN, Heliana Ometto. *Natureza, cultura e Identidade em Beauvoir e em Paglia*. In: MOTTA, Alda Britto da; SARDENBERG, Cecília; GOMES, Márcia. (Orgs.). *Op. cit.* P. 69-73.

²⁹² A autora utiliza para suas citações uma edição de O Segundo Sexo publicada pela Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1967.

²⁹³ Camille Paglia é escritora estadunidense, nascida em 1947. Figura polêmica é considerada teórica do “pós-feminismo”. E entrevista recente ao jornal Folha de São Paulo, afirma que a marginalização dos movimentos feministas nos Estados Unidos é causada pelos excessos cometidos pelas feministas dos anos 1980 e início dos 1990, que “obcecadas com aborto e assédio sexual” acabaram negligenciando “assuntos muito mais importantes que afetam as mulheres no mundo”. Camille Paglia é professora no Philadelphia College of the Performing Arts. Ver, a esse respeito, FOLHA DE S.PAULO. São Paulo: 27 mar. 2006.

²⁹⁴ NARDIN, Heliana Ometto. *Op. cit.*, P. 64.

Em relação ao uso de referências a O Segundo Sexo, a autora ressalta as mesmas reflexões de Simone de Beauvoir utilizadas por Cecília Sardenberg, contudo, dissolvendo-as em seu texto e raramente citando-as diretamente. Nardin menciona a autoria de Simone de Beauvoir nas discussões que apresenta, mas não as situa, quanto a termos de localização, em O Segundo Sexo.

No artigo *Simone de Beauvoir e a Crítica Feminista*²⁹⁵, Raimunda Bedasse apresenta uma outra forma de apropriação de O Segundo Sexo ao situá-lo na história da crítica feminista²⁹⁶. Para a autora, Simone de Beauvoir faz parte da primeira fase da Crítica Feminista ao analisar em O Segundo Sexo as representações da mulher em obras escritas por homens. No volume 1 – *Fatos e Mitos*, Beauvoir avalia o “universo feminino” representado nas obras de Montherlant, Lawrence, Claudel, Breton e Stendhal, denunciando, segundo Bedasse, a “cristalização de estereótipos fornecidos pela ‘boa’ literatura”, aquela “feita pelos grandes escritores”²⁹⁷.

O diferencial no que tange a questão da apropriação de O Segundo Sexo neste artigo, é que apesar de render-lhe elogios e oferecer um breve resumo sobre Beauvoir e o conteúdo do texto, Bedasee apresenta o pioneirismo da obra não somente para o debate feminista, como é costumeiramente lembrada, mas para a História da Crítica Feminista. Segundo a autora:

O Segundo Sexo, de Simone de Beauvoir é, portanto, modelo de crítica de denúncia contra uma representação indigna de mulher objeto da opressão masculina. A sua importância é inegável e fundamental na História da Crítica Feminista, pois faz parte de uma fase que abriu caminho para a atual Crítica Feminista que tem por objeto, hoje, a literatura feita pela

²⁹⁵ BEDASEE, Raimunda. Simone de Beauvoir e a Crítica Feminista. In: MOTTA, Alda Britto da; SARDENBERG, Cecília; GOMES, Márcia. (Orgs.). Op. cit., P. 109-125.

²⁹⁶ Raimunda Bedasee cita em suas referências bibliográficas o segundo volume de O Segundo Sexo - a 5ª edição publicada pela Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1980 – embora realize em seu trabalho uma reflexão com o primeiro volume.

²⁹⁷ BEDASEE, Raimunda. Op. cit. P. 112.

mulher, e como um dos objetivos, incentivar, cada vez mais, a produção literária feminina produto de um eu feminino²⁹⁸

Assim como Heliana Nardin, Raimunda Bedasee apresenta comentários concisos e gerais de reflexões feitas por Beauvoir, dispensando apenas duas citações diretas - e devidamente referenciadas- relacionadas à conclusão de O Segundo Sexo. Para Bedasee, Simone de Beauvoir “recorre à literatura para concluir sobre suas considerações”, ao final do primeiro volume da obra:

As épocas que mais amaram as mulheres não foram a do feudalismo cortês nem o galante século XIX: foram as épocas em que - como no século XVIII – os homens encararam as mulheres como semelhantes; é então que se apresentam como verdadeiramente romanescas: basta ler *Les Liaisons dangereuses*, *Le Rouge et le Noir*, *Adeus às Armas*, para percebê-los²⁹⁹

A segunda referência a O Segundo Sexo, citada pela autora, não é uma reflexão de Beauvoir, mas uma passagem de Rimbaud utilizada pela autora francesa na última frase de *Fatos e Mitos*: ““Quando se quebrar a escravidão infinita da mulher, quando ela viver por ela e para ela, o homem – até hoje abominável – tendo-lhe dado a alforria””³⁰⁰. Após apresentar os “deslizes” empreendidos por Beauvoir em O Segundo Sexo e apontados por Suzanne Lilar³⁰¹, a autora afirma que alguns erros foram “realmente cometidos”, e um deles diz respeito a esta citação de Rimbaud, pois, segundo Bedasee, “a revolução das mulheres não quer nada outorgado, ela quer lutar pelo que pretende alcançar”³⁰².

A compreensão de O Segundo Sexo para Raimunda Bedasee, da mesma forma que para Elizete Passos, é efetuada através de outras leituras que a autora indica, por

²⁹⁸ Ibid, P. 123.

²⁹⁹ BEAUVOIR, Simone de. apud BEDASEE, Raimunda. Op. cit., P. 112-113.

³⁰⁰ RIMBAUD. Lettre à O. Demeny, 15 mai 1872 apud BEAUVOIR, Simone de. Op. cit. P. 309.

³⁰¹ LILAR, Suzanne. Le malentendu du deuxième sexe. 2. ed. (rev.) Paris : Presses Universitaires de France, 1970 apud BEDASEE, Raimunda. Op. cit.

³⁰² Ibid, P. 116.

exemplo, pelos diálogos que realiza com Suzanne Lilar. Desta forma, percebemos mais uma vez que o entendimento acerca de O Segundo Sexo pode ter ocorrido concomitante a superposição de outras leituras relacionadas, fornecendo às suas leitoras um conhecimento adicional sobre o texto. Há ainda a possibilidade de apropriação através de outros suportes que não exatamente o livro, mas textos de outras autoras que refletem sobre as questões levantadas por Beauvoir, como no caso de Raimunda Bedasse ao utilizar as críticas de Suzanne Lilar sobre O Segundo Sexo.

Como um último exemplo dentre os artigos publicados na edição comemorativa do NEIM, *Aborto e Violência Conjugal: um diálogo com Simone de Beauvoir*³⁰³, de Vera Lúcia Costa Souza e Sílvia Lúcia Ferreira, propõe uma re-leitura de O Segundo Sexo tomando por base um estudo de caso no intuito de realizarem aproximações entre aquilo que foi teorizado e a experiência: a relação entre vivência da violência conjugal e opção pelo aborto e as teses de Simone de Beauvoir³⁰⁴. Para as autoras, as falas de 35 mulheres entrevistadas por elas para este trabalho “mostram semelhanças com o que escreveu Simone sobre mulheres na França de cinquenta anos atrás”³⁰⁵. A cada constatação nas narrativas das mulheres, como por exemplo, o aborto como uma estratégia de resistência frente à violência doméstica, as autoras citam trechos de O Segundo Sexo que demonstram uma mesma observação de Beauvoir sobre o assunto. Como na utilização da seguinte passagem:

Uma mulher que tem afeição pelo marido modela seu sentimento pelos dele; acolhe a gravidez e a maternidade com alegria ou mau humor segundo ele se sinta orgulhoso ou aborrecido. Por vezes o filho é

³⁰³ SOUZA, Vera Lúcia Costa; FERREIRA, Sílvia Lúcia. Aborto e Violência Conjugal: um diálogo com Simone de Beauvoir. In: MOTTA, Alda Britto da; SARDENBERG, Cecília; GOMES, Márcia. (Orgs.). Op. cit. P. 127-142.

³⁰⁴ As autoras realizam suas referências a 9ª edição de O Segundo Sexo, segundo volume, publicado em 1980 pela editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro.

³⁰⁵ SOUZA, Vera Lúcia Costa; FERREIRA, Sílvia Lúcia. Op. cit., 128.

desejado, a fim de consolidar uma ligação, um casamento e o apego que lhe dedica a mãe depende do êxito ou do malogro de seus planos³⁰⁶

Poderíamos citar ainda outros exemplos da apropriação de O Segundo Sexo por Vera Souza e Sílvia Ferreira neste artigo, mas o aspecto relevante aqui é nos determos na forma pela quais as autoras empregam diretamente trechos do texto de Beauvoir. Fazendo referências apenas ao segundo volume de O Segundo Sexo – A experiência vivida -, e especificamente aos capítulos *A Mulher Casada* e *A Mãe*, as autoras delimitam seu exame exclusivamente a apenas duas partes na totalidade do texto. Em relação aos outros artigos até então analisados, as autoras não só escolheram temáticas pontuais em O Segundo Sexo para dialogarem com sua problemática, como permaneceram centradas na análise única dessas passagens. Ao contrário destas, a maioria das autoras, diante da multiplicidade de questões que O Segundo Sexo suscita e por consequência da própria atmosfera comemorativa, procuraram explorar em seus textos não apenas as discussões que se propunham a refletir, como também abordar – mesmo que ainda superficialmente – grande parte das questões que tornaram o texto mundialmente conhecido.

Cadernos Pagu, revista acadêmica semestral, foi fundada em 1993 por integrantes do Núcleo de Estudos de Gênero da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, publica artigos originais de pesquisadores/as nacionais e estrangeiros, e traduções de textos centrais para a reflexão da temática.³⁰⁷ Sua edição *Simone de Beauvoir & os feminismos do século XX*³⁰⁸, também obra comemorativa do cinquentenário de O Segundo Sexo, apresenta em sua maior parte trabalhos que tratam de aspectos da vida pessoal de Simone de Beauvoir permeados por uma atmosfera de homenagens, sendo pouco os artigos de

³⁰⁶ BEAUVOIR, Simone de. apud SOUZA, Vera Lúcia Costa; FERREIRA, Sílvia Lúcia. Op. cit., P. 139.

³⁰⁷ Ver, a esse respeito, PISCITELLI, Adriana; BELELI, Iara; LOPES, Maria Margaret. CADERNOS PAGU: Contribuindo para a consolidação de um campo de estudos. Estudos Feministas. Florianópolis. Vol. 11, Nº1. Jan/Jun/2003. P. 242-246, ou informações através do site disponível em: <http://www.unicamp.br/pagu/cadernos_pagu.html>. Acesso em: 05 set. 006.

³⁰⁸ CADERNOS PAGU. Op. cit. n.12, 1999.

autoras (es) nacionais que proponham uma crítica e/ou discussão da obra. Textos como *A vida como obra* de Beth Lobo, *Meu encontro com a escritora* de Lygia Fagundes Telles, *Uma amizade apaixonada? Um episódio na carreira amorosa de Simone de Beauvoir* de Maria Luiza Heilborn, e *Três facetas de uma escritora* de Walnice Nogueira Galvão, trazem - assim como na edição comemorativa do NEIM - breves considerações sobre O Segundo Sexo e sua autora, destacando - em meio a escassas e quase que nulas referências diretas ao texto - os pontos mais conhecidos e discutidos da obra, e os aspectos mais polêmicos da vida de Beauvoir. Como, por exemplo, na seguinte passagem no texto de Maria Lygia Q. de Moraes:

Simone não tinha ambigüidades com respeito ao seu horror pela maternidade e pela relação mãe/filho. No entanto, foi materna com Sartre, cuidando dele como se cuida de um bebê, escrevendo até o seu diário da velhice. Mas, de qualquer maneira, rejeitando a gravidez e a maternidade Simone também rejeitava a família burguesa e o estilo de vida lar-doce-lar. Nisso residiu a força de Simone: poder se dedicar integralmente ao trabalho intelectual e produzir uma obra notável³⁰⁹

Algumas autoras narram ainda suas experiências pessoais seja com Simone de Beauvoir, como é o caso de Lygia Fagundes Telles³¹⁰, ou com O Segundo Sexo – fornecendo informações sobre suas leituras. No caso de Marlise Miriam de Matos Almeida, em *Uma luz em nosso caminho*³¹¹, a leitura do texto de Beauvoir teria ocorrido apenas na década de 80, precisamente 34 anos após sua primeira publicação, e desta guarda a seguinte recordação:

³⁰⁹ MORAES, Maria Lygia Quartim de. Simone de Beauvoir e o amor americano. CADERNOS PAGU. Op. cit. n.12, 1999, P. 100.

³¹⁰ A autora narra seu encontro com Simone de Beauvoir e Sartre durante a visita do casal ao país no ano de 1960. TELLES, Lygia Fagundes. Meu encontro com a escritora. CADERNOS PAGU. Op. cit. n.12, 1999, P. 59-63.

³¹¹ ALMEIDA, Marlise Miriam de Matos. Simone de Beauvoir: uma luz em nosso caminho. CADERNOS PAGU. Op. cit. n.12, 1999, P. 145-156.

Ler Simone de Beauvoir não significou um episódio a mais, simplesmente, na minha história. Sem exageros, para mim é facilmente identificável uma personalidade antes de Madame e outra depois dela. Este livro descortinou um universo de sentidos para minha formação pessoal e acadêmica que apenas hoje sou capaz de alguma avaliação. Só a introdução desta obra nos coloca num lugar diferenciado, postula um pensamento crítico partido da pena feminina que é suficientemente explícito em seus propósitos inaugurais e absolutamente originais.

Logo após esse comentário, Marlise faz uma citação direta à introdução presente no segundo volume de O Segundo Sexo³¹². Contudo, um outro aspecto relevante na avaliação realizada pela autora sobre o texto de Beauvoir, é que, assim como Elizete Passos na edição comemorativa do NEIM, Marlise também apresenta um diálogo com Judith Butler, e outras autoras internacionais contemporâneas, para discorrer sobre pontos ambíguos em O Segundo Sexo.

Na maioria dos textos desta edição comemorativa dos Cadernos Pagu as passagens de O Segundo Sexo citadas são também aquelas mais conhecidas, a exemplo de “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, e alguns trabalhos propõem até mesmo uma reflexão com outras obras da autora, como é o caso de Cláudia T. G. Lemos em *De como uma moça bem comportada se torna Simone de Beauvoir*, Marco Aurélio Garcia em *Simone de Beauvoir e a política*, que cita outros textos da autora francesa – Lettres à Sartre e Journal de Guerre - além de Memórias de uma moça bem comportada, e Maria Lygia Quartim de Moraes em *Simone de Beauvoir e o amor americano*, que cita basicamente Sob o Signo da História. Entretanto, procuramos nos deter apenas nos artigos que propõem uma reflexão sobre O Segundo Sexo e que apresentam citações diretas a este, no intuito de avaliarmos as formas pelas quais as autoras nacionais estão utilizando passagens de Beauvoir em seus escritos.

³¹² A autora utiliza para este artigo a edição de O Segundo Sexo publicada pela editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, em 1980.

Segundo Sylvie Chaperon, tratando do debate produzido entre as décadas de 50 e 60 sobre O Segundo Sexo na França:

A maioria dos comentadores, movida por uma legítima preocupação política, detém de *O segundo sexo* apenas os argumentos ou passagens que se coloquem sob o estandarte da famosa frase que se tornou *slogan* – ‘Ninguém nasce mulher: torna-se mulher’ –, deixando cuidadosamente de lado as passagens mais ambíguas³¹³.

Embora esteja se referindo a um outro contexto, Chaperon atenta para uma característica perceptível também nas produções das feministas brasileiras que acabamos de analisar. Em muitas das vezes em que O Segundo Sexo, ou menções a Simone de Beauvoir, são realizadas nas obras de divulgação, a emblemática frase, por exemplo, é pronunciada *ad nauseam* pelas autoras, sem que sejam empreendidas, na maioria das vezes, reflexões sobre seu significado e/ou um diálogo com a autora francesa nesse sentido. Ou seja, percebemos também neste momento, a exemplo das narrativas das feministas entrevistadas abordadas no capítulo anterior, uma forma de legitimar a leitura de O Segundo Sexo, e por consequência o seu entendimento, através da frase mais conhecida de Simone de Beauvoir para o movimento feminista; como uma chave-mestra ao debate.

Como uma conclusão possível deste momento da história da leitura de O Segundo Sexo no Brasil, percebemos, em comparação com as publicações das décadas de 70 e 80, uma constante na utilização do texto pelas feministas brasileiras: reverências ao pioneirismo de Beauvoir. Contudo, ligando o debate atual sobre o gênero com o cinquentenário da obra, as feministas voltaram à leitura que fizeram de O Segundo Sexo com uma instrumentalização diferente, em termos de intertextualidade, sobre as questões tratadas pelas autoras daquelas primeiras leituras nas décadas de 70 e 80, que se justifica -

³¹³ CHAPERON, Sylvie. A segunda Simone de Beauvoir. Tradução de Carmem Cacaiarro. Novos Estudos. N. 57. P. 103-123. Julho de 2000. P. 104

assim como na questão das reverências – por se tratar de um momento comemorativo. Ou seja, o objetivo das autoras nacionais nestas edições era dialogar diretamente e objetivamente com o Segundo Sexo.

Debatendo com a questão filosófica, estudos de caso, teóricas contemporâneas, e situando a trajetória de Simone de Beauvoir na História da Crítica Feminista, as feministas brasileiras na década de 90 não só citaram trechos de O Segundo Sexo como forma de embasar suas análises, como suscitaram novas formas de abordá-lo. Enquanto nas décadas de 70 e 80 as autoras nacionais inseriam as passagens mais conhecidas de Simone de Beauvoir em seus trabalhos sem necessariamente gerar uma discussão profunda destas com as temáticas de suas obras, na década de 90 percebemos uma problematização mais articulada com os trechos extraídos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi visto, o interesse fundamental deste trabalho centrou-se em uma história da leitura de O Segundo Sexo no Brasil, entre as décadas de 60 e 90, através das seguintes análises: uma breve história do livro no País - abordando seus pontos mais relevantes, como a produção, publicação e repercussão-, pelas narrativas memorialísticas de algumas feministas brasileiras sobre suas leituras, e ainda pela apropriação do texto de Simone de Beauvoir na produção bibliográfica do movimento feminista nacional. Com apoio nas propostas teórico-metodológicas da história leitura, em que são destacadas questões como “apropriação” e “circulações”, refletimos principalmente sobre a situação do livro no Brasil; a geração de leitoras feministas; em que momento realizaram suas leituras; e como e por que essas teriam se dado.

Através do horizonte de possibilidades de uma história da leitura de O Segundo Sexo no Brasil aberto tanto pelas entrevistas quanto pelas obras de divulgação analisadas, compreendemos a importância de refletirmos a respeito das ressonâncias que esta leitura teve na formação do movimento intelectual e na história do movimento feminista brasileiro entre as décadas de 60 e 90. Entretanto, é importante ressaltarmos que não foi nosso objetivo promover uma crítica das questões levantadas por Simone de Beauvoir em O Segundo Sexo, nem de cobrar das feministas entrevistadas e das autoras uma leitura aprofundada e “correta” do texto. A análise proposta por este trabalho teve por objetivo perceber as ressonâncias das leituras realizadas.

Primeiramente, podemos perceber que a repercussão de O Segundo Sexo no Brasil assemelha-se mais ao caso argentino do que ao francês, ou seja, tratou-se de um impacto que foi se intensificando com o passar do tempo, a partir de um amadurecimento

intelectual e político das leitoras em relação ao movimento feminista. Aqui também podemos destacar a visita de Sartre e Beauvoir ao Brasil em 1960, o que impulsionou não só a publicação, mas a leitura do livro nos meios acadêmicos, intelectuais e de militância.

Os indícios contextuais da circulação do livro no País, embora escassos, deram-se através do levantamento das edições que conseguimos apurar nas buscas em catálogos online de bibliotecas universitárias, na Biblioteca Nacional, e na Biblioteca do Estado de Santa Catarina, uma vez que as editoras que o publicaram entre as décadas de 60 e 90 – DIFEL, Nova Fronteira e Círculo do Livro - não possuem esses dados, que foram perdidos quando informatização de seus acervos, e pouco puderam nos informar a respeito. Contudo, conseguimos precisar a circulação e leitura de O Segundo Sexo em francês no final da década de 50, e a primeira publicação do livro em português possivelmente em 1960. Percebemos ainda que o livro teve várias edições no Brasil, por editoras importantes que publicavam e distribuíam livros nacionalmente. Da mesma forma, foi traduzido por um intelectual famoso e respeitado, que seguramente escolhia seus trabalhos. Estes aspectos nos ajudam a compreender a dimensão da relevância da autora e do livro.

Aprofundar a análise na materialidade específica do texto enquanto livro seria reducionista na medida em que cada leitora realizou sua leitura e apropriações de O Segundo Sexo através de edições diferentes, e até mesmo, de outros suportes como em resenhas, jornais, conversas informais, grupos de estudos, aulas nas universidades, etc. Desta forma, optamos por traçar uma história bastante abrangente do livro e percebermos as especificidades de leitura nas narrativas memorialísticas e nas apropriações.

Vimos assim no segundo capítulo, que a geração de leitoras feministas de O Segundo Sexo no Brasil durante o período de análise proposto foram, em sua maioria, mulheres que durante os anos 60, 70 e 80 viviam sua juventude nas universidades e

militando em movimentos sociais e/ou partidos políticos, agindo contra a ordem instaurada pelo regime militar.

Seja emprestado por amigas e irmãs; por intermédio de um professor nas universidades; através dos grupos de mulheres; em português ou francês, as falas indicam como se deram os primeiros contatos do texto com suas leitoras. O conhecimento sobre a singularidade de O Segundo Sexo e a importância de sua autora no cenário de discussões feministas ia se fortalecendo na medida em que as informações chegavam através das pessoas exiladas e pela visita da autora francesa ao país em 1960. Desta forma, o debate sobre a “condição da mulher” no texto inaugural de Simone de Beauvoir começou a circular nos meios acadêmicos, intelectuais, e de militância feminista.

Apesar de ser comumente citado nas falas como uma das leituras chaves realizadas neste período de engajamento com a causa feminista, algumas das entrevistadas não situam O Segundo Sexo como a leitura de maior relevância, uma vez que viviam outras situações no momento da leitura. Qualificando-o como *doentio, chato, cerebral e psicanalítico demais*, certas leitoras não atribuíram ao texto de Beauvoir o status de “marco histórico” para o movimento feminista. Algumas falas apresentam as primeiras impressões da leitura de O Segundo Sexo como um texto de difícil apreensão: umas começaram a ler e não terminaram; outras afirmam que não gostaram, mas que na medida em que o tempo passou retornaram a leitura e se sentiram “encantadas”; e há ainda aquelas que negam toda e qualquer influência do texto para suas vidas. Bem poucas leitoras de O Segundo Sexo foram unânimes em dizer que o texto de Simone de Beauvoir foi marcante em suas vidas, tanto intelectual quanto pessoal, entretanto, reconhecem a relevância, o pioneirismo e singularidade da autora e da obra para o debate feminista internacional. Há, contudo, as leitoras que não viram no método de análise beauvoriano da “condição feminina” um entrave ao entendimento das teses apresentadas em O Segundo Sexo, embora sejam poucas

as feministas entrevistadas que façam um parecer crítico do texto, demonstrando uma leitura mais atenta.

De uma forma ou de outra, as leituras de O Segundo Sexo no Brasil foram realizadas pelas feministas entrevistadas na medida em que esta leitura se apresentava como uma senha de acesso ao que vinha sendo debatido nos movimentos feministas ao redor do mundo; um meio de legitimação. Ler de forma fragmentada, integral, ou até mesmo obter e indicar informações mesmo que esparsas sobre a obra e sua autora, era mostrar-se inserida em um círculo intelectual feminista que tinha suas leituras de base. Como vimos, assim como O Capital, de Karl Marx, servia naquela época como embasamento referencial ideológico para os movimentos de esquerda, O Segundo Sexo assim estava para os movimentos feministas; no sentido de que era importante, e até mesmo fundamental, que essas leituras fossem realizadas pelos grupos.

Se pensarmos o momento político do Brasil vivido pelas feministas entrevistadas, suas experiências individuais e coletivas nos movimentos sociais, teremos diante de nossos olhos um leque de determinações históricas orientando essas leitoras na produção de sentidos que extraíam da leitura de O Segundo Sexo. Nesse sentido, partindo do pressuposto da historicização da leitura, torna-se possível de ser escrita a história de gerações através daquela de suas leituras.

No terceiro capítulo, observamos a questão da apropriação do texto de Beauvoir nas obras de divulgação feminista, e constatamos que com o passar dos anos, desde as primeiras leituras de O Segundo Sexo realizadas na década de 60 e ao final da década de 90, as reflexões trazidas por Simone de Beauvoir foram sendo apropriadas pelo pensamento feminista nacional concomitante a uma mudança nos projetos feministas. A comemoração dos 50 anos do texto suscitou um momento em especial para que fosse realizada uma reavaliação de O Segundo Sexo para o movimento feminista, tendo como

pano de fundo o desenvolvimento dos estudos de gênero. Entretanto, não podemos tomar as reflexões como que inseridas em um processo progressivo, que culminaria em uma discussão densa e completa de O Segundo Sexo pelas feministas brasileiras. A exemplo das circulações realizadas pelo texto durante as décadas de 70 e 80, continuaria a ser realizada na década de 90 apropriações das reflexões mais destacadas do texto aos moldes daquelas primeiras utilizações.

Chego ao final deste trabalho com a convicção de não ter esgotado o tema. Contudo, acredito ter lançado um olhar sobre a história da leitura, e em partes do livro, de O Segundo Sexo no Brasil. Algumas questões no texto de Simone de Beauvoir ainda hoje são pertinentes ao refletirmos sobre a condução e o futuro dos estudos de gênero. Observamos que seu trabalho é uma marca ainda latente para o debate feminista acadêmico, e permanecerá na medida em que através de O Segundo Sexo nos questionemos sobre até que ponto houve, e quais são, as mudanças e permanências daquilo que foi problematizado pela autora francesa.

FONTES

Entrevistas

AZEREDO, Sandra Maria da Mata. Florianópolis/SC: 27 nov. 2003. Entrevista realizada pela Prof^a.dr^a. Joana Maria Pedro. Sandra Maria da Mata Azeredo, nasceu em 1946, em Belo Horizonte, Minas Gerais. É professora de Psicologia na Universidade Federal de Minas Gerais. Possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1969), mestrado em Psicologia (Psicologia Clínica) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1975) e doutorado em History of Consciousness pela University of Califórnia at Santa Cruz (1986). Entrou em contato com grupos de discussão feminista durante a década de 70 nos Estados Unidos. Atualmente, é pesquisadora voluntária da Universidade Estadual de Campinas, no Núcleo de Estudos de Gênero Pagu. Realizou estudos sobre vários temas: prostituição, violência de gênero, direitos reprodutivos, diversidade sexual, etc.

AZEVEDO, Eulália. Salvador/BA: 03 dez. 2004. Entrevista realizada pela Prof^a.dr^a. Joana Maria Pedro. Eulália nasceu em São Matheus, no interior da Bahia, em 1945. É mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia, e pesquisadora associado do NEIM - Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Mulher, na Universidade Federal da Bahia. Participou de movimentos estudantis, depois foi militante do PC do B – Partido Comunista do Brasil. Foi então como militante do PC do B que entrou em contato com o feminismo.

BANDEIRA, Lourdes Maria. Salvador/BA: 26 nov. 2003. Entrevista realizada pela Prof^a.dr^a. Joana Maria Pedro. Lourdes é atualmente membro do Conselho Editorial da Universidade Federal da Paraíba, e professora do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília e componente do NEPEM - Núcleo de Pesquisas sobre as Mulheres. Coordenadora da linha de pesquisa “Violência e Relações de Gênero” e “Feminismo e Relações Sociais de Gênero”, atua em dois projetos de pesquisa: “Feminismo e Relações de Gênero, Raça/Etnia e Geracionais” e “Gênero, Cidadania e Segurança Pública”.

BECK, Anamaria. Florianópolis/SC: 1º jul. 2003. Entrevista realizada por Janine Petersen. Anamaria Beck nasceu em 25 de julho de 1941, em Florianópolis, Santa Catarina. É professora aposentada do Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina.

BLAY, Eva Alterman. São Paulo/SP: 04 ago. 2004. Entrevista realizada pela Prof^a.dr^a. Joana Maria Pedro. Eva Alterman Blay nasceu em 04 de junho de 1937, em São Paulo, SP. É professora do Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo e

coordenadora científica do NEMGE – Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero. Entrou em contato com o feminismo quando, depois de terminar o curso de Sociologia, foi procurar um tema para fazer pós-graduação. Participou do Conselho da Mulher em São Paulo e foi Senadora. Presidiu o Conselho Estadual da Condição Feminina de São Paulo, quando ajudou a implantar um programa de creches e a criar a primeira Delegacia da Mulher. Possui graduação em Sociologia pela Universidade de São Paulo (1959), mestrado em Sociologia pela Universidade de São Paulo (1969) e doutorado em Sociologia pela Universidade de São Paulo (1973).

COSTA, Albertina de O. Entrevista realizada pela Prof^a.dr^a. Joana Maria Pedro. Albertina Costa é socióloga e pesquisadora da Fundação Carlos Chagas/SP, onde coordena o Programa de Treinamento em Pesquisa sobre Direitos Reprodutivos na América Latina e no Caribe (PRODIR) e no Programa Gênero, Reprodução, Ação e Liderança (GRAL). Integra o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM).

COSTA, Suely Gomes da. Florianópolis/SC: 17 fev. 2005. Entrevista realizada pela Prof^a.dr^a. Joana Maria Pedro. Suely Costa é doutora em História pela Universidade Federal Fluminense – UFF, onde atua como professora credenciada nos Programas de Pós-graduação em Serviço Social e História. Integrante do NUTEG – Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero e do NUPECH – Núcleo de Pesquisa em História Cultural da UFF.

DICKIE, Amélie. Florianópolis/SC: 11 ago. 2003. Entrevista realizada por Janine Petersen. Maria Amélia é doutora em Antropologia e coordenadora do NUR - Núcleo de Antropologia da Religião, do Departamento de Antropologia na Universidade Federal de Santa Catarina.

MENICUCCI, Eleonora. Cárceres/MT: 14 out. 2004. Entrevista realizada pela Prof^a.dr^a. Joana Maria Pedro. Eleonora Menicucci de Oliveira nasceu em 21 de agosto de 1944 em Lavras, Minas Gerais. É professora de Ciências Humanas em Saúde da Universidade Federal de São Paulo, atuou em grupo clandestino durante a ditadura sendo militante da POLOP e da POC. Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (1974), mestrado em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (1983) e doutorado em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (1990) e Livre Docência em Saúde Coletiva pela Faculdade de Saúde Pública da USP. Atualmente trabalha com as seguintes temáticas ligadas às relações de gênero: violência e saúde.

MOTTA, Alda Britto. Salvador/BA: 03 dez. 2004. Entrevista realizada pela Prof^a.dr^a. Joana Maria Pedro com Alda Britto da Motta, na Universidade Federal da Bahia. Nasceu em Sergipe e foi criada em Salvador – Bahia, em 1931. Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (1967), mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (1977) e doutorado em Educação pela Universidade Federal da Bahia (1999). Atua no NEIM – Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Mulher, na Universidade Federal da Bahia onde se dedica ao estudo de gênero e geração, sendo também fundadora e coordenadora da linha de pesquisa intitulada “Gênero, Geração

e Envelhecimento” na mesma instituição, da qual também é professora do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais.

PAULILO, Maria Inês da Silveira. Florianópolis/SC: 18 ago. 2003. Entrevista realizada por Janine Petersen. Maria Ignez nasceu em 14 de setembro de 1950 na cidade de Getulina, SP. Realiza pesquisas com a temática de gênero e meio rural como professora do Departamento de Sociologia e Ciência Política da Universidade Federal de Santa Catarina.

PRADO, Yolanda Serquim da Silva. São Paulo/SP: 05 ago. 2005. Entrevista realizada pela Prof^a.dr^a. Joana Maria Pedro. Danda Prado nasceu em 24 de outubro de 1929, em São Paulo/SP. Filha de Caio Prado Júnior envolveu-se, por causa do pai, nas lutas contra a ditadura militar. Foi para a França em 1970, lá teve contato com o movimento feminista francês, formou um grupo de mulheres latino-americanas que passou a publicar o jornal *Nosotras*. Atualmente é presidente da Editora Brasiliense.

RAGO, Margareth. Florianópolis/SC: 19 abr. 2004. Entrevista realizada pela Prof^a.dr^a. Joana Maria Pedro. Luzia Margareth Rago nasceu em São Paulo em 15 de setembro de 1948. É professora do Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas onde pesquisa gênero, feminismo e anarquismo, e colaboradora do GEISH - Grupo de Estudos Interdisciplinar em Sexualidade Humana, também da Unicamp.

TEIXEIRA, Analba Brasão. Florianópolis/SC: 18 mar. 2005. Entrevista realizada pela Prof^a.dr^a. Joana Maria Pedro. Analba Teixeira nasceu em 03 de agosto de 1960 na cidade de Natal, Rio Grande do Norte. É coordenadora do Coletivo Leila Diniz, integrante da Articulação de Mulheres Brasileiras, e trabalha com a temática violência conjugal e violência contra as mulheres na Universidade Estadual do Rio Grande do Norte.

SANTOS, Maria do Espírito Santo Tavares dos. Rio de Janeiro/RJ: 14 fev. 2005. Entrevista realizada pela Prof^a.dr^a. Roselane Neckel. Maria do Espírito Santo Tavares dos Santos, conhecida como “Santinha”, nasceu em Bacabal, Maranhão. Atua no Conselho Estadual de Saúde do Rio de Janeiro. Foi militante do Partido Comunista Brasileiro e designada por este partido para participar do movimento feminista no Rio de Janeiro.

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. Salvador/BA: 03 dez. 2004. Entrevista realizada pela Prof^a.dr^a. Joana Maria Pedro. Cecília Sardenberg nasceu em 12 de junho de 1949, em São Paulo, SP. É doutora em Antropologia pela Boston University, USA e atualmente atua como professora do Departamento de Antropologia e do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal da Bahia – UFBA. Foi uma das fundadoras do NEIM – Núcleo de Estudos Sobre a Mulher da FFCH/UFBA, do qual é diretora.

SELL, Teresa. Florianópolis/SC: 13 jul. 2003. Entrevista realizada por Janine Petersen. Teresa Sell nasceu em 29 de outubro de 1947 na cidade de Videira, em Santa Catarina. É professora aposentada do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina

SOIHET, Rachel. Florianópolis/SC: 02 set. 2004. Entrevista realizada pela Prof^a.dr^a. Joana Maria Pedro. Rachel Soihet nasceu em 27 de maio de 1938 na cidade de Salvador, Bahia. Foi para o Rio de Janeiro no início da década de 1950. É professora titular, atuando no programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (UFF), pesquisadora do CNPq e coordenadora atual do GT de Gênero da ANPUH.

Publicações e artigos (obras de divulgação)

ALMEIDA, Marlise Miriam de Matos. Uma luz em nosso caminho. CADERNOS PAGU. Simone de Beauvoir & os feminismos do século XX. Campinas, SP: Publicação do PAGU – Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, n.12, 1999, p. 145-156.

ALVES, Branca Moreira e PITANGUY, Jacqueline. O que é feminismo. São Paulo: Brasiliense, 1982.

ALVES, Branca Moreira. Ideologia e feminismo. A luta da mulher pelo voto no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1980.

BEDASEE, Raimunda. Simone de Beauvoir e a Crítica Feminista. In: MOTTA, Alda Britto da; SARDENBERG, Cecília; GOMES, Márcia. (Org.). Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas. Salvador: Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM: FFCH/ Universidade Federal da Bahia, Coleção Bahianas, n.5, p. 109-125, 2000.

CORREA, Mariza. Apresentação. CADERNOS PAGU. Simone de Beauvoir & os feminismos do século XX. Campinas, SP: Publicação do PAGU – Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, n.12, 1999, p. 07-10.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. Simone de Beauvoir e o amor americano (Um tributo a Simone de Beauvoir). CADERNOS PAGU. Simone de Beauvoir & os feminismos do século XX. Campinas, SP: Publicação do PAGU – Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, n.12, 1999, p. 93-101.

MOTTA, Alda Britto. A Simone, com carinho. In: MOTTA, Alda Britto da; SARDENBERG, Cecília; GOMES, Márcia. (Orgs.). Um diálogo com Simone de

Beauvoir e outras falas. Salvador: Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM: FFCH/ Universidade Federal da Bahia, Coleção Bahianas, n.5, 2000, p. 143-149.

NARDIN, Heliana Ometto. Natureza, cultura e Identidade em Beauvoir e em Paglia. In: MOTTA, Alda Britto da; SARDENBERG, Cecília; GOMES, Márcia. (Orgs.). Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas. Salvador: Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM: FFCH/ Universidade Federal da Bahia, Coleção Bahianas, n.5, 2000, p. 69-73.

PASSOS, Elizete. O Existencialismo e a Condição Feminina. In: MOTTA, Alda Britto da; SARDENBERG, Cecília; GOMES, Márcia. (Orgs.). Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas. Salvador: Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM: FFCH/ Universidade Federal da Bahia, Coleção Bahianas, n.5, 2000, p. 39-48.

SAFFIOTI, Heleieth. A mulher na sociedade de classes: mito e realidade. São Paulo: Livraria Quatro Artes Editora, 1969.

_____. Conferência: *O Segundo Sexo* à luz das Teorias Feministas Contemporâneas. In: MOTTA, Alda Britto da; SARDENBERG, Cecília; GOMES, Márcia. (Orgs.). Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas. Salvador: Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM: FFCH/ Universidade Federal da Bahia, Coleção Bahianas, n.5, 2000, p. 15-38.

_____. Primórdios do conceito de gênero. CADERNOS PAGU. Simone de Beauvoir & os feminismos do século XX. Campinas, SP: Publicação do PAGU – Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, n.12, 1999, p. 157-163.

SARDENBERG, Cecília M. B. Um diálogo possível entre Margareth Mead e Simone de Beauvoir. In: MOTTA, Alda Britto da; SARDENBERG, Cecília; GOMES, Márcia. (Orgs.). Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas. Salvador: Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM: FFCH/ Universidade Federal da Bahia, Coleção Bahianas, n.5, 2000, p. 75-107.

PRADO, Danda. Ser esposa: a mais antiga profissão. São Paulo: Brasiliense, 1979.
SOUZA, Vera Lúcia Costa; FERREIRA, Sílvia Lúcia. Aborto e Violência Conjugal: um diálogo com Simone de Beauvoir. In: MOTTA, Alda Britto da; SARDENBERG, Cecília; GOMES, Márcia. (Orgs.). Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas. Salvador: Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM: FFCH/ Universidade Federal da Bahia, Coleção Bahianas, n.5, 2000, p. 127-142.

SUPLICY, Marta. Reflexões sobre o cotidiano. [S.L]: Espaço e Tempo, 1986.

TELLES, Lygia Fagundes. Meu encontro com a escritora. CADERNOS PAGU. Simone de Beauvoir & os feminismos do século XX. Campinas, SP: Publicação do PAGU – Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, n.12, 1999, p. 59-63.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. Leitura História e História da Leitura. Mercado das Letras, 2000.

ALBERTI, Verena. Manual de História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1990.

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 70. Rio de Janeiro, IUPERJ, 1998. [Tese de doutorado]

ASCHER, Carol. Simone de Beauvoir: uma vida em liberdade. Tradução de Salvyano Cavalcanti de Paiva. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

BADINTER, Elisabeth. La Mère. In: GALSTER, Ingrid. (org) Simone de Beauvoir: Le Deuxième Sexe. Le livre fondateur du féminisme moderne en situation. Paris: Éditions Champion, 2004. P. 361. (Tradução livre – Joana Vieira Borges)

BEAUVOIR, Simone de. Memórias de uma moça bem comportada. Tradução: Sérgio Milliet. 3ª ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964.

_____. O Segundo Sexo: Fatos e Mitos. Tradução: Sérgio Milliet. 4ª ed. Rio de Janeiro: Difusão Européia do Livro, 1970. v.1

_____. O Segundo Sexo: A experiência vivida. Tradução: Sérgio Milliet. 3ª ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1975. v.2

_____. A moral da ambigüidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

BUTLER, Judith. Variações sobre sexo e gênero Beauvoir, Wittig e Foucault. In: CORNELL, Drucilla; BENHABIB, Sheila. Feminismo como crítica da modernidade. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987.

CADERNOS PAGU. Simone de Beauvoir & os feminismos do século XX. Campinas, SP: Publicação do PAGU – Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, n.12, 1999.

_____. Debate: Gênero, Trajetórias e Perspectivas. Campinas, SP: Publicação do PAGU –

Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, n.11, p. 42-155. 1998.

CERTEAU, Michel. Ler: uma operação de caça. In: _____. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHAPERON, Sylvie. Auê sobre *O Segundo Sexo*. CADERNOS PAGU, Campinas, SP: Publicação do PAGU – Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, n.12, p. 37-53, 1999.

_____. A segunda Simone de Beauvoir. Tradução de Carmem Cacaiarro. In: Novos Estudos. N. 57, p. 103-123. Julho de 2000.

CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação. In: Estudos Avançados 11(5), 1991.

_____. A aventura do livro: do leitor ao navegador. Tradução de Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP/ Imprensa Oficial do Estado, 1999.

_____. As práticas da escrita. In: In: ARIES, Philippe; DUBY, Georges. História da vida privada. 5 v. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. Textos, Impressão, Leituras. In: HUNT, Lynn. A nova história cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Tradução de Mary Del Priori. Brasília: Editora Universitária de Brasília, 1999.

_____. Práticas de Leitura. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

_____. Os desafios da escrita. Tradução Fúlvio M. L. Moretto. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

_____. À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude. Tradução Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

COSTA, Albertina de O, et al. Memórias das mulheres do exílio. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

COSTA, Cristiane. A tradição beauvorista. In: Veredas, v. 4, n. 39, p. 23, mar. 1999.

DARTON, Robert. História da Leitura. In: BURKE, Peter (org). A Escrita da História: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

DEJEAN, Joan. Antigos contra Modernos: as guerras culturais e a construção de um *fin de siècle*. Tradução Zaida Maldonado. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

DUARTE, Ana Rita Fonteles. Carmen da Silva: o feminismo na imprensa brasileira. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005. Série História e Memória do Jornalismo.

ECK, Hélène. As mulheres francesas sob o regime de Vichy. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. História das Mulheres no Ocidente. Vol. 5: O Século XX. Porto/São Paulo: Edições Afrontamento/EBRADIL, 1995.

EL-FAR, Alessandra. O livro e a leitura no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed, 2006.

ERGAS, Yasmine. O sujeito mulher. O feminismo dos anos 1960-1980. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. História das Mulheres no Ocidente. Vol. 5: O Século XX. Porto/São Paulo: Edições Afrontamento/EBRADIL, 1995.

FRANCIS, Claude; GONTIER, Fernand. Simone de Beauvoir. Tradução: Oswaldo Barreto. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986.

FRIEDAN, Betty. A mística feminina. Petrópolis: Vozes, 1971.

GALSTER, Ingrid. Cinquenta anos depois de *O Segundo Sexo*, a quantas anda o feminismo na França?: Uma entrevista com Michelle Perrot. Estudos Feministas. Florianópolis. Vol. 11. Nº. 2. Jul/Dez, p.509-521, 2003.

GANDELMAN, Luciana M. Gênero e ensino: parâmetros curriculares, fundacionalismo biológico e teorias feministas. In: ABREU, Martha e SOIHET, Rachel. Ensino de História. Conceitos, temáticas e metodologia. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

- GOLDBERG, Anette. Tudo começou antes de 1975: idéias inspiradas pelo estudo da gestação de um feminismo “bom para o Brasil”. In: Relações de gênero X Relações de sexo. Departamento de Sociologia. Pós-Graduação. Núcleo de Estudos da Mulher e Relações de Gênero, 1989.
- GONÇALVES, Lisbeth Rebollo. Sérgio Milliet Crítico de Arte. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- _____. (Org). Sérgio Milliet: 100 anos: Trajetória, Crítica de Arte e Ação Cultural. São Paulo: IMESP - IMPRENSA OFICIAL, 2005.
- GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger. Práticas de Leitura. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p. 107-116.
- _____. As práticas literárias ou a publicidade do privado. In: ARIES, Philippe; DUBY, Georges. História da vida privada. 5 v. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- GRUPO CERES. Espelho de Vênus: identidade sexual e social da mulher. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- LEITE, Rosalina de Santa Cruz. Brasil Mulher e Nós Mulheres: Origens da Imprensa Feminista Brasileira. Estudos Feministas, v. 11, n.1, p. 234-241, 2003.
- LOBO, Luiza. Simone de Beauvoir e depois. Gênero – Revista do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero - NUTEG. Niterói: Ed. UFF, v.1, n.2, p.49-60, 1. sem. 2001.
- MALUF, Marina. Ruídos da Memória. São Paulo: Siciliano, 1995. p. 45.
- MANGUEL, Alberto. Uma história da leitura. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MANINI, Daniela. A crítica feminista à modernidade e o projeto feminista no Brasil dos anos 70 e 80. In: Cadernos AEL – Mulher, história e feminismo. N. ¾, p. 45-67, 1995/1996.
- MITCHELL, Juliet. Mulheres: a revolução mais longa. In: Revista Civilização Brasileira. Ano III. Nº. 14. Julho. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1967. Bimestral.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. A experiência feminista dos anos setenta. Araraquara/SP: Unesp, 1990.

_____. Marxismo e feminismo: afinidades e diferenças. In: Crítica Marxista, n.11, p. 89-97, 2000.

MOTTA, Alda Britto da; SARDENBERG, Cecília; GOMES, Márcia. (Orgs.). Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas. Coleção Bahianas, n.5. Salvador: Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM: FFCH/ Universidade Federal da Bahia, 2000.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Em guarda contra o Perigo Vermelho; o anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 2002. p. 64-66.

NARI, Marcela María Alejandra. No se nasce feminista, se llega a serlo. Lecturas y recuerdos de Simone de Beauvoir em Argentina, 1950 y 1990. In: MORA – Revista del Instituto Interdisciplinario de Estudios de Género. Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Buenos Aires. n. 8, p. 59-72, Diciembre 2002.

NICHOLSON, Linda. Feminismo e Marx: Integrando o Parentesco com o Econômico. In: BENHABIB, Seyla e CORNELL, Drucilla (orgs.) Feminismo como crítica da modernidade. Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos tempos, 1987.

_____. Interpretando o gênero. In: Estudos Feministas. Florianópolis, vol.8, n.º 2/2000.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. História, Franca, v. 24, n. 1, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742005000100004&lng=pt&nrm=iso . Acesso em 20 de outubro de 2006.

_____. Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978). Revista Brasileira de História, São Paulo: Anpuh, n.52, vol. 27, 2007 (no prelo).

PETERSEN, Janine. Formação de Grupos Feministas em Santa Catarina – Década de 1980. Florianópolis. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2006.

PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. Mulheres: igualdade e especificidade. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla B. (Orgs.). História da Cidadania. São Paulo:

Contexto, 2003, p. 265-309.

PINTO, Céli Regina Jardim. Uma história do feminismo no Brasil. São Paulo. Editora Fundação Perseu Abramo, 2003. p. 52-66.

PISCITELLI, Adriana; BELELI, Iara; LOPES, Maria Margaret. Cadernos Pagu: Contribuindo para a consolidação de um campo de estudos. In: Estudos Feministas. Florianópolis. Vol. 11, Nº1. Jan-Jun, p. 242-246, 2003.

PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. In: Tempo. Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996.

RIDENTE, Marcelo; BASTOS, Elide Rugai; ROLLAND, Denis. Intelectuais: sociedade e política, Brasil – França. São Paulo: Cortez, 2003.

ROLNIK, Suely. Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização. In: LINS, Daniel (org.). Cultura e Subjetividade: Saberes nômades. Campinas, SP: Papirus, 1997.

ROMANO, Luís Antônio Contatori. A passagem de Sartre e Simone de Beauvoir pelo Brasil em 1960. Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 2002.

ROWLEY, Hazel. Tête-à-Tête. Tradução de Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade. Jul/Dez. p. 05-22. Porto Alegre, 1990.

_____. A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem. Tradução de Élvio Antônio Funck. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2002.

SIRINELLI, Jean-François. A geração. In: (Org) FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. Usos e Abusos da História Oral. 5ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002, p. 132.

SARTRE, Jean-Paul. Sartre no Brasil: a conferência em Araraquara. Tradução de Luiz

Roberto Salinas Fortes. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: UNESP, 1986.

SCHWARZER, Alice. Simone de Beauvoir hoje. 2ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

TELES, Maria Amélia de Almeida. Breve história do feminismo no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1993.

WINOCK, Michel. O Século dos Intelectuais. Bertrand Brasil, 2001.

Sites pesquisados:

BEAUVOIR, Simone de. 'Simone de Beauvoir: The Second Sex 25 years later', Society, Jan.-Feb. 1976, 79-8. Entrevista concedida a John Gerassi. Disponível em: <http://www.simonebeauvoir.kit.net/artigos_p02.htm>. Acesso em: 13 jan. 2007.

CADERNOS PAGU. Disponível em: <http://www.unicamp.br/pagu/cadernos_pagu.html>. Acesso em: 05 set. 2006.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Disponível em: <<http://www.bn.br>>. Acesso em: 31 jan. 2007.

MACIEL, Sheila Dias. Termos de *Literatura Confessional* Em Discussão. Disponível em: <http://www.ceul.ufms.br/guavira/numero1/macielsheila_e.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2007.

NEIM – Núcleo de Estudos Interdisciplinares Sobre a Mulher. Disponível em: <<http://www.neim.ufba.br/>> Acesso em: 05 set. 2006.

PORTAL FEMINISTA. Disponível em: <www.portalfeminista.org.br>. Acesso em: 14 jan. 2007.